BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA

SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXXII • SETEMBRO DE 1957 • Nº 367

CAFÉ
COLHEITA
SECCAGEM
EXPORTAÇÃO

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Rua 15 de novembro, 111 - 15.º and.

Ano XXXII | SETEMBRO DE 1957 | Número 367

Sumário

COLABORAÇÃO:

Prós e contras do café solúvel — J. Testa

Pragas do cafeeiro — I — Francisco A. M. Marieoni

O café "mundo novo" — Eng. Ag. José Gomes da Silva

Normas para a formação de mudas de café — Plínio Parreira

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

"Cafèzais novos em terras velhas"

Normas para o transporte rodoviário da safra cafeeira de 57/58

As moléstias do cafeeiro

Ainda a nova ordem cafeeira

Adubação das covas

São Pedro, a fazenda pioneira do sombreamento — José Alcântara

Emprêgo do alfange nos cafèzais

O café na zona de Araraquara — Primo Pinotti

Aumenta a preparação de cafés solúveis nos E.U.A.

Irrigação dos cafèzais — José L. Papousek

Assistência à cafeicultura

A poda do cafeeiro — Alcides Carvalho

Aspectos econômicos do uso dos herbicidas

Carta do sr. Júlio Balza

Uma séria doença do cafeeiro — Sebastião Silva

Cuidados com o café novo

Ecos do XIX congresso nacional dos cafeicultores da Colômbia

Conselhos úteis ao lavrador

Sol e café — Pedro Correia Neto

Nutrição do cafeeiro

Reforça-se a posição dos cafés africanos nos E.U.A.

Observou-se queda de 12% na exportação brasileira de café da safra recém-finda

Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio — Port. 232

Exportação de café brasileiro no mês de junho

Exportação de café

A adubação do cafeeiro

Adubos e acidez do solo

O que dizem, de nossas, publicações, os seus leitores — Continuação

Cobertura do solo

A posição estatística do café a 30-6-57 no Brasil

O Café visto nos Estados Unidos (cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — agôsto — n.ºs 1047 a 1051)

ESTATÍSTICAS:

Quadros diversos sôbre o movimento cafeeiro.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO
COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS — COFRES
DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina
Aeroporto de Congonhas (Capital)
Amparo
Andradina
Araçatuba
Araraquara
Araras
Atibaia
Avaré
Barretos
Batatais
Bauru
Bebedouro
Botucatú
Birigui
Bragança Paulista
Brás (Capital)
Caçapava
Campinas
Campos de Jordão
Casa Branca
Catanduva
Dracena
Franca
Gália
Guaratinguetá
Ibitinga
Itapetininga
Itapeva
Itú
Ituverava
Jaboticabal
Jaú
Jundiaí
Lençois Paulista
Limeira
Lins
Lucélia
Marília
Mirassol
Mogi-Mirim
Novo Horizonte
Olímpia
Ourinhos
Palmital
Penápolis
Pinhal
Piracicaba
Pirajuí
Pirassununga
Pompéia
Presidente Prudente
Presidente Venceslau
Quatá
Rancharia
Registro
Ribeirão Preto
Rio Claro
Santa Cruz do Rio Pardo
Santo Anastácio
Santos
S. Bernardo do Campo
São Carlos
São João da Bôa Vista
São Joaquim da Barra
São José do Rio Pardo
São José do Rio Preto
São Simão
Sorocaba
Tanabí
Taubaté
Tietê
Tupã

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás
Goiania — "
Campo Grande — Mato Grosso
Natal — Rio Grande do Norte
Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Rio de Janeiro — Distrito Federal
Uberlândia — Minas Gerais

MATRIZ: Praça Antônio Prado, 6 — São Paulo — Caixa Postal, 789 — Endereço telegráfico: BANESPA

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

NOSSA CAPA

"Cafèzais novos em terras velhas"

Exuberante lavoura formada em terra velha, de pasto, pelo progressista agricultor Osvaldo Rezende, de Ouro Fino, M. G., que diz tê-lo conseguido em virtude dos ensinamentos divulgados por esta S.S.C., principalmente o folheto "Conservação do Solo em Cafèzal", do eng. agrônomo João Quintiliano de Avelar Marques.

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

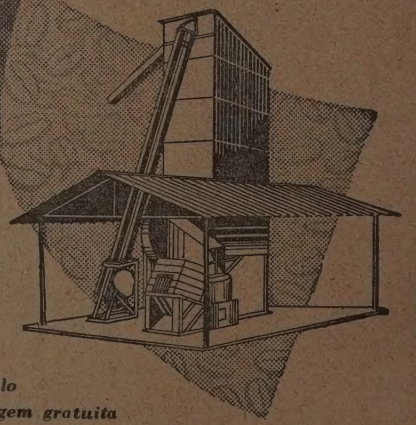
PARA OBTER *cafés finos*

Instale imediatamente na sua fazenda um

SECADOR MOREIRA

no qual, o café é secado com perfeita igualação e despejado diretamente na tulha definitiva.

SECADOR MOREIRA
Mod. 101-B
Força motriz 5 HP - Consumo de lenha (cada 10 horas) 1 m3 - Capacidade 150 sacos de 100 litros (cada carga)



- Serviço fácil, rápido, eficiente e MAIS ECONÔMICO, empregando apenas um operário.

- As larvas e ovos da broca são totalmente destruidos.

No passado o lavrador esteve sujeito ao "bom ou mau tempo"; hoje êste problema fundamental, de que depende o lucro, está superado com o emprêgo do SECADOR MOREIRA. Mesmo com o "bom tempo", a secagem no terreiro, fica muito mais onerosa, devido ao número de empregados que exige.

- SECADOR MOREIRA assegura um serviço rápido, possibilitando a entrega do café, nas melhores oportunidades do mercado.

Siga o exemplo dos mais adiantados fazendeiros que, como os compradores e comissários de café preferem o SECADOR MOREIRA para seu próprio uso.

Promotion

Dispensa construção para abrigá-lo
Entrega imediata *Montagem gratuita*

Máquinas Moreira S.A.

R. da Moóca, 2100 - Fone: 9-1164 (14 ramais) Caixa Postal 2100
End. Telegr. "SECADORES" - S. Paulo

SECADOR MOREIRINHA
Mod. 102-B
Força motriz 3 HP - Consumo de lenha (cada 10 horas) 1/2 m3 - Capacidade 75 sacos de 100 litros (cada carga)

Prós e contras do café solúvel

Tarifa protecionista ao produto, nos Estados Unidos?

J. TESTA

Publicaram, recentemente, as fontes de informação nacionais e estrangeiras sôbre o café, algumas notícias que julgamos interessante transcrever e comentar, relativamente ao café solúvel.

Uma delas, o *Annual Coffee Statistics* referente a 1956, edição do "Bureau Pan Americano do Café", que acaba de ser distribuido, nos revela que o café solúvel consumido nos Estados Unidos, no último inverno, atingiu a 17,7% do total. O número de xícaras por pessoa e por dia ascendeu, quanto ao solúvel, de 0,37 a 0,50, enquanto que relativamente ao café comum subiu apenas de 2,30 a 2,32, isto do inverno de 1955 ao de 1957.

Outras dessas fontes de informação (a revista *Café Vert*, do Havre, o *Boletim Delamare*, *G. Gordon Patton* e outras) nos dão conta de que também na Europa, embora mais lentamente, aumenta, em quase todos os países, especialmente na Suiça, o consumo dos cafés solúveis. E, de outra parte, trazem-nos também informações de que várias usinas se vêm instalando para a industrialização do café, nêsse sentido, entre elas a "Sicafé", da Companhia Três Montés S/A., em Valparaiso, no Chile, e a da Indústria de Café S/A., na Guatemala.

É já de 3,5% o consumo do café solúvel na Europa, especialmente na Suiça, Alemanha, Holanda e Inglaterra. No primeiro dêsses países, aliás a região de origem do solúvel europeu, já atinge a 15% e na Alemanha e Holanda a 6%, sendo que a companhia americana "General Foods" está ultimando, em Hamburgo, a instalação de uma grande fábrica do seu café "Maxwell", precedida de intensa publicidade. Nos países do Sul da Europa (Itália, França e outros), onde é constante a preferência pelo café tradicional, o solúvel não tem despertado muito interêsse; mas, no Norte, com exceção talvez dos países escandinavos, o progresso do "Instant Coffee" é notável.

* * *

No Brasil, como sabemos, além de uma usina situada no interior do Estado de São Paulo, nada mais existe, no momento, mas, conforme notícias divulgadas pela imprensa, vêm-se cogitando da instalação de usinas produtoras do café solúvel.

Isto posto, verifica-se que há um interêsse mundial pelo produto, o que é fàcilmente compreensível, dado o fácil manuseio dêsse gênero alimentício num mundo cada vez mais apressado.

Tem o café solúvel os seus prós e contras. E, de há muito seus defensores e opositores reeditam argumentos favoráveis ou contrários à nova forma de apresentação da tradicional bebida. Seria interessante que os recapitulásse-

mos, antes de examinar um novo aspecto da questão surgido agora e que, êste sim, nos parece digno de ser devidamente ponderado.

Os argumentos dos contrários à expansão do café solúvel são, principalmente, os seguintes:

1) seu uso faz com que se consiga maior economia do produto, dado o aproveitamento integral do pó e, consequentemente, uma certa redução do consumo;

2) o artigo industrializado assim obtido não possui tôdas as qualidades de perfume e sabor do produto natural;

3) facilita o emprêgo de cafés de qualidade inferior, principalmente de nossos maiores concorrentes do momento, os africanos;

4) seu fabrico nos países cafeicultores poderia criar represálias no maior centro importador, os Estados Unidos, que é também o maior produtor de café solúvel.

A êsses argumentos opõem os seguintes, os defensores da industrialização do café solúvel:

1) maior penetração em camadas populacionais que tinham dificuldade em usar o café tradicional, inclusive em países não consumidores, donde um aumento, nêsse particular, do consumo geral, capaz de compensar a perda decorrente da necessidade de menores quantidades do produto para preparar a infusão;

2) aproveitamento dos subprodutos (adubos, plásticos, etc.), nas próprias regiões cafeicultoras;

3) emprêgo da mão-de-obra autóctone nesse processo de industrialização;

4) necessidade de menor praça nos navios, para o transporte do café aos mercados consumidores;

5) possibilidade da criação de marcas nacionais uniformes e padronizadas;

6) aproveitamento racional de todos os tipos de café produzidos na região cafeicultora.

As vantagens parecem mais numerosas e ponderáveis que as desvantagens. Mas, o óbice constituido pela possibilidade de represálias aduaneiras nos maiores centros consumidores, e também fabricantes do solúvel, não é tão desprezível como se afigurava há algum tempo, haja vista às "demarches" realizadas em tôrno do assunto pela *"National Coffee Association"*, conforme editorial da "Tea & Coffee Trade Journal", que abaixo transcrevemos.

Há anos atrás, quando se discutia êsse assunto, concomitantemente com o do plantio de cafèzais no Paraguai, inclusive por cafeicultores brasileiros, houve quem protestasse veementemente, exigindo providências de nossas autoridades. Examinando o problema, tivemos ocasião de dizer que sua evolução era incoercível, sendo fruto das contigências da vida moderna e do próprio individualismo capitalista, não nos sendo possível impedir que quaisquer plantadores, mesmo não brasileiros, plantassem café na vizinha república, o que nos seria ainda maior prejuízo; e que igualmente não se poderia impedir a marcha progressiva do solúvel nos Estados Unidos e em outras regiões.

O caso, agora, é, todavia, diferente. Não se trata de procurar impedir o progresso do café solúvel. O que se tem em vista é saber até que ponto nós

outros, os países cafeicultores, poderemos também industrializar, o produto, sem o risco de represálias aduaneiras.

O problema exige atenção e estudo de nossas autoridades cafeeiras.

Damos, abaixo, para conhecimento de nossos leitores, um apanhado do editorial de "Tea & Coffee Trade Journal", reproduzido da "Carta Semanal" do *"Bureau Pan-Americano do Café"*:

"Durante os dois últimos anos, os comerciantes norte-americanos, que negociam com o café verde e com o café torrado manifestaram frequentemente a sua preocupação a respeito do estabelecimento das fábricas de café solúvel nos países produtores, e das conseqüências dessa crescente produção no comércio do café nos Estados Unidos.

Tendo em vista essas preocupações, a National Coffee Association (NCA) organizara um Comitê premanente já em 1955, com a finalidade de investigar constantemente a situação e de prestar informações periódicas à Junta Diretiva daquela entidade.

Em 17 de maio de 1957, a Junta da NCA distribuiu, pela segunda vez, entre os seus membros, um resumo completo das conclusões a que havia chegado o referido Comitê sôbre o café solúvel. Essas conclusões estão, em essência, de acôrdo com as informações iniciais fornecidas pelo Comitê, posteriormente reafirmadas pelo mesmo na Convenção Anual realizada pela NCA em novembro de 1956. Depois de considerar numerosos aspectos do problema, o Comitê aprovou, por unanimidade, um relatório que termina com a seguinte recomendação:

"O Comitê não acha que, nas presentes circunstâncias, se deve solicitar ao Congresso nenhuma tarifa protecionista ou qualquer alteração nas tarifas atuais impostas ao café solúvel e não julga que tal solicitação possa ser acolhida favoràvelmente, enquanto os atuais impostos nacionais sôbre os demais cafés não sejam modificados e enquanto os países produtores de café não concedam subsídios injustos a favor do café solúvel.

O Comitê reconhece que se no futuro o volume do café solúvel importado nos Estados Unidos alcançar proporções consideráveis em relação ao volume total do café importado, então, em reconhecimento das convicções de muitos membros do comércio, terá que ser modificada esta recomendação".

O Comitê se mostra preocupado com a existência de fábricas de café solúvel em 15 ou 20 pontos no estrangeiro e com a construção de novas fábricas, na América Latina, na Europa, na Ásia, na África e na Austrália. "Nessas condições" — diz o relatório do Comitê — "é obvio que a produção do café solúvel no estrangeiro será cada vez maior e que, em consequência disso, poderá aumentar a importação de café solúvel nos Estados Unidos".

Antes de expor a conclusão negativa do Comitê, o resumo em questão diz o seguinte:

"Além disso, foi sugerido ao Comitê que a livre importação do café solúvel poderia ser desastrosa para a indústria do café nos Estados Unidos e prejudicaria materialmente as indústrias correlatas que presentemente fazem o beneficiamento e a distribuição do café".

Se o relatório fôsse mais positivo a respeito da gravidade da situação e apresentasse com clareza o perigo que correm os países produtores, poderia influir nestes últimos, no sentido de não se apressarem a instalar fábricas novas de café solúvel, cujo produto entraria em competição com os seus próprios fregueses de café verde.

O comércio do café dos Estados Unidos está imensamente preocupado com a competição desastrosa que poderá causar a importação do café solúvel produzido no estrangeiro, e, naturalmente, em sua grande maioria, os torradores desejam que sejam tomadas medidas imediatas para se impedir a importação de café solúvel, que êles consideram como uma ameaça aos seus negócios estabelecidos, a qual põe em perigo consideráveis investimentos das emprêsas norte-americanas."

PRAGAS DO CAFEEIRO

Francisco A. M. Marieoni
(do Instituto Biológico)

I

INTRODUÇÃO

Principais depredadores: notas descritivas, combate, etc.

Várias dezenas de insetos hospedam-se no cafeeiro, causando maior ou menor prejuízo para a planta, alguns caracois e ácaros, também têm o cafeeiro por hospedeiro.

Neste primeiro artigo, vamos dar resumidamente, quais as pragas que vamos abordar; depois desta introdução, detalharemos, uma a uma.

1) Cigarrinha dos vegetais — *Aethalion reticulatum* (L.). Localiza-se nos ramos das plantas, onde forma colônias.

2) Aleurodídeo — *Aleurothrixus floccosus* (*Mask*) Localiza-se na página inferior das fôlhas, onde pode formar grandes colônias.

3) Caruncho das tulhas — *Araecerus fasciculatus* (De G.). As larvas desenvolvem-se nos frutos de café em côco, murchos ou velhos, nos depósitos.

4) Traça do café — *Auximobasis coffeaella* Busck. As lagartas vivem em frutos velhos; as sementes perfeitas não são depredadas.

5) Mosca do mediterrâneo — *Ceratitis capitata* (Wied.). As larvas vivem da polpa e muscilagem do café cereja; as sementes não são atacadas.

6) Cochonilha verde — *Coccus viridis* (Green). Localiza-se nas fôlhas e ramos. Prefere plantas situadas em solos úmidos e sombreados.

7) Cochonilha branca — *Pseudococcus citri* (Risso). Localiza-se, de preferência, nas raízes; os ramos e frutos também podem ser atacados.

8) Cochonilha parda — *Saissetia bemisphaerica* (Tg.-Tz.). Fixa-se nas fôlhas e ramos.

9) Lagarta gelatinosa — *Dalcera abrasa* Herr.-Sch.. Depreda fôlhas e brotos. Sua constatação, em cafeeiro, é recente.

10) Besouro — *Euphoria lurida* (Fabr.). Alimenta-se da polpa melosa dos frutos maduros.

11) Cigarra — *Fidicina drewseni* (St.). As formas jovens sugam seiva das raízes. Os adultos pouco mal causam às plantas, ao contrário das formas jovens.

12) Cigarra — *Fidicina fasciculata* (Germ.). Idem.

13) Cigarra — *Fidicina mannifera* (Fabr.). Idem.

14) Cigarra — *Fidicina pullata* (Berg). Idem.

15) Cigarra — *Quesada gigas* (Ol.). Idem.

16) Cigarra — *Quesada sodalis* Walk.). Idem.

17) Broca do café — *Hypothenemus hampei* (Ferr.). Larvas e adultos vivem à custa dos frutos; as sementes são destruidas, à medida que as larvas vão se desenvolvendo.

18) Vaquinha — *Macrolactylus suturalis Mann.*. Os besouros prejudicam as flores.

19) Curuquerê dos capinzais — *Mocis repanda* (Fabr.). As lagartas depredam a folhagem.

20) Bico-cesto — *Oiketicus kirbyi* (Lands-Guild.). As lagartas depredam a folhagem. Há dúvida quanto à identidade.

21) Caracol — *Orthalicus phlogera* (Spix). Devora fôlhas e roí a casca do tronco e galhos.

22) Caracol — *Orthalicus pulchellus* (Orb.). Idem.

23) Ácaro do cafeeiro — *Paratetranychus ilicis* Mc Gr.. Localiza-se na página superior do cafeeiro.

24) Bicho-mineiro — *Perileucoptera caffeella* (Guér.-Mén.). As lagartas vivem entre as duas páginas das fôlhas.

25) Besouro —*Pantomorus godmani* (Crot.). Depreda a folhagem.

26) Percevejo castanho — *Scaptocoris castaneus* Perty. Formas jovens e adultos sugam seiva das raízes.

Nem todos apresentam grande importância; todavia, é comum um inseto não produzir estragos, durante alguns anos e, repentinamente, chamar a atenção de todos, devido às devastações ocasionadas. Como exemplo, citamos o besouro *P. godmani* (n.º 25) e o bicho-cesto (n.º 20).

Até maio de 1953, ignorava-se a presença do percevejo castanho, em cafeeiro ; nessa ocasião, encontramo-lo, em grande quantidade, em cafèzal de Santa Cruz das Palmeiras. Posteriormente, outros cafèzais, em diversas regiões do Estado, também têm sido invadidos.

No próximo artigo, como já dissemos, iniciaremos o estudo de cada praga; são de grande interêsse, o conhecimento da biologia do depredador e seu reconhecimento. Após isso, o lavrador deve por em execução as medidas de combate, sabendo exatamente as concentrações e tóxicos a serem empregados.

INSETICIDAS DE AÇÃO FUMIGANTE

Os fumigantes são inseticidas orgânicos que, na forma de gases, matam os insetos; êstes "coletam" o ar, por meio de aberturas externas denominadas *espiráculos* ou *estigmas,* localizadas no tórax e abdômen (larvas e adultos possuem tais aberturas receptoras; nem todos os insetos possuem espiráculos torácicos mas, no abdômen são comuns e numerosos, pois em cada segmento abdominal, há um par dessas aberturas).

O ar penetra pelos espiráculos, sendo, a seguir, distribuido por todo o corpo do inseto, por meio de uma extensa rêde de tubos denominados *traquéias;* estas, ramificam-se em tubos muito finos e delicados, denominados *traquéolas,* que levam o ar às células.

Soltando-se um fumigante, num recinto fechado, os insetos que aí estiverem respiram ar envenenado; o gás penetra pelos estigmas, passa pelas traquéias e traquéolas, indo finalmente, alcançar as células. Se o gás fôr enérgico e o recinto ficar fechado, por um tempo mais ou menos longo (variável com o fumigante, temperaoura, etc.), os insetos morrem.

Por motivo dos fumigantes agirem sôbre o aparelho respiratório, quanto maior o rítimo respiratório, mais ràpidamente se dará a morte do inseto. Aumentando o ritmo respiratório, mais depressa o inseto absorve uma quantidade mortal de gás.

Diversos fatores podem contribuir para aumentar o ritmo respiratório; dentre êles, merecem atenção especial, o aumento da temperatura e o vácuo parcial. Quando se deseja expurgar algum produto, grande quantidade de fumigante será necessária, se a temperatura ambiente fôr muito baixa, por exemplo, de 0 a 10 graus c; se a temperatura fôr de 30 graus C ou mais, a quantidade de inseticida será menor, pois a atividade respiratória do inseto é maior. Em temperaturas baixas, alguns fumigantes não se volatilizam direito. Quando se extrai o ar das câmaras de expurgo, também será necessário menor quantidade de fumigante, devido à maior atividade respiratória do inseto.

Fumigantes mais conhecidos: da lista que damos a seguir, alguns ainda não aparecem no mercado brasileiro.

Bissulfeto de carbono	"Mistura D-D"
Brometo de metila	Nafitaleno
Cloropicrina	"Nemagon"
Diblometo de etileno	Nicotina
Dicrobeto de etileno	Oxido de etileno
Gás cianídrico	Tetracloreto de carbono

Dos fumigantes mencionados, alguns são mais empregados no expurgo de sementes e produtos alimentícios; outros, são próprios para a fumigação do solo, etc. O dibrometo de etileno, "Mistura D-D" e "Nemagon", entretanto, são pouco empregados como inseticidas e sim, como nematicidas do solo, isto é, destinam-se a combater nematóides.

*Propriedades exigidas nos fumigantes*s são as seguinte:

1) Ser muito eficaz contra os insetos (larvas, pupas e adultos; melhor ainda, quando também atua contra os ovos).

2) Se fôr líquido, deve volatilizar-se ràpidamente; isso acontecerá, se o líquido possuir tensão de vapor suficiente, à temperatura comum.

3) Não ser solúvel na água.

4) Possuir alto poder de penetração de baixo coeficiente de absorção, não deixando resíduo nos produtos tratados.

5) Ter boa estabilidade química.

6) Não ser inflamável ou explosivo.

7) Ser de fácil manuseio.

8) Não ser tóxico ao homem e demais mamíferos.

9) Não prejudicar a germinação das sementes e ser tolerado pelas plantas.

10) Ser econômico.

Dar-se-ia o nome de *fumigante ideal,* ao que apresentasse tôdas as propriedades acima; entretanto, não há fumigante ideal, pois nenhum possuí tôdas essas propriedades. O brometo de metila, entretanto, aproxima-se do ideal. O bissulfeto de carbono possuí diversas grandes desvantagens, mas apesar disso, é o mais usado no Brasil.

Vejamos, separadamente, cada ítem exigido:

1) Se o fumigante não tiver atividade sôbre os insetos, não tem nenhum valor como inseticida. Caso tenha, sua ação não deve se restringir aos insetos adultos e sim, também aos outros estágios (ovos, larvas e pupas); entretanto, os ovos de alguns insetos são muito resistentes. O expurgo dos cereais atacados pela "traça dos cereais", em geral, é feito 2 vêzes; no 1.º tratamento, são mortos os insetos adultos (mariposas), larvas e pupas (crisálidas), mas os ovos escapam. Passado algum tempo, dos ovos nascem larvas; faz-se novo expurgo e as larvas morrem.

2) Propriedade muito importante; os fumigantes, cujos gases têm maior tensão de vapor são o gás cianidríco, óxido de etileno e formiato de etila (êste não abordaremos).

3) Quanto mais insolúvel na água, melhor. Os muito solúveis não devem ser usados no expurgo de substâncias com certa riqueza de água, pois esta retêm pequena porcentagem do inseticida. Muito pouco solúveis são o tetracloreto de carbono, brometo de metila e bissulfeto de carbono.

4) Um fumigante que tem bom poder de penetração, com facilidade vai matar os insetos que estão no interior das substâncias expurgadas (sacas, grãos, tubérculos, raízes, etc.). Além disso, os fumigantes não devem permanecer nos produtos armazenados. O gás cianidríco e o dicloreto de etileno deixam vestígios de sua presença nos produtos tratados, não sendo, por isso, recomendável o seu emprêgo, em substâncias alimentícias.

5) Os fumigantes não devem se decompor com facilidade, e nem atacar os vasilhames em que estão ou alterar os produtos expurgados.

6) Apesar da importância dêste ítem, diversos fumigantes são inflamáveis e explosivos. Vejamos: *Inflamáveis* — bissulfeto de carbono, gás cianídrico, formiato de etila, dicloreto de etileno e óxido de etileno. *Não inflamáveis* — brometo de metila, cloropicrina, dibrometo de etileno e tetracloreto de carbono.

O bissulfeto de carbono, além de inflamável é explosivo, propriedades estas não levadas em consideração, pela maior parte de nossos agricultores.

Para se evitar o poder inflamável, misturam-se os fumigantes inflamáveis com substâncias anti-comburentes. Exemplo: brometo de metila + bissulfeto de carbono. Esta mistura não oferece perigo de fogo. Aos outros fumigantes inflamáveis, podem-se acrescentar o brometo de metila ou o tetracloreto de carbono, para se evitar o mesmo risco.

7) Um fumigante de difícil manipulação e armazenagem não oferece muito interêsse, ao contrário dos demais, com propriedades opostas. Atualmente, graças à descoberta de aparelhos especiais, a manipulação dêsses fumigantes, outrora difícil, tornou-se mais simples.

8) Quanto à toxicidade para o homem e outros mamíferos, infelizmente, todos oferecem perigo, devendo ser manuseados com cuidado, adotando-se tôdas as precauções. Alguns são muito perigosos, como o gás cianídrico e outros devendo ser manipulados, sòmente por pessoal altamente capacitado.

9) Os fumigantes não devem prejudicar a germinação das sementes e danificar as plantas vivas. A cloropicrina e óxido de etileno prejudicam a germinação, ao passo que o brometo de metila, bissulfeto de carbono, tetracloreto de carbono, gás cianídrico e outros, em geral, não.

O brometo de metila não danifica as plantas, quando usado em doses e condições normais. O gás cianídrico não deve ser aplicado em plantas muito delicadas. A cloropicrina não pode ser adotada em expurgo de plantas.

10) O lado econômico, naturalmente, é encarado com seriedade. Entretanto, sòmente isso não interessa, pois um inseticida barato pode ter pouca toxicidade para os insetos, ser de difícil manipulação, etc. Por ser barato, o bissulfeto de carbono é usado em grande escala; entretanto, apesar de mais caro, o brometo de metila pode se tornar mais econômico, pois é usado em doses bem mais baixas, quer seja em expurgo, quer seja contra sauveiros.

(Continua)

* * *

Melhore a qualidade de seu Café!

Aplicando adubos completos, concentrados e equilibrados, contendo Azôto-Ácido Fosfórico-Potassa. Êles constituem a base de safras abundantes.

POTABRASIL

COM POTASSA maiores colheitas e de melhor qualidade!

Solicite informações e folhetos gratis:

CIA. BRASILEIRA DE POTASSA E ADUBOS

Pr. da República, 270 - 7.º Andar - Cx. Postal, 6082 - S. PAULO

O CAFÉ "MUNDO NOVO"

Eng. Agr. José Gomes da Silva
(Aula proferida no I Curso Post. Graduado de Cafeicultura do Instituto Agronômico de Campinas)

I. INFORMAÇÕES SÔBRE O CAFÉ "MUNDO NOVO"

1. **ORIGEM** — A denominação "Mundo Novo" foi dada pela Comissão de Café do Instituto Agronômico de Campinas à variedade comercial que se fixou a partir de seleções efetuadas em cafèzais do chamado café "Sumatra de Mundo Novo", existentes no município de Urupês (antigo Mundo Novo), região Araraquarense, e que haviam sido plantados com sementes provenientes da região de Mineiros do Tietê, próxima a Jaú, no Estado de São Paulo.

Ao que parece o café, "Mundo Novo" resultou de um cruzamento natural entre Sumatra e o Bourbon, ocorrido, provàvelmente, na região de Jaú-Barra Bonita onde estas variedades eram cultivadas próximas uma da outra. Além dêste fato, a variabilidade das plantações de onde se originou o "Mundo Novo" faz crer na paternidade do Sumatra. A análise genética, por outro lado, provou cabalmente que o "Mundo Novo" constitue uma linhagem do Bourbon sendo contudo portadora de outros fatôres, derivados, provàvelmente, da hibridação que ocorreu com o Sumatra.

É preciso não confundir o "Mundo Novo", variedade altamente selecionada e bem definida, com o primitivo Sumatra. Enquanto êste constitue simplesmente uma linhagem do antigo café Nacional, hoje completamente superada, as plantas mais produtivas do café "Mundo Novo" se assemelham mais ao Bourbon, sendo portadoras também de outras características genéticas dessa nobre variedade.

A grande heterogeneidade que ocorre nas primitivas plantações do "Sumatra de Mundo Novo" impede a sua utilização como fonte de sementes. Nestas lavouras ocorrem com frequência plantas do tipo Nacional ao lado de outras semelhantes ao Bourbon. Costumam aparecer ainda cafeeiros pequenos, de ramos longos e produção quasi nula. **A elevada porcentagem de sementes chôchas que caracteriza as plantações do chamado "Sumatra de Mundo Novo" desaconselha também o emprêgo de suas sementes para o plantío.**

Na variedade "Mundo Novo" os defeitos apontados foram totalmente eliminados pelo trabalho de seleção genética que completou a obra do cruzamento inicial realizada pela natureza. É esta a principal razão pela qual os lavradores sòmente devem adquirir sementes de café "Mundo Novo" produzidas a partir de material básico fornecido pela entidade oficial que realizou êsse trabalho: o Instituto Agronômico de Campinas.

Da mesma forma, o lavrador que se interessar realmente pela variedade "Mundo Novo", deve recusar sementes vendidas com o nome de "Sumatrão" "Café Urupês", "Sumatra de Ponteiro Branco", "Chumati", etc.. Trata-se geralmente de "Mundo Novo" não selecionado e, portanto, portador dos defeitos apontados, principalmente com relação à falta de uniformidade e à elevada ocorrência de chôchos.

2. **CARACTERÍSTICAS** — O café "Mundo Novo" distingue-se pelo seu acentuado vigor vegetativo e elevada produção. A característica rusticidade têm lhe valido o qualificativo de "zebú", dado por alguns cafeicultores entusiastas dessa variedade.

O seu porte é mais elevado que o da maioria das linhagens do Bourbon Vermelho, mostrando também ramificações secundárias mais densas.

Sendo de maturação mais tardia que as outras variedades comerciais, proporciona, por êsse fato, uma melhor e mais longa distribuição dos trabalhos de colheita quando existem na fazenda talhões de uma boa variedade mais precoce como o "Bourbon Amarelo".

As plantações feitas a partir de sementes de "Mundo Novo" selecionadas apresentam grande uniformidade, não se justificando pois a afirmativa de que, devido à sua origem híbrida, tende a dissociar. Segundo o Eng.º Agr.º H. Antunes Filho, da Secção de Genética do Instituto Agronômico de Campinas, "essa variedade é hoje tão uniforme quanto se pode exigir de qualquer café".

A oscilação que se verifica em anos sucessivos nas lavouras das variedades Nacional e Bourbon Vermelho e que determinam os chamados "anos bons" e "anos ruins", e que causam grandes repercussões no orçamento dos cafeicultores, é mais reduzida no "Mundo Novo" que em outras variedades comerciais.

3. **DADOS DE PRODUÇÃO** — A mais antiga experiência controlada de produção da variedade "Mundo Novo" está instalada na Estação Experimental de Monte Alegre do Sul, na zona velha da Mogiana, no Estado de São Paulo. Nessa fazenda, uma mistura de linhagens "Mundo Novo" está superando, em produção, nove outras variedades de café inclusive o Bourbon Vermelho, Bourbon Amarelo e Caturra. Por outro lado, experiências mais recentes estão também mostrando, logo nas primeiras produções, a maior produtividade das seleções de "Mundo Novo" sôbre as de outras variedades comerciais. Segundo os técnicos do Instituto Agronômico de Campinas, "em uma série de 10 ensáios de progênies (*), compreendendo um total de 585 progênies e 11.700 cafeeiros, todos vêm indicando a superioridade de várias progênies de "Mundo Novo", e "nos próprios lotes antigos de progênies, hoje com dez anos de produções controladas, **as progênies de "Mundo Novo" chegam em média a produzir 50% a mais do que as progênies de Bourbon Vermelho da mesma idade.**

Além da marcante superioridade da variedade em si, há que acrescentar-se ainda a influência do trabalho de melhoramento no aumento da produção que poderá ser proporcionado pelo plantio do material selecionado.

Assim é que mesmo entre as progênies inicialmente separadas das plantações originais de "Mundo Novo", a produção individual mostra tremendas variações, conforme mostram, por exemplo, os dados do lote de progênies da Estação Experimental Central de Campinas onde durante o período de 6 anos, "a produção total individual das plantas variou de 2,3 a 28,9 quilogramas de café maduro, notando-se várias plantas quase que improdutivas (20 em 299 ou 10%)".

Há que considerar-se ainda as diferenças de produção que ocorrem de uma progênie para outra. Assim é que no mesmo lote de Campinas, a produção

(*) Progênie significa a descendência de uma única planta.

total de frutos maduros em 20 plantas de cada progênie variou, durante o período de 1 951 — 1 956, dêsde 394,2 quilos para a Progênie 376 até 389,8 para a Progênie 390. Tomando-se a produção média em quatro localidades (Campinas, Jaú, Pindorama e Mocóca) o mesmo índice médio para cada estação variou dêsde 18,8 quilos para a Progênie 374 até 13,1 quilos para a Progênie 391.

4. **FATÔRES QUE INFLUEM NA PRODUÇÃO DO "MUNDO NOVO"** — Os fatos acima relatados mostram que a enorme variabilidade inicial existente dentro dos primitivos cafèzais que forneceram o café "Mundo Novo" oferece ampla margem para o trabalho de seleção.

O material selecionado distribuido pelo Instituto Agronômico de Campinas para a instalação de campos de multiplicação da variedade "Mundo Novo" têm sido constituido das plantas mais produtivas que apresentam as menores porcentagem de chôchos dentro das melhores progênies. Tomando-se a planta CP 387-17, por exemplo, e examinando-se as suas características à luz dos dados apresentados por Carvalho e outros (Bragantia **12**:97-129, 1 952) pode-se notar o seguinte:

a) a progênie a que essa planta pertence é uma das melhores entre as atuais seleções, tendo produzido em Campinas, durante o período de 1 946-56, cêrca de 31,7 quilos de cereja enquanto a média de todo o lote foi de 29 quilos;

b) a planta CP 387-17 é uma das mais produtivas — em Campinas produziu 4,6 quilos de cereja por ano quando a produção média de 300 plantas, durante 6 anos, foi de apenas 2,9 quilos por ano;

c) apresentou durante aquêle período, apenas 3 lojas sem sementes em 100 frutos, quando a média de todo o lote foi de 20.

O cálculo teórico da produção de café beneficiado feito mediante a compensação da ocorrência de chôchos, mostra que a planta CP 387-17 produziu, no período citado, o dôbro da média de todo o lote.

Além das indicações acima referidas, o material promissor, antes de ser indicado para a multiplicação, é incluido em experiências de competição com repetições, realizadas em condições de campo e em diversas localidades do Brasil, inclusive no Estado do Paraná.

Têm sido muito comum entre lavradores que se entusiasmam pelo "Mundo Novo", a exigência de uma única linhagem ou progênie para o plantio de tôda a sua lavoura, por vêzes bastante extensa. Do ponto de vista agronômico êsse requinte não encontra qualquer apôio, sendo mais aconselhável que as plantações comerciais (que não se destinam à produção de sementes) sejam feitas com uma mistura de diversas das linhagens mais produtivas que possuam o mesmo ciclo vegetativo, ou por meio de talhões com linhagens diferentes. Ficará assim o cafeicultor a salvo de qualquer defeito ou dificuldade que venha a se manifestar no material que foi bastante "purificado" pelo trabalho de seleção.

5. **RENDIMENTO OU "RENDA" DO CAFÉ "MUNDO NOVO"** — Uma das características que mais têm merecido a atenção dos técnicos que trabalham no melhoramento da variedade "Mundo Novo" têm sido a elevada porcentagem de sementes chôchas (frutos com 1 ou 2 lojas vazias) que ocorre no material não selecionado dessa variedade e que é responsável pelo "café cas-

cudo" de que se queixam muitos cafeicultores que plantaram o "Mundo Novo" não selecionado.

Assim, por exemplo, no lote de Campinas já referido, o número médio de lojas sem sementes, determinado em amostras de 100 frutos em cada uma das 20 plantas das progênies de "Mundo Novo", nos anos de 1 950-51, mostrou variações que foram dêsde 44 (quarenta e quatro) lojas vazias nas plantas CP 385-3 e CP 386-2 até a reduzida ocorrência de apenas 2 lojas vazias na planta CP 391-14 e de 3 na planta CP 387-17. A média de lojas sem sementes verificada em todo o lote de 300 plantas foi de 20.

Em Pindorama, onde a média para todo o lote é bem mais elevada (26), houve plantas como a CP 387-12 que apresentaram até 59(!) lojas vazias em cada 100 frutos.

Sabe-se por outro lado, que **a ocorrência de plantas com alta quantidade de sementes total ou parcialmente chôchas, é da ordem de 50% em plantações de Mundo Novo não selecionado.**

A porcentagem de lojas vazias (ou de sementes total ou parcialmente chôchas) é no café "Mundo Novo" o fator que mais decisivamente influe no rendimento ou na "renda" do benefício, isto é, na relação que existe entre o pêso de café em côco e o pêso de café beneficiado.

De um modo geral, em cafèzais novos o rendimento anda ao redor de 21-22 quilos por saco de 40 quilos de café sêco em côco, com 110 litros de volume.

Face aos dados apresentados, é natural que o café resultante de plantações de "Mundo Novo" não selecionado não dê, após o benefício, a mesma renda que se verifica em lavouras plantadas com sementes melhoradas. A diferença verificada nos rendimentos dêsses dois tipos de lavouras pode variar entre 10-20% da produção de café beneficiado, **isto é, se no "Novo Mundo" não selecionado a "renda" fôr de apenas 18 quilos por saco de café em côco, no "Mundo Novo" selecionado o café beneficiado obtido do mesmo volume de café em côco pode atingir 21,6 quilos de café limpo.** Isto significa que pelo simples plantio de sementes selecionadas, o cafeicultor que conseguisse colher 80 sacos em côco por mil pés em uma fazenda de 100.000 pés, poderia, através da melhor renda no benefício, ter uma colheita de 480 sacos de café limpo ..... (Cr$ 1.200.000,00, aos preços atuais) a mais do que aquêle que não usou sementes selecionadas.

Êsses fatos devem merecer a melhor atenção por parte dos cafeicultores interessados no plantio do "Mundo Novo", uma vêz que é ainda muito comum entre nós a escolha de sementes para plantio pelo simples aspecto do pé de café. **É preciso considerar portanto que no café "Mundo Novo" não selecionado uma planta bem carregada não significa alta produção de café beneficiado.**

6. **GERMINAÇÃO DAS SEMENTES** — A elevada quantidade de sementes total ou parcialmente chôchas exerce grande influência sôbre a germinação. Dados publicados pelo Instituto Agronômico de Campinas mostram que em algumas plantas de "Mundo Novo", como a n.º CP 381-1, a germinação das sementes em Campinas foi de apenas 50%. Êsse fato, independentemente do aspecto ou do cuidado com que as sementes são preparadas, **poderá explicar muitos insucessos com o plantio de sementes de "Mundo Novo" de origem duvidosa.**

II. INSTRUÇÕES PRÁTICAS PARA O PLANTIO DO CAFÉ "MUNDO NOVO"

As informações que abaixo se seguem, dizem respeito apenas ao plantio em terras novas, de derrubada recente, por meio de semeadura direta na cova, tal como se faz atualmente no Norte do Paraná e em diversas regiões de Mato Grosso e Goiás. Para o plantio em terras velhas, a partir de mudas e com a aplicação de fertilizantes, como é comum praticar-se atualmente no Estado de São Paulo, encontrarão os lavradores a necessária orientação junto aos técnicos oficiais.

Na formação de um cafèzal no "sertão", em terras de mata-virgem, **há pelo menos três práticas modernas que o lavrador poderá utilizar com grande proveito para a racionalização de sua lavoura e sem aumento de despesa na sua aplicação:**

1.ª) — Plantio de sementes selecionadas de variedades recomendadas, principalmente o "Mundo Novo" (2/3 da lavoura) e Bourbon Amarelo (1/3), sendo que o plantio desta variedade mais precoce, é destinada a prolongar o período de colheita, devendo, portanto, ser feita de preferência, na parte mais baixa do terreno;

2.ª) — Alinhamento em curvas de nível, prática fundamental para proteger o cafèzal contra a erosão e que hoje em dia pode ser realizada em qualquer região cafeeira ao mesmo preço do alinhamento em quadrado;

3.ª) — Emprêgo de espaçamentos adequados, com que se consegue aproveitar melhor o terreno e evitar gastos posteriores com carpas desnecessárias.

Tendo a questão de boa sementes sido tratada em detalhe na primeira parte dêste trabalho, vejamos as duas outras práticas, ao lado de outras instruções para o plantio do "Mundo Novo":

1. **ALINHAMENTO** — O plantio de cafèzais em quadrado ou em triângulo, está hoje completamente superado pelo alinhamento em contôrno, isto é, pela disposição das ruas seguindo as linhas de nível do terreno. Ao lado do emprêgo da boa semente representa o plantio em nível o melhor seguro que o cafeicultor poderá fazer para o futuro da sua lavoura. Garantindo a fertilidade do seu solo mediante a forma mais eficiente de combate à erosão, estará assegurando, também para os seus filhos, o cafèzal em formação.

2. **ESPAÇAMENTO** — A variedade "Mundo Novo" é de porte alto, razão pela qual deve ser plantada de modo que cada cova venha a ocupar uma área de 7 a 10 m², dependendo da fertilidade do solo. Os espaçamentos abaixo podem ser empregados, conforme o caso:

Tipo de Alinhamento	Espaçamento entre as covas em terra de fertilidade		
	Alta	Média	Baixa
Plantio em nível ou em retângulo	18 x 11 palmos (14 x 2,50 m)	18 x 10 palmos (4 x 2,20 m) ou 10 x 10 palmos (3,5 x 2,20 m)	16 x 9 palmos (3,5 x 2 m) 13,5 x 13,5
Plantio em quadrado	16 x 16 palmos (3,5 x 3,5 m)	15 x 15 palmos (3,30 x 3,30 m)	palmos (3 x 3 m)

Na tabela acima está mencionado também o alinhamento em quadro, embora esteja hoje completamente superado; a sua menção destina-se apenas a evitar que os lavradores que ainda insistem em empregá-lo, tendo errado na sua escolha, não venham também a errar no espaçamento a usar.

Nos casos em que seja de todo impossível adotar o alinhamento em nível, o Eng. Agr. Valter Lazzarini recomenda o "alinhamento funcional", isto é, a disposição em retângulo, de tal maneira que as plantas fiquem mais juntas dentro das linhas e mais distanciadas entre as ruas.

Tanto no alinhamento em nível como na disposição retangular, existirá sempre a possibilidade de, no futuro, mecanizar os tratos culturais utilizando máquinas adequadas trabalhando apenas entre as ruas de cafeeiros. Entre as plantas, o renque que se forma com as plantas colocadas bem próximas umas das outras, será o suficiente para impedir o desenvolvimento do mato.

3. **TIPO DE SEMENTE** — As sementes despolpadas ("café em casquinha") devem ser preferidas pois asseguram as seguintes vantagens:

a) germinam melhor;

b) germinam mais depressa;

c) formam mudas isoladas e não aos pares como as sementes em côco;

d) são mais enconômicas pois 1 quilo contém aproximadamente 6.000 sementes, suficientes para o plantio de 300 covas (20 sementes por cova) ao passo que com 1 quilo de café em côco (2.000 frutos) será possível plantar apenas 100 covas, usando aquêle mesmo número de sementes por cova.

4. **MODO DE PLANTIO** — Está provado que a produção do pé de café, dentro de certos limites, é proporcional à distância existente entre as mudas dentro da cova. Assim sendo, a cova deverá ter boa dimensão (50 x 40 x 40 cm. ou, no mínimo 40 x 40 x 30 cm), plantando-se mais ou menos 20 sementes despolpadas por cova. Para se conseguir uma boa distribuição de mudas na cova pode-se plantar essas sementes de duas maneiras diferentes:

a) distribuindo-se as sementes em dois riscos paralelos com 10 sementes cada um;

b) distribuindo-se as sementes em 4 ou 6 covetas feitas no fundo da cova e colocando então 5 ou 3 sementes, respectivamente, em cada uma delas.

Quando as mudinhas estiverem com 3-4 pares de fôlhas ou, de um modo geral, durante as chuvas do ano seguinte, faz-se a raleação, deixando apenas 6-8 mudinhas em cada cova. Nesta operação procura-se deixar as mudas mais vigorosas e mais bem espaçadas entre si. Os defeitos que existirem na distribuição das mudas dentro da cova (acumuladas em um canto ou de um só lado da cova) deverão ser corrigidos transplantando-se algumas delas, se fôr o caso. Êstes cuidados para assegurar que as mudas fiquem bem separadas entre si, são bastante justificáveis, a julgar pelos dados do Instituto Agronômico de Campinas que mostraram em Campinas, em 4 colheitas sucessivas, um aumento de produção proporcional ao espaçamento das mudas na cova, conforme se pode ver pelos dados que se seguem:

Espaçamento entre as mudas	Índice de Produção
10 centímetros	100
20 centímetros	112
30 centímetros	121

Dentro das covas, as mudas não devem contudo ser espaçadas a mais de 30 cm. uma da outra pois iriam determinar a formação de um pé de café muito aberto e no qual as mudas iriam funcionar, pràticamente, como plantas individuais, sujeitas, portanto à ameaça de um deperecimento precoce.

5. **CULTURAS INTERCALARES** — Nas lavouras em terras novas é muito difícil evitar-se o plantio de culturas intercalares, principalmente cereais, nos cafèzais em formação. Êsse fato decorre, não sòmente do sistema vigorante nas zonas novas, como também pela suposição de que a cultura intercalar, quando feita no meio de lavouras novas plantadas em terras de mata virgem, não irá determinar prejuízos ao futuro cafèzal.

O extraordinário desenvolvimento que pode ser notado nas lavouras "tiradas" sem o plantio de culturas intercalares, está levando alguns lavradores a darem terra "por fora" aos seus colonos e formadores, em lugar de permitir o plantio de cereais dentro da lavoura.

Os dados abaixo obtidos pelo Instituto Agronômico de Campinas na sua Estação Experimental de Pindorama durante o período 1 936/49, em cafèzal formado são bastante sugestivos e indicam que as **culturas intercalares só devem ser feitas em caso de absoluta necessidade** (custeio forçado durante o período de formação, ocorrência de geadas, etc.) tendo-se ainda o cuidado de cultivar apenas as plantas que menos prejudiquem o cafèzal como o feijão.

ENSÁIO DE EFEITO DE CULTURAS INTERCALARES

Cultura Intercalar	Produção (quilos)	Café (produção em sacos em côco p/1.000 pés)
Milho — 2 covas no vão	630	30
Milho — 1 cova no vão	360	32
Arroz	83	33
Algodão — 1 cova no vão	58	31
Algodão — 2 covas no vão	80	30
Feijão das águas	140	32
Feijão das águas e da sêca	126	33
Sem cultura intercalar (testemunhas)	—	38

Vê-se portanto que uma produção de apenas 10 sacos e meio de milho (com o valor atual de Cr$ 1.575,00) ocasionou ao cafèzal uma quebra de produção da ordem de 8 sacos em côco, ou ao preço atual de Cr$ 700,00 por saco, cêrca de ..... Cr$ 5.600,00 de diminuição na receita.

III. CONCLUSÃO

Os dados apresentados nêste trabalho destinam-se a alertar o lavrador a respeito das vantagens do uso de sementes selecionadas ao lado de outras práticas agrícolas fundamentais para a formação de um cafèzal de produção duradoura, elevada e econômica.

Normas para a formação de mudas de café

PROCESSO DA SEMEADURA DIRETA NOS RECIPIENTES

PLÍNIO PARREIRA
(*Engenheiro-Agrônomo*)

Atualmente, os dois processos mais racionais para a formação de mudas de café são: 1) Semeadura direta nos recipientes. 2) Encanteiramento e repicagem no ponto de "palito de fósforo".

O processo de repicagem de mudas grandes, com 2 e até 4 pares de fôlhas verdadeiras mudas com até 20 cm de altura, e, consequentemente, com o sistema radicular bastante desenvolvido, exige muitos cuidados na operação, que se torna bastante lenta, necessita mão-de-obra altamente especializada e, via de regra, apresenta um elevado coeficiente de falhas.

O emprêgo de "mudas aparadas", segundo experiência de vários anos, apresenta o inconveniente de formar plantas de pequena produção. Eis os motivos pelos quais somos contrários a êsses dois sistemas.

Voltando aos dois processos inicialmente citados, temos a dizer que ambos são bons, desde que sejam bem conduzidos, apresentando, um e outro, certas vantagens e também desvantagens, quando comparados entre si.

Examinaremos hoje o sistema de semeadura direta em recipientes. O processo consiste, em linhas gerais, em se fazer a semeadura diretamente nos recipientes prèviamente escolhidos, e, quando as mudas estiverem "no ponto", plantá-las no lugar definitivo.

O sistema apresenta as seguintes vantagens:

a) Ocupa menos mão de obra no manejamento das mudinhas, pois dispensa a repicagem; b) Ocupa menos espaço por conseguinte, exige menor área construida para o viveiro; c) Conserva o sistema radicular das mudinhas intacto.

São desvantagens do processo:

a) Pode provocar desenvolvimento desigual das mudas. Isso é tanto mais verdadeiro quanto menores forem os laminados empregados; b) Causa maior aprodecimento dos laminados, pois as mudas permanecerão nos mesmos pelo menos dois meses mais; e c) Apresenta uma área muito maior a ser irrigada nos dois primeiros meses.

Vejamos agora as várias fases dêsse processo.

ÉPOCA — Preferimos para a semeadura os meses de julho e agôsto. A partir dessa época, em geral, as sementes germinam em 60 e até 40 dias. Se a

semeadura for feita em meses anteriores — abril, maio ou junho — ou seja, no início do inverno, as sementes, devido ao frio, levam muito mais tempo para germinar; já observamos, em anos do inverno muito rigoroso, casos em que o tempo de germinação foi de quase 90 dias. Com isso, ocorrem duas coisas; a) os laminados, ficando mais tempo expostos as regas diárias, apodrecem mais, causando muitas perdas; b) o sistema radicular das mudas se desenvolve, no início, muito mais do que o sistema aéreo; o pião tende a se fixar no solo, sendo muito mais difícil a retirada das mudas por ocasião do plantio.

Quando se faz a semeadura a partir de fins de julho, as sementes germinam geralmente em 40 — 50 dias, e as mudas estarão prontas para o plantio, e em boas condições, a partir de janeiro.

ESCOLHA DAS SEMENTES — O ponto capital para a formação de boas mudas e, consequentemente, de lavouras produtivas, reside na criteriosa escolha das sementes. Hoje em dia não se deve usar se não sementes despolpadas. As vantagens dêsse proceder são tão evidentes que o fato dispensa comentários. As sementes, entretanto, devem ser obtidas de fontes idôneas. As instituições oficiais do Estado estão aptas a fornecer sementes selecionadas, das variedades mais produtivas, ou a indicar produtores de reconhecida idoneidade, devidamente registrados.

É um erro a utilização de sementes oriundas de certas lavouras realmente bastante produtivas, e muitas vêzes afamadas na sua região mas que foram formadas com sementes anteriormente selecionadas de maneira empírica. Se o Instituto Agronômico, pelas suas Estações Experimentais e Seções Técnicas, está, a cada ano que passa, selecionando variedades e progênies cada vêz melhores, não vemos por que a utilização de sementes outras que não as provindas de seus campos de multiplicação.

ESCOLHA DOS LAMINADOS — Atualmente, não cremos que haja recipientes mais indicados para a formação de mudas do que os laminados de pinho. Êles são fàcilmente encontrados no mercado, de fácil manuseio, e resistem bem ao apodrecimento quando devidamente tratados. Os laminados devem ser de boa procedência — de tamanho e espessura regulares, isentos de nós, flexíveis, não quebradiços, etc.

A escolha do tamanho dos laminados deve merecer atenção especial. Laminados muito pequenos não darão boas mudas. Como limite mínimo, e em casos especiais (plantio de mudas de até seis meses, no máximo), podemos admitir laminados de 14x24 cm. Os de 13x32 dão mudas muito boas. Quem puder dispor de maior capital e de maior espaço para o viveiro, deverá empregar laminados de 23x41 cm, que darão mudas excelentes.

TRATAMENTO DOS LAMINADOS — A fim de diminuir consideràvelmente a possibilidade de apodrecimento dos laminados, êsses deverão sofrer um tratamento químico antes de serem usados. O meio mais simples para isto consiste em mergulhá-los, durante 3 horas no mínimo, em uma solução de sulfato de cobre a 5%. Antes, porém, deve-se ter o cuidado de abrir os fardos ou amarrados, pois do contrário, os colocados na parte central, não receberão a solução. Deve-se atentar bem a êsse fato, para evitar insucessos, como vários que já observamos. Deve-se também procurar manter estável a concentração da solução. Para êsse tratamento, empregam-se tanques de cimento ou tinas de madeira; tambores de ferro são atacados pelo sulfato de cobre. Pode-se ainda empregar para o tratamento dos laminados, óleo queimado comum, de lubrificação de motores a explosão, de preferência bem aquecido.

ENCHIMENTO DOS LAMINADOS: Essa operação é a mais demorada de tôdas, motivo pelo qual deve ser iniciada com uma bôa antecedência. Devem ser observados, para isso, os cuidados seguintes, de grande influência para a obtenção de bons resultados.

a) Os laminados devem ser enchidos com u'a mistura de 1/3 de estêrco de curral ou "composto", bem curtido, e 2/3 de terra. Se esta fôr muito argilosa, deve-se usar u'a mistura de 1/3 de estêrco, 1/3 de terra e 1/3 de areia. Deve-se trabalhar com a mistura levemente umidecida.

b) Se chover com intensidade, ou se a mistura estiver demasiadamente molhada, o trabalho deve ser interrompido. Se os laminados forem cheios com terra demasiadamente molhada, formar-se-á, depois que a mesma secar, um torrão muito compacto, onde a mudinha dificilmente poderá desenvolver-se de maneira normal.

c) Os laminados devem ser de igual diâmetro, por motivos óbvios. Para se conseguir isso, devem ser usadas formas de madeira, garrafas, etc. Já existem no mercado máquinas de encher laminados, que têm apresentado bons resultados. Essas máquinas têm como peças principais, cilindros ocos de metal, onde são colocados os laminados, que, depois de cheios, são erguidos por meio de êmbolos metálicos, movidos a pedal.

d) Depois de cheios, os laminados devem ser presos com arame fino ou com argolinhas de borracha, bem estreitas — das do tipo usado para prender cédulas. Para o caso, câmaras de ar velhas, de bicicleta, servem perfeitamente. O uso de grampeadores rende menos serviço e tem provocado muitas perdas de laminados, motivo pelo qual não o aconselhamos.

Uma vêz amarrados com arame ou presos com borrachinhas, os laminados são colocados em lotes, uns ao lado dos outros, protegendo-se mutuamente.

Com o tempo, o sistema radicular da muda forma uma verdadeira rede, consolidando o torrão. Portanto, é suficiente que o arame ou a borracha prendam o laminado apenas por alguns dias — e sua missão estará cumprida.

TAMANHO DOS LOTES — Depois de cheios os laminados serão dispostos em lotes, separados pelos trilhos de passagem. A fim de facilitar os serviços — semeadura, regas, limpeza, etc. — os lotes não deverão ter mais que 1,50 m de largura. Quanto ao comprimento: deverão ter de 15 até um máximo de 20 metros, (que deverá ser a largura do viveiro). Viveiros mais largos causarão dificuldade na época do carregamento dos veículos, por ocasião da retirada das mudas.

PROTEÇÃO LATERAL DOS LAMINADOS — A fim de evitar perda de mudas, em virtude do ressecamento dos laminados colocados na periferia dos lotes, êsses devem ser protegidos com tábuas, ripas, bambús, troncos de eucalipitos, etc., em todo o seu derredor. Nas partes voltadas para o exterior do viveiro, deve-se, além de colocar essa proteção, encostar terra na mesma, até a altura dos laminados. Em tôda a extensão dos trilhos internos, deve-se colocar uma boa camada de capim seco, palha ou casca de arroz, serragem, etc.: dessa maneira se assegurará a manutenção de um ambiente úmido no interior do viveiro.

É de bom alvitre deixar-se, em tôda a volta, um espaço de pelo menos meio metro entre as mudas e as paredes laterais do mesmo.

SEMEADURA — Na semeadura direta, colocam-se duas sementes em cada laminado, levemente enterradas (1 a 1,5 cm, sòmente). Em seguida, cobrem as sementes com uma mistura de terra e estêrco, finamente peneirada — com isso, será facilitada a germinação. Logo a seguir, coloca-se sôbre os laminados uma camada de capim seco de 2 a 4 cm de espessura. Isso evitará que as sementes sejam descolocadas do seu lugar em virtude de chuvas muito fortes ou regas descontroladas, contribuirá para a manutenção do ambiente úmido no interior do viveiro.

Nesse sistema bastam-se 6.000 sementes (1 quilo), para a obtenção de cêrca de 3.000 mudas individuais.

REGAS — Uma vez feita a semeadura, deve-se regar os laminados diàriamente. As regas devem ser controladas, tendo-se o cuidado de não aproximar muito das sementes o bico dos regadores, a fim de não arrancá-las ou deslocá-las do lugar. Também não se deve encharcar demais os laminados. Tenha-se sempre em conta que as regas têm importância capital para a germinação das sementes e para o desenvolvimento das mudas. Regas diárias, abundantes mas não excessivas — eis um dos principais fatores de sucesso na produção de mudas de café.

GERMINAÇÃO — 40 a 60 dias depois de semeadas, as sementes começam a germinar. Nessa ocasião, deve-se retirar, COM TODO O CUIDADO, a camada de capim que recobre os laminados. Essa operação é muito delicada, exigindo cuidados especiais. Uma vez pegas as mudas, faz-se uma seleção, deixando apenas uma em cada laminado.

LIMPEZA DOS LAMINADOS — Os laminados devem ser conservados sempre no limpo. Se tiverem sido bem adubados, haverá grande incidência de mato, que deverá ser arrancado a mão, em média uma vez por mês. Êsse serviço pode ser feito perfeitamente por crianças, resultando uma operação barata. Si o mato crescer muito, prejudicará duas vêzes a muda: far-lhe-á muita concorrência no adubo e poderá abalá-la ao ser retirado.

RALEAÇÃO DE TETO — Depois que aparecer o 2.º par de fôlhas verdadeiras, pode-se ir, aos poucos, retirando parte da cobertura do viveiro. Essa operação deverá ir sendo feita paulatinamente, aumentando-se pregressivamente a isolação das mudas. Em geral, é de boa prática fazer-se uma raleação cada 20 ou 30 dias. Deve-se calcular com cuidado a época do plantio e descobrir o teto de tal maneira que as mudas fiquem TOTALMENTE expostas ao sol pelo menos durante os últimos 30 ou 40 dias antes de serem plantadas no lugar definitivo. Dessa maneira elas estarão perfeitamente aclimatadas, na ocasião; não importa que então o verde das fôlhas se esmaeça um pouco, tomando uma tonalidade amarelada: isso é sinal de MUDA MADURA!

SELEÇÃO DAS MUDAS — Por ocasião da retirada das mudas — o que ocorre de 6 até 10 meses depois da semeadura, segundo o critério que cada um seguir para o plantio — devem-se refugar as dominadas, as raquíticas, as que apresentarem sintomas de doenças ou sinais de ataques de pragas, ou, enfim, as que apresentarem qualquer defeito grave.

Muitas dessas mudas poderão ser recuperadas, para isso, uma ótima prática consiste em colocar-se sôbre os laminados uma camada de "composto" de 2 a 3 cm, e colocá-las temporàriamente ao abrigo do sol; dentro de pouco tempo, no geral, estarão com bom aspecto, podendo ser aproveitadas.

RETIRADA E MANUSEIO DAS MUDAS — Ao se proceder à retirada das mudas, deve-se ter o cuidado de verificar se o pião das mesmas se fixou ao solo; em caso positivo, deve-se cortá-lo com pequenas pás feitas de chapas finas de ferro, semelhantes às colheres de pedreiro.

As mudas, para serem transportadas, devem ser colocadas em caixas de madeira, com capacidade de 12 até 20 mudas. Caixas maiores pesarão muito e dificultarão o carregamento. O manuseio das mudas é operação delicada — nessa época os laminados estarão meio apodrecidos, motivo pelo qual precisam ser tratados com cuidado. Não se deve trabalhar com mudas muito úmidas e nem demasiadamente secas— em ambos os casos poderá haver perdas substanciais.

Resumos e Transcrições

"CAFÈZAIS NOVOS EM TERRAS VELHAS"

Exuberante lavoura formada em terra velha, de pasto, pelo progressista agricultor Osvaldo Rezende, que diz tê-lo conseguido em virtude dos ensinamentos divulgados por esta S.S.C., principalmente o folheto "Conservação do Solo em Cafèzal", do eng. agrônomo João Quintiliano da Silva Marques

"Ouro Fino, 7 de Outubro de 1957"

Snr.
J. Testa
Serviço do Café — Sec. da Fazenda
São Paulo
Prezado Senhor,

De início, agradeço-lhe sinceramente a remessa contínua que me tem feito do "Boletim da Superintendência dos Serviços do Café", bem como de separatas.

Das publicações recebidas, destaco a "Conservação do Solo em Cafèzal", do eng. Quintiliano Marques, obra que me prestou incalculável auxílio.

*Pondo em prática os ensinamentos ali colhidos, estabeleci meu cafèzal em curva de nível, com terraço tipo PATAMAR, **em tôdas as ruas, num terreno de pasto velho,** cuja declividade **máxima é 20%.** Manda a técnica que se façam, em declividade de 20%, terraços dêsse tipo de 3 em 3 ruas. No entanto, desejoso de fazer um serviço bom, fiz terraços em tôdas as ruas, com enxadão e enxada.*

Para atestar os resultados obtidos, anexo lhe remeto duas fotografias de meu cafèzal de 3 anos, o qual me deu na primeira colheita 25 e ½ arrobas por mil pés. Espaçamento entre fileiras 3,40; entre covas 2 m. Usei sementes de Bourbon Vermelho selecionado, do Inst. Agronômico de Campinas.

Como parte de meu programa de conservação e restauração do solo, estou agora adubando tôda a lavoura, um mês depois de feita a calagem do terreno, já tendo iniciado também a cobertura dos terraços com matéria seca (capim, palhas, etc.).

Mais uma vez lhe patenteando meu agradecimento firmo-me

Cordialmente
Osvaldo Rezende

Rua Prefeito José Serra, 255
Caixa Postal 28
Sul de Minas
Ouro Fino."

Para obter MAIS CAFÉ COM MENOS CAFEEIROS

Plante mudas e sementes selecionadas

Consulte

DIERBERGER AGRÍCOLA LTDA.

Caixa Postal 48 — Fone 1121

LIMEIRA — Est. de São Paulo

FOLHETOS GRATIS

Normas para o transporte rodoviário da safra cafeeira de 57-58

A Superintendência dos Serviços do Café em virtude do convênio firmado com o Instituto Brasileiro do Café ficou com o encargo exclusivo de cumprir e fazer cumprir, em todo o território do Estado, as disposições relativas ao contrôle e a fiscalização dos despachos, transportes, armazenamento, encaminhamento, liberação e verificação do tipo e qualidade (disciplinados pelo Regulamento de Embarques,) do café produzido ou transportado através do território paulista, com destino aos portos de Santos, Angra dos Reis e Rio de Janeiro.

Dessa forma os avisos, comunicações, autorizações, que pelo citado Regulamento cabiam à autarquia cafeeira, serão expedidos pela S.S.C.. A propósito a Superintendência dos Serviços do Café enviou circular a tôdas emprêsas com instruções complementares ao Regulamento de Embarques e referentes aos despachos rodoviários de café da safra 1957-58.

INSTRUÇÕES

Essas instruções são as seguintes:

"a) para o café da série "Comum", os interessados deverão verificar na S.S.C. a possibilidade do encaminhamento direto, dentro das quotas estabelecidas. No caso de não haver quota deverá o café ser recolhido a armazéns gerais, nesta Capital, onde ficará retido até a época de sua liberação; b) os caminhões carregados com café "Comum", acompanhados da documentação fiscal exigida quanto aos impostos devidos, deverão, obrigatòriamente, passar pelo Posto Fiscal da S.S.C. na rua Monsenhor Andrade n.º 746, onde será verificado o tipo e qualidade do café, que será aprendido se não estiver enquadrado no disposto pela Resolução n.º 76, de 9-4-57, do I.B.C., isto é, se fôr inferior ao tipo 8 ou se contiver mais de 1% de impurezas; c) após a verificação do tipo do café e aposição do "visto" pelo fiscal, deverão os transportadores de café "Comum" apresentar a documentação exigida à 1.ª Inspetoria Fiscal da Capital, sita à rua Monsenhor Andrade, n.º 746, para obtenção do necessário "visto"; d) depois dessas providências, sempre acompanhados da documentação fiscal devidamente visada, deverão dirigir-se à S.S.C., à rua Monsenhor Andrade n.º 746, para efetuar o pagamento da Taxa de Viação e obter a "Guia de Trânsito", para o livre encaminhamento do café ao porto de destino; e) a documentação acima referida deverá ser apresentada nos Postos de Fiscalização da via Anchieta ou da via Presidente Dutra; f) para expedição da "Guia de Trânsito", o interessado deverá fornecer, com clareza e exatidão, os seguintes dados: Remetente e Consignatário. Procedência e Destino (cidade e Estado), Quantidade de sacas, N.º do caminhão e Nome do motorista, Cia. de Armazéns Gerais, Série: "Comum" — "Desp." — ou "Pref.".

g) os cafés da série "Comum" procedentes de *outros Estados*, com destino a *Santos*, estão sujeitos à orientação seguida pelo café *paulista*, menos quanto ao pagamento da Taxa de Viação (isento) e à passagem pela 1.ª Inspetoria Fiscal da Capital; h) os documentos que acompanham o café mineiro de-

vem ser "visados" pela Delegacia do Estado de Minas Gerais em São Paulo, sita à rua da Quitanda n.º 82 — 8.º andar.

2.º — Para o encaminhamento do café paulista aos portos de Angra dos Reis e Rio de Janeiro, prevalecerá a orientação do Item 1.º para todo o período da safra 1957-58, devendo o café ser recolhido por conta do consignatário a companhias de armazéns gerais, que tenham satisfeito as condições estabelecidas pelo I.B.C.

3.º — Os armazéns gerais, depositários de café despachado por via rodoviária, com destino a Santos, deverão obedecer às seguintes instruções: a) facilitar a fiscalização dos tipos e qualidades, no ato da entrada do café nos Armazéns; b) comunicar imediatamente ao Departamento de Fiscalização da S.S.C., todos os característicos do lote despachado, inclusive enviar amostras para fins de contrôle e registro; c) a empilhação deverá ser feita de maneira a facilitar a saída pela ordem cronológica do embarque; d) a S.S.C. comunicará às Companhias a quota de liberação que couber aos cafés nelas armazenados; e) com a necessária antecedência as Companhias providenciarão o recolhimento da taxa de viação, na base de Cr$ 5,90, para cada saca de 60 quilos líquidos, indicando nêsse ato e por escrito a Companhia Transportadora, número do caminhão e nome do motorista; após o que será expedida a Guia de Trânsito, dentro da quota atribuida; f) a guia de trânsito deverá ser utilizada no seu prazo de validade (três dias), considerando-se caduca após o referido prazo, devendo ser devolvida para revalidação, sendo esta sòmente providenciada no fim do encaminhamento da dezena a que se referir; g) em cada Companhia haverá um fiscal permanente, no horário regulamentar do seu funcionamento, ao qual será facilitada tôda a fiscalização que fôr necessária; h) nenhum café poderá sair do armazém com destino ao porto, sem assistência do fiscal, que após conferir a quantidade de sacas, marca, etc., aporá seu "visto" na Guia de Trânsito correspondente.

4.º — A "Guia de Trânsito" será emitida em cinco vias, devendo a 1.ª e a 5.ª vias acompanhar o café. A 1.ª via ficará em poder do interessado para os "vistos" da fiscalização e a 5.ª via deverá ser entregue ao Posto de Fiscalização do Casqueiro, na via Anchieta ou no Posto de Fiscalização da via "Presidente Dutra".

5.º — O horário de passagem no Posto de Fiscalização será das 8 às 17 horas nos dias úteis, devendo o transportador facilitar as conferências que forem determinadas pela S.S.C. ou I.B.C., ficando retido o caminhão com a respectiva carga, em caso de desobediência.

PREFERÊNCIAL E DESPOLPADO

6.º — O café paulista das séries "Despolpado" e "Preferêncial", transportado por via rodoviária seguirá diretamente para seu destino, depois de cumpridas as seguintes condições:

a) Os transportadores de café das séries "Despolpados" e "Preferênciais" deverão comparecer à 1.ª Inspetoria Fiscal da Capital, na Rua Monsenhor Andrade, 746, acompanhados dos documentos fiscais referentes aos impostos devidos ao Estado, para receber o necessário "visto",; b) em seguida deverão dirigir à S.S.C. na Rua Monsenhor Andrade, 746, onde apresentarão a documentação fiscal exigida e efetuarão o pagamento da Taxa de Viação, para obter a "Guia de Trânsito" para o livre encaminhamento do café ao pôrto de destino;

c) deverão os transportadores dêstes cafés obedecer, também, o disposto nas letras "e" e "f" do Item 1.º 7.º — O café mineiro das séries "Despolpados" e "Preferênciais" transportado pelas rodovias dêste Estado, com destino ao porto de Santos, seguirá diretamente ao seu destino observadas as seguintes: — a) os transportadores de café mineiro "Desp." ou Pref." deverão apresentar à Delegacia do Estado de Minas Gerais em São Paulo na rua da Quitanda n.º 82 — 8.º andar, os documentos fiscais referentes aos impostos devidos ao referido Estado, para receber o necessário "visto"; b) em seguida se dirigirão à S.S.C., na rua Monsenhor Andrade, 746, onde apresentarão a documentação fiscal exigida, bem como os dados referidos na letra "f" do Item 1.º para, então, receber a "Guia de Trânsito" para o livre encaminhamento do café para o porto de destino, 8.º — Os transportadores de cafés dass séries "Despolpados" e "Preferênciais" procedentes dos Estados do Paraná, Goiás e Mato Grosso e transportados pelas rodovias dêste Estado com destino ao porto de Santos, deverão apresentar-se a esta S.S.C., acompanhados da documentação fiscal referente aos impostos devidos aos respectivos Estados, bem como dos dados exigidos pela letra "f" do Item 1.º, para obter a "Guia de Trânsito" para livre encaminhamento do café ao seu destino. 9.º — As Companhias de armazéns gerais, de Santos, depositárias de café das séries "Despolpados" e "Preferênciais", de qualquer procedência, remetidos por via rodoviária deverão obedecer às seguintes instruções: a) comunicar à Agência desta S.S.C., em Santos, a entrada do café "Desp." ou "Pref.", imediatamente após a sua descarga em seus armazéns; b) conservar êsses cafés intocáveis e a ordem da Superintendência dos Serviços do Café até que esta autorize a liberação; c) remeter a esta S.S.C. — rua 15 de Novembro n.º 111 — 21.º andar, São Paulo — relação dos cafés "Desp." e "Pref." entrados em seus armazéns durante cada dezena. Essa relação será feita em impresso fornecido por esta S.S.C. e deverá ser remetida oito dias após o término da respectiva dezena".

★★★

ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA

As crianças, por estarem em período de crescimento, precisam, proporcionalmente, de maior quantidade de alimentos do que os adultos, sobretudo alimentos plásticos: sais e proteínas.

Zele pela saúde de seus filhos, dando-lhes os alimentos de que necessitam, de acôrdo com suas idades. —

As moléstias do cafeeiro

Embora seja comum dizer-se que o cafeeiro é uma planta isenta de moléstias, na verdade, tal não acontece, pois essa espécie é sujeita a mais de 40 diferentes enfermidades, originadas da deficiência de elementos menores, ataque de vírus, infecções bacterianas, ataque de fungos e de outros parasitas. Durante mais de um século, os maiores esforços foram empregados na solução dos problemas agronômicos e tecnológicos da exploração econômica da rubiácea, mas nos últimos 50 anos, êsse interêsse veio a ser concentrado na questão das moléstias que causam danos à sua cultura.

Foram, há pouco, fornecidas informações mais exatas e atualizadas sôbre o assunto, pela divulgação do relatório da Comissão técnica organizada pelo Escritório das Relações Exteriores do Departamento da Agricultura dos Estados Unidos, a qual, em colaboração com o Programa do Ponto IV e com o Instituto dos Negócios interamericanos, visitou demoradamente todos os grandes centros mundiais de produção de café.

De acôrdo com tais informações, a "ferrugem" é sem dúvida alguma a mais grave das enfermidades do cafeeiro. Não ocorrendo no Hemisfério Ocidental por verdadeira obra do acaso, aquela doença se encontra restrita a duas zonas diferentes, devido ao fato de ser causada por duas espécies de fungos extremamente afins, mas de distribuição geográfica distinta, isto é, uma responsável pela doença na África Oriental, Oriente Próximo, Índia, Ásia e ilhas do Oceano Pacífico, e a outra tendo como zona de ação o Camerum, na África Ocidental e as Ilhas de S. Domingos, situadas nas adjacências.

O Ceilão, que por algum tempo figurou entre os grandes centros produtores de café, viu-se obrigado a transformar-se em exportador de chá, a partir de 1867, quando foram assoladas pela ferrugem; as exportações de café se reduziram, então, a menos de 7% do volume anteriormente exportado. Também nas Filipinas, as colheitas sofreram uma redução de cêrca de 35% e em Java, a destruição dos cafèzais obrigou os plantadores a se dedicarem à cultura da seringueira.

Em 1903, a moléstia foi introduzida em Pôrto Rico, mas graças à ação enérgica e decidida de O. W. Barnett, fruticultor que exercia também as funções de fitossanitarista, tôdas as plantas atacadas foram completamente destruidas, com o que se salvou a enorme riqueza que a indústria cafeeira representa para a América Latina.

Tôdas as espécies e variedades de cafeeiros economicamente cultivados nas Américas são altamente suscetíveis à ferrugem, e as contínuas remessas e trocas de material vivo entre o Oriente e o Ocidente, seja por via aérea ou marítima, constituem oportunidade extremamente favoráveis à reintrodução da moléstia em nosso hemisfério. Cumpre, portanto, que as medidas de defesa vegetal sejam rigorosas e cumpridas a todo custo, intensificando-se, principalmente, os serviços de vigilância sanitária. Espécimes de cafeeiros considerados altamente resistentes á ferrugem foram levados pelos técnicos daquela comissão para a América Tropical a fim de serem observados.

A "mancha-da-fôlha", assinalada pela primeira vêz na Colômbia, constitui, por sua vêz, a mais série das moléstias do cafeeiro no Ocidente. O fungo cau-

sador da doença encontra diversos hospedeiros na flora nativa, atacando o cafeeiro, em condições particularmente graves, porque nas Américas, grande parte dos cafèzais se acha localizada em zonas montanhosas, onde as condições de umidade e de temperatura são bastante propícias ao desenvolvimento do patogeno. Essa moléstia ocorre em todos os centros produtores de café do Novo Mundo, acarretando prejuízos avaliados em 20%, como é o caso de Pôrto Rico, até 75%, em outras localidades. Como o combate da moléstia por meio de pulverizações com calda-bordalesa têm demonstrado ser antieconômico, aconselha-se, hoje, a remoção de tôdas as fôlhas, flôres e frutos das plantas atacadas, durante as primeiras duas semanas da estação chuvosa. Estas partes doentes são abandonadas sôbre o solo, onde o patogeno é destruido pelos seus inimigos naturais, muito antes de decorridas seis semanas, que é o tempo necessário para o aparecimento de novas fôlhas nas plantas desnudas. É verdade que a colheita daquêle ano fica sacrificada, parcial ou totalmente, dependendo do número de plantas atacadas; porém o grande aumento que se obtém na produção dos anos seguintes, compensa perfeitamente a destruição de uma colheita.

Ainda mal compreendida é a doença denominada "antracnose" ou "die-back", cujos sintomas mais evidentes são lesões grandes e escuras nas plantinhas dos viveiros e também, nas plantas adultas. Tais sintomas têm sido atribuidos ao ataque de um fungo e nêste caso a doença é referida como "antracnose", mas foram também assinalados em culturas que se ressentem de elementos nutritivos, isto é, que se encontram em solos esgotados após contínuas e fartas colheitas. Nêste segundo caso, em que a moléstia não se reveste do caráter infeccioso típico do ataque de fungo, têm sido usada a denominação "dieback", acreditando-se ainda que em muitos casos, ambos os agentes, o fungo e a falta de alimentação das plantas, são simultaneamente responsáveis pela doença, que ocorre em tôdas as regiões onde o café é cultivado.

Diversas outras moléstias, como a antracnose dos frutos, assinalada recentemente no Congo Belga e no Território de Kenia, o crestamento-do-cafeeiro, que sòmente ocorre no Oriente, o olho-pardo-das-fôlhas, comum em tôda a América Latina, a podridão-da-raíz, que ocorre no Oriente e no Ocidente etc., são outras tantas moléstias do cafeeiro, ainda mal conhecidas quanto ao prejuízo que causam à lavoura cafeeira, e as quais estão a exigir todos os esfôrços para sua erradicação ou pelo menos, para sua circunscrição às suas zonas de origem.

(De "O Estado de São Paulo", 26-7-57)

AR PARADO E SAÚDE

Nos locais cujas portas e janelas permanecem fechadas, o ar não se renova, é parado, quente e úmido. O organismo nesses ambientes oferece pouca resistência às infecções.

Aumente a resistência do organismo, permanecendo em locais bem arejado — SNES —

Ainda a nova ordem cafeeira

Como se destacou ontem aqui, as novas disposições cafeeiras, baixadas pelo govêrno federal apresentam o mérito de não contribuir (como a reação do mercado de New York já parece indicar) para redução pelo menos apreciável, dos preços em dólar. Isso quer dizer, em última análise, que continuaremos a ter, no mínimo, a mesma receita em dólares provenientes do café, o que significa que as medidas referentes à exportação dêsse produto não devem contribuir para a escassez de divisas e portanto para o aumento do valor médio dos ágios. O que, em última análise, dá a concluir que não haverá, por culpa do café uma elevação dos preços dos artigos importados, fator de relêvo na formação do custo de vida no país.

Por outro lado, e como se insiste no fantasma inflacionário, deve-se destacar, resumindo o que aqui ontem foi dito, que, a rigor, não pode ser inflacionista uma política que procura amparar o mercado e estimular a melhoria da produção e do produto, à custa de parte do preço obtido pela própria mercadoria e retido pelo govêrno. Espanta que círculos sabidamente favoráveis à liberação cambial, ou a acréscimos diretos de bonificação indiscriminada ao café, de conteudo muito mais inflacionário e com séria repercussão no preço em dólar e portanto na receita nacional de divisas, estejam agora falando no perigo da inflação. O risco existe, como se disse aqui ontem, e sobretudo porque parte do "fundo do café" consta de recursos anteriormente utilizados pelo govêrno federal para outros fins. Mas, como a utilização dessa parte dos recursos é gradativa (25% por ano em 4 anos) e desde que a União respeite religiosamente a cota da receita dos ágios separada daqui por diante e não desvie a importância porventura obtida na venda dos estoques da C. F. P., a intensificação do ritmo da inflação será pequena e poderá até ser anulada se houver uma tendência de investimento visando à melhoria da cafeicultura e do café, de efeitos mais ou menos rápidos. Num país onde se resolve a crise de tecidos, de arroz, da carne e do algodão, mediante simples, imediatistas e inflacionárias manobras cambiais, monetárias e creditícias, a solução relativamente austera dada à rubiácea deve ser recebida com simpatia.

Ressalte-se, ainda, como fator positivo da nova ordem de coisas, a tentativa de planejamento, a longo prazo, refletida na instituição de um "fundo cafeeiro" (velha aspiração de esclarecidos cafeicultores e economistas rurais). Êsse fundo será administrado por uma comissão executiva, da qual participará o I. B. C., dominado pelos produtores e transformado no órgão planejador por excelência. Com efeito, será a Junta Administrativa do Instituto

que fará a programação anual dos investimentos geridos pela Comissão, visando, mediante financiamento, à racionalização da cafeicultura, à melhoria da qualidade do café, à assistência ao trabalhador dos estabelecimentos cafeeiros e ao suprimento de máquinas e utilidades essenciais às atividades do cafeicultor. Trata-se, em alguns casos, de medidas de efeito relativamente remoto, mas de sentido antiinflacionário no longo curso, pois permitirão a eleminação gradativa das lavouras antieconômicas, que hoje pesam desfavoràvelmente na política de preços e na fundamentação das reivindicações dos lavradores.

Destaquem-se, finalmente, uma vantagem, uma falha e uma advertência, decorrentes da nova resolução do I. B. C. e do decreto cafeeiro do govêrno federal . A vantagem é que a agitação entre os lavradores, a propósito do "confisco" cambial, tenderá a reduzir-se a setores menos esclarecidos, mediante a provocação de líderes ressentidos ou desorientados. Cessará o ambiente para a ridícula "marcha da produção". A falha está na desconsideração pela situação do pequeno cafeicultor, que não beneficia café e tenderá a obter oferta pelo seu produto em côco na base da cotação pior (de artigo de má qualidade). A advertência é a seguinte; com a volta ao regime das safras grandes (25 milhões de sacas exportáveis em 1958-59), é chegado o momento de disciplinar a marcha de expansão do plantio do café, que poderá ser estimulada consideràvelmente pelos novos preços em cruzeiro e agravar a sorte das futuras situações estatísticas. O "fundo cafeeiro" deveria adotar medidas financeiras que embaraçassem o mais possível êsse avanço extensivo, horizontal e perigoso. Avanço que, inclusive, poderá fomentar a especulação imobiliária rural, com o agravamento do valor monetário das inversões territoriais e, portanto a elevação de exigências (artificiais, do ponto de vista agrícola), quanto à remuneração dos investimentos cafeeiros.

(Da "Fôlha da Manhã", 6-6-57)

ADUBAÇÃO DAS COVAS

Há muitos lavradores que não vêm vantagens na adubação das covas para plantio do cafèzal. Isto deve estar relacionado com a prática de não se adotar tal adubação quando a terra é virgem. Nas terras já anteriormente cultivadas é aconselhável o preparo da cova adicionando boa porção de estêrco bem curtido, completando com a adição de cêrca de 300 gramas de adubo fosfatado, 100 gramas de cloreto de potássio e 100 gramas de adubo nitrogenado. Esta é uma fórmula geral, que pode ser modificada com a fertilidade do solo.

São Pedro, a fazenda pioneira do sombreamento

José ALCANTARA
(Agrônomo e fazendeiro em Caçapava)

As matas virgens do Vale do Paraíba foram as primeiras a serem destruídas pelo machado, para a cultura do café a céu aberto. A rubiácea teve pouca duração nêste rincão privilegiado. Raríssimas são as suas lavouras, com escassa produção de um fruto de classificação Rio, pouco aceitável pelo mercado consumidor hodierno.

O meu pranteado tio, agrônomo Joaquim de Barros Alcantara, achando que a única medida para que uma lavoura se tornasse perene e produtiva, tanto em quantidade como em qualidade, seria o sombreamento, mandou sombrear mais de metade da área ocupada pelo cafèzal. O sombreado, que conta trinta anos de vida, e dezenove de sombra, aos seis anos de proteção pelo ingàzeiro já demonstrava as vantagens do novo método. Foi quando o agrônomo Barros Alcantara comunicou as suas observações à Sociedade Rural Brasileira. Dessa data em diante muitos fazendeiros começaram a sombrear. Mas, o Instituto Agronômico não gostou e começou a hostilizar o sombreamento. Sòmente continuaram com êste processo os poucos cafeicultores que consultaram o agrônomo Rogério de Camargo. Foi um gesto inexplicável do Instituto, porque a vitória do sombreamento foi de maior utilidade para São Paulo que pròpriamente para a Fazenda São Pedro.

Está provado que a lavoura insolada é uma calamidade. Entretanto, é a que subsiste porque todos os govêrnos, inclusive o atual, entregam a pasta da Agricultura a um político que segue a orientação de um inimigo da lavoura sombreada. O Instituto Agronômico de Campinas.

Dois fatos comprovam esta minha asserção.

Quando se soube do sombreamento em Caçapava, o Instituto Agronômico, na pessoa de um agrônomo, visitou a fazenda São Pedro e verificou o êxito do processo, mas achou que sòmente dava bom resultado no Vale do Paraíba, não nas outras zonas do Estado. Ora, o Vale do Paraíba, coberto de cafèzais sombreados, baseando-se na experiência de Caçapava, daria mais café que a produção de todo o Estado e de boa qualidade. Porque não compareceu mais aqui, para melhores estudos e nem fêz experiências na fazenda experimental do govêrno em Pindamonhangaba?

Certamente, em tudo isto existe um motivo inconfessável.

O sr. secretário da Agricultura dá prêmio ao fazendeiro que melhor trabalho apresentar para a conservação do solo. Quem tirou o prêmio nesta zona

do Norte de São Paulo foi um fazendeiro de Jambeiro.

Para consegui-lo preparou bem o solo, com adubação, curva de nível, etc.

A fazenda São Pedro, nêstes 19 anos não recebeu nenhum adubo. Esteve arrendada, após a morte do meu tio, durante muitos anos: eu a recebi há pouco tempo muito mal tratada. Pois, nêste estado deplorável, a sua produção êste ano está calculada, em 70 arrôbas por mil pés. Qualquer lavoura vizinha, de 30 anos, sem adubação e sem trato, não chega a produzir 20 arrôbas por mil pés. Na nossa fazenda sombreada a massa de húmus fornecida pelos ingàzeiros é tão copiosa que, para ser dissolvida, torna-se necessária a calagem do solo.

Com a calagem do solo e raleamento da sombra que estou realizando, espero que as futuras safras sejam bem maiores.

O que meu tio não teve tempo de fazer, mas, que eu estou agora concluindo, é o sombreamento de tôda a lavoura pelo ingàzeiro.

Escreveu no Suplemento Agrícola da **"Fôlha da Manhã"** o agrônomo H. Antunes Filho, porta-voz do Instituto Agronômico de Campinas:

"É grande o interêsse que se nota pelas novas plantações de café, formadas em terras anteriormente cultivadas.

"Tivemos há pouco tempo oportunidade de conhecer um dêsses cafèzais, num velho município paulista. Situada em lugar bem visível ao lado de uma pequena plantação que anos atrás despertou a curiosidade de todos os cafeicultores da região, pelo esmero com que foram executados os trabalhos iniciais de plantio, dêsde a abertura das covas, adubação, escolha da variedade, seleção das mudas, até os demais cuidados exigidos durante o primeiro ano de vida do cafèzal. Desenvolvendo-se extraordinàriamente nos primeiros doze meses, essa plantação transformou-se num dos muitos exemplos de que é realmente possível fazer o cafeeiro voltar do Paraná, do Mato Grosso ou do Paraguai, e desta vêz para ficar definitivamente nas chamadas zonas velhas.

"Infelizmente, porém, foi vendido o sítio onde se plantara êsse cafèzal. O novo proprietário descuidou do café. Não adubou, no segundo ano, nem no terceiro. Permitiu que uma seria infestação de bicho mineiro prejudicasse as plantas, ao ponto de causar danos irreparáveis. A primeira produção, como era de se esperar, foi baixa e insuficiente, contribuindo apenas para depauperar ainda mais os cafeeiros. De plantação modelar no primeiro ano, siímbolo de lavoura bem plantada e bem cuidada, passou em três anos a representar o contrário: cafèzal decadente, decrepito e, talvez, tão irrecuperável como qualquer lavoura velha, abandonada e sem trato".

É com lavouras iguais a esta descrita pelo distinto Agrônomo, incentivadas com prêmios, que querem fazer voltar definitivamente para as nossas terras cansadas o cafeeiro emigrado para outras plagas.

Se o húmus de nossas florestas, acumulado em milênios, foi destruido em menos de um século pelo sol, como é possível a recuperação de tôdas as terras cansadas com adubação todo ano?

Uma lavoura que passa 19 anos sem nenhum auxílio, em plena enxuberância, com ótima produção, não foi distinguida com nenhum prêmio.

Outra, que recebe adubação anual, e outros cuidados caros, para que não pereça, é contemplada. Como se explica tão insolita atitude? — O nosso equilíbrio financeiro depende mais do café que da indústria. Se a política econômica do sr. Carvalho Pinto não se alicerçar numa lavoura produtiva, pouco dispendiosa e da qual possamos despolpar tôda a safra, ou 80% o seu fracasso será irremediável.

Nos anos de superprodução o Brasil, com a retenção ou a queima do excesso de café, pôde debelar a crise porque era o único plantador da rubiácea. Agora a superprodução que nos ameaça é também por parte de outros países cafeicultores, que timbram em apresentar ao mercado um produto de gosto agradável — despolpado e brunido. Precisamos mudar, pois, de rumo e apresentar ao comércio um produto fino, tão procurado quanto o colombiano.

Êste café mild, distinto pelo aspecto e pela qualidade, só se consegue pelo sombreamento. Portanto, para que o café não tenha o mesmo destino que a borracha, a única solução é sombrearmos já os nossos cafêzais.

Nada sinto por não ter recebido o prêmio, nem preciso de incentivo para as minhas realizações. Publico estas observações exclusivamente por interêsse da coletividade.

(Da "Fôlha da Manhã", 3-7-57)

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — *ALGODÃO — BORRACHA — TITULOS — CAMBIO — METAIS AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO — COUROS — ETC.*

Assinaturas e mais informações nos seguintes enderêços:

RIO DE JANEIRO:
Rua Beneditinos, 17 — 4.o andar
Fone: 23-0012

SÃO PAULO:
Rua Líbero Badaró, 488 — 2.º andar
Fone: 33-4976

SANTOS:

Praça Azevedo Junior, 14 — 4.º andar — Fone: 2-7278

Agências nos principais Estados do Brasil

Emprêgo do alfange nos cafèzais

Aos lavradores de café talvez não tenha ocorrido o fato de que podem reduzir as despezas com as capinas dos cafèzais, diminuindo assim, o custo da produção e aumentando a margem de lucros.

O método de cultivo dos cafèzais que vamos discutir neste comentário, pode ser realizado sem prejuízos para a lavoura, aumentando, pelo contrário, o seu vigor, produção e duração. Sabemos, contudo, que o fazendeiro é muito conservador, gostando pouco de inovações em seus processos de cultura. Até certo ponto, isso é razoável; por isso, antes de falarmos nas vantagens de uma nova modalidade de cultivos, aconselhamos mesmo que sejam feitas experiências nas fazendas — tome-se um talhão de uns mil pés, mais ou menos, para ser tratado da maneira comum, já usada na fazenda e pratique-se, no outro talhão, o sistema do alfange, de que adiante falaremos. Será até preferível escolher um trecho de lavoura mais velha, porque aí os efeitos são mais fàcilmente notados. Agora vamos discutir o assunto: O número de capinas dadas em um cafèzal varia muito, de zona para zona, sendo em média de cinco. Entretanto, experiências feitas em uma estação experimental brasileira demonstraram que êste número é excessivo e até prejudicial ao cafeeiro, cortando grande quantidade de radicelas e sujeitando o solo aos terríveis efeitos da erosão, principal causa da decadência e morte dos nossos cafèzais. E devido ao seu sistema radicular muito extenso o cafeeiro sofre muito a concorrência do mato na época das chuvas. Pois bem a experiência a que antes nos referimos indicou que a melhor época para se fazer a primeira capina é nos meses de março a abril, visto que a colheita tem início em maio. A capina chamada "esparramação de cisco" feita logo após a colheita, deve ser abolida. E daí por diante para evitar o desenvolvimento do mato e o prejuízo que êle traz ao cafeeiro, especialmente na ocasião das chuvas faz-se o cultivo com o alfange, cortando-se bem baixo o mato que nasce entre as ruas e entre as plantas. Esta operação com alfange é muito mais eficiente, não sòmente porque o rendimento de serviço é bem maior e, portanto, mais econômico, como também porque pode ser feita nos dias chuvosos que não se prestariam para capinas com e enxada. Outrossim, como principal vantagem não fere as radicelas das plantas e não revolve a terra facilitando a formação de enxurradas e os efeitos desastrosos da erosão. Não temos dúvidas em indicar êsse processo aos lavradores de café, por ser mais barato, mais eficiente e resolvendo em grande parte um dos maiores problemas da lavoura cafeeira, isto é, a erosão.

(Do "Diário de São Paulo", 23-8-57)

O café na zona de Araraquara

PRIMO PINOTTI
(Administrador da Fazenda
Santo Anselmo em Matão)

Com o desaparecimento do húmus, com a escassez das chuvas e com o céu muito claro, isento de nuvens, Araraquara e municípios vizinhos deixaram de ser uma região apropriada à cultura do café. Vê-se que os pés de café sofrem e não têm a mesma produção de outrora, mesmo os novos. Se quisermos aumentar a produção com adubos químicos as safras melhoram, mas o fruto torna-se pequeno, de maturação desigual e de má qualidade. Se pudessemos humificar o solo seria o ideal. Entretanto, torna-se impraticável numa imensa fazenda como esta que administro. Mesmo numa pequena lavoura não é aconselhável esta prática no momento atual, porque o mercado está exigindo café suave, despolpado. Simples quantidade temos de sobra. A safra do Norte do Paraná no próximo ano será de 10 milhões de sacas.

Êste é o panorama que se observa também em tôdas as regiões cafeeiras de São Paulo e do país. Todavia por uma experiência feita aqui na fazenda, verifica-se que a pavorosa crise que nos ameaça não será invencível.

Há doze anos sombreamos 14 mil pés de café de 21 anos pelo ingàzeiro. Quando os ingàzeiros alcançaram 6 anos, a produção começou a cair assustadoramente para 30, 25 e 20 arrobas por mil pés. A lavoura insolada mantinha uma média de 80 arrobas por mil pés. A desproporção era enorme. Muitas pessôas me aconselharam a retirar os ingàzeiros. Por ácaso, notei que numa clareira os cafeeiros estavam muito carregados. Então resolvi diminuir a sombra em 60%. Havia um ingàzeiro para oito pés de café e ficou 1 ingàzeiro para 16 pés de café. Quando comecei a descascar o tronco dos ingàzeiros para uma morte lenta, a fim de que o cafèzal não se ressentisse com a mudança brusca da atmosféra, apareceu na fazenda um agrônomo do Instituto Agronômico de Campinas, o qual em termos enérgicos exprobou o meu procedimento. Não queria que eu matasse os ingàzeiros. Como êle não era meu patrão fiz o que quis.

O resultado: após o raleamento da sombra a lavoura sombreada tem dado uma produção média de cem arrobas por mil pés, sendo que êste ano alcançou cento e quarenta arrobas por mil pés. Os cafèzais ao relento produziram uma média de sessenta arrobas por mil pés.

Sempre fui tido como indivíduo curioso e observador. Se tenho êstes predicados são os únicos de que disponho para resolver os meus problemas rurais. Trilhei o caminho certo. Os que erraram acenselhando-me a derrubada dos ingàzeiros e o agrônomo que optou pelo excesso de sombra, a bem de São Paulo, devem voltar e tomar o caminho certo, como fazem todos os que se enganaram numa encruzilhada.

O sombreamento resolve o problema da cafeicultura do Brasil. Certos agrônomos que vivem nas Casas da Lavoura a combater as lavouras sombreadas devem visitá-las a fim de que, certificando-se da verdade, possam prestar relevante serviço ao país.

O fruto do cafeeiro sombreado é bem granado, uniforme, graudo e de aspecto sedoso. Pode ser todo êle colhido em cereja e despolpado.

Aqui fazemos duas colheitas. A primeira, dos ponteiros ao centro; a segunda, do centro à barra, onde a maturação é mais tardia. Para o despolpamento não é necessário catar a dedo como se procede na lavoura insolada, onde, no mesmo galho, ao lado do cereja, encontra-se o chumbinho, o verde e o chocho.

Foi justo o prêmio concedido ao sr. Malzoni, proprietário da Fazenda Aquidaban. A sua lavoura foi plantada com todo o capricho e técnica, a começar pela derrubada que, para a conservação integral dos húmus, não foi queimada. Não corresponde todavia, às exigencias do I.B.C. que requer boa produção, mas, do cereja para o despolpamento.

Se a fazenda fosse minha já estava tôda ela sombreada. Tornar-se-ia perene e encontraria sempre mercado para tôda a produção. Se não fôr adubada, produz bem porque já tem o húmus fornecido pelo ingàzeiro e conservado pela sombra. Se fôr adubada com adubos químicos, produz ainda mais, conservando o fruto a uniformidade, o belo aspecto e o tamanho.

(Da "Fôlha da Manhã", 11-8-57)

★

AUMENTA A PREPARAÇÃO DE CAFÉS SOLÚVEIS NO E.U.A.

De acôrdo com levantamento efetuado por Departamento estatístico norte-americano, os estoques de café nos Estados Unidos, em poder de torradores, importadores e comerciantes, a 30 de junho último, era de 2.881.000 sacas, excluidas as disponibilidades das forças armadas.

A mesma fonte indica que, no primeiro semestre de 1957, foram torradas naquele país 10.244.000 sacas de café (não incluidas as destinadas às forças armadas), acusando diminuição de 2,2% relativamente ao movimento do mesmo período do ano passado. Deve-se notar que 1.735.000 sacas foram torradas para cafés solúveis (16,9% do total). No primeiro semestre de 1956 tal porcentagem foi de 15,2%, enquanto atingiu 16% em todo êsse ano.

(Da "Fôlha da Manhã", 28-8-57)

Irrigação dos cafèzais

José L. Papousek
Engenheiro

A irrigação por aspersão é hoje reconhecida como das mais importantes para melhorar o rendimento dos cafèzais. Combinada com uma adubação adequada, provou ser decisiva também na recuperação da produtividade. Mas, como a adubação, a irrigação tem de ser perfeita.

Muitas instalações já foram empregadas, dando ótimos resultados mas, também algumas falharam, fatôres importantes não foram estimados ao planejamento e que exercem grande influência sôbre o êxito do empreendimento. Tais fatos não surpreendem, porque o planejamento segue muitas vêzes as instruções de fabricantes que desconhecem as condições peculiares para a cultura do café no Brasil.

Há grande diferença em projetar uma instalação para irrigar grandes pastos ou qualquer cultura em terra mais ou menos planas, pouco acidentadas e, cafèzais em grande extensão de superfície è em declive.

O café no Brasil e, especialmente, no Estado de São Paulo, é em geral plantado em declives, nas encostas de morros, proporcionando grande diferença de nível entre a fonte de água e o ponto mais alto de distribuição da chuva; tendo, assim, de vencer alturas exageradas. Neste caso, todo cuidado é pouco no planejamento e não é possível seguir qualquer regra esquemática ou rotineira; cada projeto tem de ser elaborado individualmente.

Para irrigar tôda a extensão de uma área dentro de certo tempo com uma chuva suficiente, exige seu volume d'água. Levar esta água através de terreno acidentado em altura e distância até o extremo a ser alcançado, ocasiona enormes perdas pelos atritos na passagem d'água pelos tubos condutores.

O estado da superfície das paredes internas dos tubos, seu diâmetro certo, a velocidade de passagem intimamente ligados — com o volume necessário e a pressão, são fatôres, que às vêzes, não são tomadas na devida consideração.

Em geral, são também excessivas as perdas ocasionadas pelas múltiplas curvas e mesmo pelo zigue-zague em que são assentados os tubos. Há casos em que, para diminuir o custo da instalação, empregam-se motobombas de menor capacidade de pressão, desejando movimentar grandes volumes d'água com pressão, de 40-50 libras, o que conduz à ineficiência da instalação.

Motobombas possantes são necessárias para vencer todos os obstáculos, montadas em grupo ou, como é

preferível, divididas em dois ou mais grupos montados em paralelo.

O recurso de intercalar pequenas motobombas nas linhas mestras sòmente pode criar aborrecimentos.

Aparecem em São Paulo casos de instalação deficientes, os quais deram origem às reclamações na 11 Mesa Redonda Regional de Conservação do Solo, em São José do Rio Preto: "Certas firmas particulares, no afã de venderem conjuntos para irrigação a preços mais convenientes, descuidam da parte técnica que o assunto exige, oferecendo, às vêzes, aparelagem em completo desacôrdo com as indicações técnicas."

Não é de admitir que tal suceda, porque nem todos os fornecedores dispõem de pessoal habilitado para a elaboração de projetos.

Além de tôdas as dificuldades mencionadas para projetar uma instalação de irrigação por espersão, há ainda um fator importante, ao qual até agora não foi dispensada a devida atenção: é o ASPERSOR.

Existe grande variedade de tipos, conforme as necessidades da lavoura do país de origem.

Para irrigar pastos, culturas de certas hortaliças ou culturas frutíferas, onde o pêso das chuvas não influi, bastam aspersores de reação.

Na Europa, onde a irrigação é quase sempre empregada em culturas de hortaliças sensíveis, procura-se produzir chuvas finas, por aspersores que distribuem chuvas estável e uniforme.

Para economizar tempo a trabalho, os aspersores têm de distribuir a água desde a base até o ponto extremo do círculo, para evitar recobrir os círculos já irrigados por que o jacto d'água atingiu sòmente a periferia do círculo.

O aspersor precisa também oferecer a possibilidade de regular a densidade da chuva, da mais fina até a mais grossa, conforme a necessidade da cultura, respeitando as condições locais do solo, sua composição, inclinação e a necessidade da precipitação.

Infelizmente e em prejuízo da lavoura de café, não foram até hoje apresentados em São Paulo em uma exposição e funcionamento, todos os aspersores fabricados em diversos países, para que os interessados pudessem julgar e escolher os mais convenientes. Isso justificaria, até, uma exposição internacional de aparelhos para irrigação, diante da sua importância para a lavoura cafeeira.

É difícil isto, enquanto a situação câmbial do país não permitir importar as instalações, apesar das perspectivas de aumentar com estas, a produção e aliviar as mesmas dificuldades.

QUANTIDADE DE CHUVA

A quantidade de chuva que deva ser aplicada ao café em cada caso seja durante a sêca ou para corrigir

o deslocamento as precipitações, é um problema que ainda será resolvido pelos agrônomos.

Variam as opiniões de 40 até 180 mm pluviométrico, às vêzes não tomando em consideração as perdas pela vaporização, composição do que atingem em média 2/3 da chuva precipitada.

Os entendidos recomendam irrigar durante à noite para evitar evaporação e regular a densidade, conforme o solo.

INSTALAÇÕES MÓVEIS OU PERMANENTES

Nos cafèzais de São Paulo, preferem-se instalações móveis, com tubos leves de alumínio. Transportáveis fàcilmente de um ponto para outro.

Em certos casos, prefere-se no estrangeiro, a instalação permanente com tubos de aço ou ferro galvanizado, cobrindo em verdadeira rêde tôda área a irrigar, com bombas funcionando sob alta pressão, com aspersores montados em cima de torres de ferro de 12-15 metros de altura, atingindo os aspersores raios de chuva até 120 metros, e diâmetro de círculo de 240 metros, um sistema que, apesar do alto custo, será talvez num futuro não muito distante, empregado no Norte do Paraná, para proteger os cafèzais contra as geadas fortes, que são esperadas com o progressivo desfloramento da zona.

Na técnica de irrigação, aparecem constantemente novas aparelhagens, porém sempre conforme as necessidades dos países de origem.

Na América do Norte, a maior preocupação é a movimentação das tubulações sôbre o campo, para economizar pessoal e tempo.

Montam-se as tubulações sôbre rodas, às vêzes já equipadas com motores próprios, enquanto se negligencia na construção de aspersores, o que alí, não tem tanta importância.

Na Europa, e para as instalações destinadas ao Oriente Médio, onde a irrigação artificial encontra tôda proteção dos governos, para desenvolver a agricultura, preferem-se instalações permanentes ligadas aos grandes açudes públicos: Verifica-se, assim, a complexidade da técnica de irrigação por aspersão e o cuidado necessário no planejamento, para obter tôdas as vantagens do sistema em favor da nossa lavoura.

(Do "Correio da Manhã", Rio, 11-8-57)

Assistência à cafeicultura

A Comissão Executiva incumbida de aplicar os recursos destinados à lavoura cafeeira pelo Decreto n.º 41.635, de 4 de junho de 1957, acaba de ter seu funcionamento regulamentado pelo Decreto n.º 41.925, de 29 de julho último. A Comissão, que é presidida pelo Ministro da Fazenda e integrada pelo presidente do Instituto Brasileiro do Café, pelo presidente da Junta Administrativa do I.B.C., pelo presidente do Banco do Brasil e pelo diretor de Carteira de Câmbio do Banco do Brasil, tem as seguintes atribuições:

a) convencionar com o Banco do Brasil os juros dos depósitos transferidos a seu crédito constantes do artigo 1.º do Decreto n.º 41.651;

b) aprovar condições para a venda de cafés;

c) orçar a receita e fixar a aplicação dos recursos e as despesas com o seu funcionamento;

d) realizar operações de crédito;

e) fixar verba anual para propaganda nos mercados de produção e de consumo;

f) votar cada ano verbas para as regiões produtoras, destinadas às diferentes aplicações;

g) realizar convênios com bancos oficiais para financiamento do café, bem como para formação ou renovação de cafèzais;

h) autorizar financiamentos para aquisição de fertilizantes inseticidas, máquinas, implementos e veículos destinados à atividade cafeeira em tôdas as suas fases, para venda aos cafeicultores, diretamente pelo I.B.C., ou por intermédio de associações de classe;

i) instalação de serviços gerais de assitência ao trabalhador das propriedades cafeeiras;

j) promover operações de compra e venda de café, para defesa do mercado;

Para a execução dos serviços, a Comissão estruturará seus serviços, baixará instruções, elaborará balancetes mensais e prestará contas ao Tribunal de Contas da União, na forma da legislação vigente.

A representação da Comissão Executiva caberá ao Ministro da Fazenda, substituido em suas faltas e impedimentos pelo presidente do Instituto Brasileiro do Café. Caberá ao presidente do I.B.C., a execução das medidas que forem aprovadas pela Comissão.

(Do "Correio da Manhã" Rio, 4-8-57)

Para que reconquistemos os mercados mundiais, torna-se necessário produzir cafés finos. Para isso é indispensável, principalmente, a colheita adequada e um beneficiamento cuidadoso.

A PODA DO CAFEEIRO

ALCIDES CARVALHO

No geral, quando se faz referência à poda do cafeeiro, supõe-se que se trate de cafèzal sombreado e em regiões onde a planta cresça demasiadamente em altura. Os tipos de poda usados nesses cafèzais são vários e nem sempre conduzem a resultados satisfatórios, principalmente no que concerne à produção e à incidência de moléstias.

Nos cafèzais a pleno sol, outros são os métodos usados. Entre nós, o que se denomina de poda nada mais é que a eliminação de ramos secos e improdutivos ou de excesso de ramos ponteiros principalmente quando o cafèzal sofre os efeitos da geada. Talvez o motivo principal de não se ter cogitado dessa operação entre nós resida no fato de se plantar mais de um cafeeiro por cova, o que em parte regula os efeitos da superprodução das plantas individuais.

Em algumas outras regiões que também cultivam o cafeeiro sem o concurso do sombreamento, no entanto, o uso da poda é muito frequente. Em Quenia, por exemplo, além da poda de formação e renovação de lenho, pratica-se a poda para eliminar ramos muito carregados de café, a fim de regular o excesso de produção e reduzir os efeitos do "die-back". Para um lavrador paulista, há de parecer estranho êsse tipo de eliminação de ramos carregados de café verde para dar mais regularidade às produções anuais. Acontece, porém, que em Quênia se planta apenas uma planta por cova e, se o excesso de produção não fôr retirado, o número de falhas ou de cafeeiros deformados aumentará consideràvelmente após um ano de alta produção.

No Havaí também se planta um só cafeeiro por cova. A planta é, desde o início, conduzida de vários modos, sendo o mais usual o tipo de poda que permite o desenvolvimento de 4 a 6 hastes. Essa formação de pé de café é semelhante à que usamos quando plantamos 4 a 6 mudas na cova. A poda no Havaí é feita não sòmente para estabilizar a produção de ano para ano como também para obter plantas de porte menor, a fim de facilitar a operação de colheita, demasiadamente onerosa nessa região. Com a poda há constante formação de lenho novo, onde se desenvolvem cerejas maiores e mais uniformes. O tipo de poda que deixa 4 ramos ponteiros é denominado "Tipo Quatro ponteiros, 1-2-3-4" e é aplicado também a plantas mais velhas. Estas podem ser cortadas a cêrca de 60 cm, permitindo-se depois o desenvolvimento de quatro ponteiros de idade diversa, os quais são periòdicamente renovados.

Depois de 4 anos de produção, o ponteiro mais velho é cortado a cêrca de 5 cm do tronco antigo, permitindo-se depois a brotação de outro ponteiro para substituí-lo. A planta fica, assim, renovada cada três a quatro anos e conserva

a mesma superfície produtiva ano após ano. O calendário para a poda, nesse sistema, seria o seguinte (Extension Circular 358, da University of Hawai, 1956):

N. do ponteiro	*Substituido no ano*	*Seria renovado no ano*
1	1955	1959
2	1954	1958
3	1953	1957
4	1952	1956

O outro sistema de poda com haste múltipla, muito usual, é o "tipo Seis Ponteiros, 1-2-3-4". Deixam-se seis ponteiros por planta os quais são substituidos periòdicamente. Dois ponteiros são substituidos cada dois anos e um ponteiro cada ano alternado. O sistema é usado para plantação no espaçamento de 2,40x2,40 m ou mais, em áreas de muita insolação, adequada queda pluciométrica e solo de alta fertilidade.

O calendário, nêsse caso, seria o seguinte:

N. do ponteiro	*Substituido no ano*	*Seria renovado no ano*
1 e 2	1955	1959
3	1954	1958
4 e 5	1953	1957
6	1952	1956

É claro que êsses dois sistemas não são os únicos e mesmo no Havaí se encontram plantações nas quais são dexadas até 10 hastes, que são renovodas de modo semelhante ao indicado antes. A melhor época para quaisquer dessas podas coincide com o período imediatamente posterior à colheita, no inverno seco, quando o cafeeiro se torna semidormente.

Mais recentemente, a Estação Experimental do Havaí apresentou os resultados de um novo tipo de poda. As linhas de café, nêsse caso, são plantadas mais juntas e são recepadas linhas inteiras em anos determinados, de modo a sempre ter lenho novo.

Para as nossas condições de plantio a 4 pés por cova, seria o caso de se pensarem fazer a recepagem das plantas individuais em anos alternados, de modo que a cova seja renovada cada 4 ou 6 anos. Talvez assim se conseguisse reduzir a disparidade de produção de ano para ano.

(De "O Estado de São Paulo", 14-8-57)

Aspectos econômicos do uso dos herbicidas

O estudo comparativo dos gastos da erradicação das ervas daninhas, seja mediante processos mecânicos ou pelos herbicidas, constituiu o tema de importância por ocasião do Primeiro Seminário Brasileiro de Herbicidas e Ervas Daninhas, que teve lugar no Rio de Janeiro, em junho do ano passado, e a discrepancia de opiniões durante tôda a discussão atesta que o estudo do aspecto econômico do problema depende ainda de melhores informações.

Assim por exemplo, no que se refere ao problema básico, isto é, se se deve preferir o combate mecânico ao tratamento químico, os resultados das experiencias feitas na cultura de cana-de-açúcar, no Rio de Janeiro, indicam que o uso dos herbicidas, em pré-emergência, substitui perfeitamente os trabalhos equivalentes a duas capinas, ao passo que, em Pernambuco, iguais observações realizadas na mesma cultura revelam uma margem de lucro de cêrca de 880 cruzeiros, por hectare, a favor do tratamento químico. Contudo, resultados diversos têm sido obtidos no combate às ervas daninhas dos cafèzais, acreditando a maioria dos técnicos que se ocupam do assunto que nesta cultura as capinas manuais ainda constituem práticas sensìvelmente mais econômicas que o uso dos herbicidas. No caso do cafeeiro, só começa a fazer-se sentir a vantagem do combate químico após a terceira ou quarta aplicação de herbicidas, quando o grau de infestação da cultura pelas ervas daninhas já se encontra bastante reduzido. Além disso, em diversos casos ficou comprovado que muitos herbicidas, como o TCA e o Dalapon, exercem ação nociva ao cafeeiro.

Nos exemplos em que o tratamento químico sobrepujou o combate mecânico, do ponto de vista econômico, tornou-se evidente que os adubos eram mais bem aproveitados pela cultura, pois nesse caso não há concorrência das plantas daninhas no aproveitamento da alimentação. Mas, por outro lado, e evidenciando a natureza extremamente complexa do problema, foi observado que, em muitos casos, as culturas que receberam tratamento químico de combate às ervas daninhas, produziram menos que aquelas nas quais o combate foi realizado por meio de capinas. A explicação para o fato seria que as capinas melhoram sensìvelmente as propriedades físicas do solo, do que resultam colheitas mais abundantes. Em síntese, a prática ideal de combate às ervas daninhas nos cafèzais parece ser a combinação dos tratamentos químicos e mecânicos.

Outras questões secundárias a observar na aplicação dos herbicidas, como por exemplo, como devem ser aplicados tais produtos químicos, manual ou mecânicamente, se em tôda a área cultivada ou apenas nos sulcos etc., tornam difícil a avaliação do verdadeiro custo das aplicações de herbicidas.

Além dos numerosos problemas técnicos que deverão ser resolvidos antes que se tenha exata idéia das despesas que o uso dos herbicidas acarreta, agrava o custo do tratamento químico e elevado preço daqueles produtos por tratar-se de material importado. O amparo oficial torna-se necessário, seja facilitando-se a entrada dos diversos produtos herbicidas no País, seja incrementando-se a produção congenere nacional. Nêste particular, é grato assinalar que a Companhia Siderurgica Nacional (Usina de Volta Redonda) já dispõe de acido sulfurico e sulfato-ferroso, herbicidas específicos para o combate das plantas de fôlha larga, podendo ser usados também no combate às ervas daninhas dos cafèzais, sem nenhum dano para a cultura. Por outro lado, são grandes as possibilidades de fabricação do fenol, produzido do benzol e do 2,4-D com base no ácido monocloroacetico, que existe no País, ao passo que apreciavel quantidade de pentaclorofenol já têm sido conseguida como resíduo da fabricação do BHC e do DDT.

(De "O Estado de São Paulo", 9-8-57)

Osvaldo Cruz, 7-7-57
Prezado Senhor

Sinceramente lamento importunar-vos com esta. Entretanto, quero garantir, não ser eu o responsável, mas sim, V.S.!! — É que, ligado aos meios agrícolas, nunca havia tido oportunidade de lêr o "Boletim da Superintendência dos Serviços do Café" — e êste Boletim, é o culpado de o Sr. Jairo Alvarenga, cafeicultor dêste município ter-se tranformado no mais "perito e afamado" plantador de café desta região.

É êle procurado e investigado por outros fazendeiros de regiões alhures, que desejam conhecer de perto os efeitos do "método Alvarenga" — O Boletim é responsável também pelo conhecimento que o Sr. Jairo tem sôbre tudo que concerne à lavoura de café em todos os outros países! — Enfim, o ***"Boletim é o seu mestre."***

O Sr. Jairo possue lavoura de 15 e 18 meses já produzindo e prometendo ***"estourar"*** *na safra vindoura.*

Bem, já falei muito do Sr. Jairo! — E agora, o negócio é comigo! — suplico e rogo à V.S. uma ***"Coleção Completa"*** *de tão boas obras, a fim de que eu possa também sentir os efeitos de tão notáveis ensinamentos.*

E na enorme esperança de uma aprovação de V.S. aguardo anciosamente uma resposta.

De vosso grato servo,
Júlio Balza

JÚLIO BALZA
MINAS HOTEL
C.P. 30 — LUCÉLIA
EST. S. PAULO

Uma séria doença do cafeeiro

SEBASTIÃO SILVA
Engenheiro agrônomo

Os primeiros números do " Bulletin d' Information de l'Institut National pour d'etude Agronomique du Congo Belge" trazem preciosas informações a respeito de uma doença que está desvastando as plantações do cafeeiro (Coffea robusta) naquela zona. Esta espécie, pertencente ao grupo "robustoide", no qual se incluem o *C. robusta, o C. canephora* (considerado o tipo do grupo) e muitas variedades, encontra-se em estado nativo na África, de onde se espalhou. Caracteriza-se pelo majestoso, caule geralmente múltiplo, proporções maiores que o *C. arabica,* rusticidade, precocidade, grande produtividade, porém dando bebida considerada neutra.

Segundo BRASELLE e GEORTAY, autores de um dos trabalhos do citado Bull, ou I.N.E.A.C. além de grande intensidade na Costa do Marfim (seg. Jacques-Felix, 1950), a doença também grassa em Ubanghi-Chari (Saccas, 1950), atingindo aí 15.000 há de plantações. Assim pode-se ver que a dispersão do agente causador da doença é bem grande.

O primeiro a isolar o patógeno, *Fusarium xylarioides,* foi R.L. Soayaert, em estudos realizados nas províncias de Aba e Bangui, em 1948, quando Chefe da Divisão de Fitopatologia do I.N.E.A.C.

A doença, chamada traqueomicose, sòmente depois de 1949 foi considerada epidêmica no Congo Belga. Os autores dão os seguintes sintomas:

Externos: As fôlhas amerelecem ou ficam pardacentas, podendo encresparem-se antes de tomarem aquelas colorações e caírem antes mesmo de um secamento completo, e os ramos do alto da copa mostram as pontas sêcas. Os frutos enegrecem e tornam-se imprestáveis. No tronco nota-se que a casca se hipertrofia e se fendilha, tomando coloração negra ou pardacenta. A madeira subjacente também se colore até profundidade variável. Olhando-se para um tronco com estas características ve-se lista vertical ou ligeiramente inclinada de largura variável, e com coloração acima descrita. Êste quadro dá ao cafeeiro um aspecto característico da doença. Esta lista, visível mesmo desde o coleto ou das raízes superficiais identifica, ràpidamente, o indivíduo atacado, e vai até os ramos mais inferiores. No coleto há geralmente maior intensidade, podendo-se notar pequenos corpos arredondados, azuis escuros, que são a frutificação do fungo.

Internos: Os sintomas microscópicos são fàcilmente indentificáveis. O micélio do fungo é perfeitamente visível tanto na madeira jóvem como na casca. Os vasos ficam cheios de

micélio incolor e estão geralmente obstruídos pelos tilos e por substâncias gomosas; é isto que causa o definhamento da planta.

Os autores acentuam que os sintomas próprios da doença são o enegrecimenoo da casca e a coloração parda que adquire a madeira subjacente a ela, de forma que as listas aparecem nitidamente. A importância do conhecimento dêsses sintomas não necessita ser relevada: êles permitem identificar os doentes, possibilitando medidas de cura, eficiente.

Os principais característicos do parasita são dados em seguida: O patógeno é um cogumelo de micélio filamentoso, encontrado na madeira jovem, e, em algumas vêzes, nos outros tecidos. Pode dar origem a conídias exteriores, quando existirem condições particulares do meio. Os esporos disseminam a doença, podendo o patógeno viver muito tempo no terreno, em restos de madeira. Nesta forma de conídias tem o nome de *Fusarium xylarioides* Stayaert, enquanto na forma perfeita, na qual dá origem a peritécios e ascas com ascosporos, recebe o nome de *Gibberella* (*Carbuncularia*) *xylarioides*, proposto por Hem e Saccas. Os corpúsculos globosos que aparecem na fendas da casca atacada são exatamente os peritécios.

Como principais fatôres que influem na disseminação, fato ainda sem explicação total, os autores discutem os seguintes:

a) Modo de dispersão do parasito (a disseminação aérea dos germens é muito mais importante do que por intermédio do solo;)

b) os diversos graus de susceptilidade das diferentes linhagens de cafeeiro (em Yangambi notaram que algumas são muito susceptíveis, enquanto outras demonstram certa resistência);

c) a idade do cafeeiro (ainda que o ataque possa surgir no viveiro, a entrada em produção parece aumentar a extensão do ataque);

d) os traumatismos e ferimentos durante as práticas culturais podem contribuir para aumentar a infestação. A forma do cafeeiro *parece* influenciar; em Yangambi, verificam-se que os multicaules apresentam maior índice de infestação.

MÉTODO DE COMBATE:

Linhagem resistentes — existem observações de que certas linhagens apresentam menor receptividade que outras, entretanto, esta medida ainda não está em franca execução.

Medidas curativas e preventivas, nas condições atuais os autores recomendam as seguintes:

1 — Inspeções fitossanitárias constantes na plantação, com a finalidade de descobrir focos de disseminação:

2 — identificação de todo e qualquer caso de traqueomicose, pelo exame acurado de todo o pé anormal sob qualquer ponto de vista dentro do quadro sintomatológico da doença;

3 — marcação dos pés doentes por meio de sinal visível;

4 — tratamento imediato:

a) pela destribuição dos germens nos tecidos superficiais, pelas pulverizações com carbolineum a 10% aquoso, ou com calda bordalesa forte nos órgãos aéreos;

b) pela erradicação dos pés doentes, queimando todos os órgãos, inclusive as raízes, no próprio local onde êle estava plantado.

Antes de fazerem recomendações quanto à maneira de remeter material fitopatológico para exame do "laboratoire Central de Plytopathologie de Yangambi" os autores expõem a organização de grupos para o contrôle, no campo, da disseminação do patógeno. Êsses grupos são: equipe de inspeção (que percorre sistemáticamente a plantação seguindo um esquema pré-estabelecido); equipe de pulverização (de carater executivo); equipe de erradicação e queima (também executiva); e finalmente, a equipe de contrôle geral dos trabalhos.

FRASELLE, VALLAEYS e DE KNOT, tem outro trabalho no mesmo periódico, descreveu pormenorizadamente a execução das medidas contra a traqueomicose, concluindo que ainda sendo uma doença grave, as medidas têm resultado num contrôle do mal pelo extermínio de grande número de focos.

Para elaboração da presente nota foram especialmente consultados os trabalhos baixos:

Fraselle, J.V. et G. Geordav, 1952; Une grave maladie du caféier "robusta": la trachéomycose. Advertissemente et conseils aux planteurs. Bull. I.N.E.A.C. 1 (1-2): 87-102.

Fraselle. J.V. G. Vallaeys et O. Knop. 1953; La lutte contre la trachéomycose lu caféier à Yangambi et le problème que pose actuellement cette maladie au Congo Belge. Bull. I.N.E.A.C. 2 (6): 373-394.

Ferreira Filho, J.C. Elementos de Agricultura Geral — 1927.

Ferreira Filho, J. C. Cultura do Café. S.I.A. 1925: 2.ª Ed. 1949.

Camargo. R. e Adalberto do Q. Telles Jr. O café no Brasil; vol. I: S. I.A. Série Est.-Brasil, n.º 4 — 1953.

Milanez, F.R. e J. Joffily, 1942; Estudo sôbre a fusariose do algodoeiro. Rodrigues, ano V. n.º 14.

Krug, H.P. 1936; Fusarium como causador da marcha do algodoeiro no Brasil. Rodriguesia, ano II, número especial: Anais da primeira reunião de plytopathologistas do Brasil.

Hunnicut, B. H. Algodão, cultivo e comércio, 1936.

Direction de l'agriculture de l'elévage et des forêtas; Sec. Tech d'Agriculture tropicale (Min. de le France d'ourte mer). — Bull. Sci n.º5. "Contribution a l'etude du Caféier en Côte d'Ivore". 1954. (Neste bolétim há diversos trabalhos sôbre o assunto).

(Do "Correio da Manhã", Rio, 18-8-57).

Cuidados com o café novo

ALCIDES CARVALHO

Não é demais chamar a atenção dos lavradores para a necessidade de dispensar tratos culturais esmerados à lavoura de café recém-instalada, a fim de que em pouco tempo se mostre compensadora. A formação do cafèzal em terra já cultivada requer emprêgo de mudas boas, formadas com sementes selecionadas e plantadas devidamente, de preferência logo no início das chuvas, em setembro-outubro. O plantio cedo permitirá que a planta resista melhor a próxima estação seca, iniciada em maio-junho do ano seguinte, pois durante a estação chuvosa haverá tempo de um bom desenvolvimento da parte aérea e de um sistema radicular mais forte. Uma das operações a que se deve dar atenção especial relaciona-se com a adubação da planta jovem. Adubações constantes devem ser realizadas para que a planta se desenvolva bem e dê boas colheitas. No Hawai estuda-se com pormenores a adubação nos primeiros anos de vida do cafeeiro e, como nessa região os cafèzais são dos mais exuberantes que se conhecem, convém indicar como aí se procede com os jovens cafeeiros (Extension Circular 357, University of Hawai). Vejamos como se manifestam os técnicos do Hawai sôbre o assunto.

O objetivo principal da adubação de um cafeeiro novo é o de favorecer um sistema radicular vigoroso e um bom crescimento vegetativo, daí o motivo pelo qual há necessidade de aplicações de adubos ricos em fósforos. A primeira aplicação é feita cêrca de dois meses após a transplantação, embora uma boa adubação de fórmula 2-24,5,2 (de nitrogênio, fósforo e potássio) já se deva fazer no fundo da cova pouco antes da transplantação. A mistura a usar deve ser da fórmula 10-10-10, colocando-se uma boa porção, por planta, espalhada a partir de um pouco além da haste até a projeção do primeiro par de ramos primários. É preferível abrir sulcos ao redor da planta e enterrar o adubo do que colocá-lo superficialmente. A mesma adubação deve ser repetida de três em três meses durante o primeiro ano após a transplantação. No segundo ano as plantas já estão mais crescidas, de maneira que a quantidade de adubo a usar seria maior, porém, com a mesma fórmula. No terceiro ano já se torna necessário aumentar a quantidade de potássio, desde que se iniciam o florescimento e a frutificação. Dêste modo a fórmula melhor seria de 10-5-20, na base de uma tonelada por hectare. O adubo é aplicado superficialmente, durante 4 vêzes por ano, a primeira aplicação no início da estação chuvosa, a segunda logo após o florescimento, a terceira durante o tempo em que os frutos estão crescendo mais ràpidamente e a última logo antes da colheita. No quarto ano

a quantidade de adubo pode ainda ser maior, cêrca de 1.500 kg por hectare, aplicados em 4 vêzes. A fórmula deve ser a mesma 10-5-20, isto é, rica em potássio. A' medida que aumenta a quantidade de adubo, maior atenção deverá ser dada à sua boa aplicação, isto é, sob o cafeeiro, porém suficientemente afastada do tronco. Nas plantações que recebem bastante sol, recomenda-se ainda cêrca de 500 kg/ha de sulfato de amonio, aplicados em duas vêzes, a primeira vêz entre a primeira e a segunda aplicação dos adubos da fórmula 10-5-20 e, a segunda vêz, entre a terceira e quarta aplicação da fórmula. Na quinto ano já o cafèzal está formado e a fórmula rica em potássio 10-5-20 é aumentada para 2.000 kg/ha, bem como a de sulfato de amonio para 800 kg/ha.

Outra prática indispensável ao bom desenvolvimento das plantas é a erradicação constante das ervas daninhas. Nenhum cafèzal se forma bem no meio do mato. A limpeza deve ser feita tanto no período das águas como no da seca, não deixando nenhum mato, mas tomando-se precaução para que não ocorram perdas de terra por erosão. A limpeza do terreno no Havai é inteiramente feita pela aplicação de herbicidas, na base de óleo emulsionado. A aplicação de arseniato de sódio como herbicida já está condenada, por desenvolver condições toxidas no terreno.

Atenção também deve ser dada quando surge o coccideo, único inseto daninho que ataca de vez em quando os cafèzais havaianos. O emprêgo de inseticidas como malation pode ser feito, porém é preferível que o próprio inimigo natural do inseto, um fungo que o controla bem, se desenvolva no cafèzal.

Em São Paulo já se notam lavouras muito bem formadas em terras velhas e seria de se almejar que tôdas apresentassem as enormes produções que se conseguem no Havai, por unidade de área. O uso de sementes selecionadas e um maior esmero no tratamnto do cafèzal poderão conduzir a êste objetivo.

ALIMENTAÇÃO DEFEITUOSA E DENTES ESTRAGADOS

A principal causa dos dentes estragados ou cariados é a alimentação pobre em cálcio, fósforo e vitamina D. Corrigir a alimentação defeituosa é o primeiro passo para evitar a cárie dos dentes.

Proteja seus dentes incluindo na alimentação leite, ovos, verduras e frutas.
— SNES

Écos do XIX congresso nacional dos cafeicultores da Colômbia

O XIX Congresso Nacional dos Cafeicultores colombianos, reunido recentemente em Bogotá, tomou conhecimento do relatório do administrador da Federação Nacional dos Cafeicultores, sr. Manuel Mejia, sôbre as atividades desta organização nos últimos vinto anos, isto é, desde que assumiu êsse cargo. Trata-se de um documento impresso, de cento e oitenta e duas páginas de dados estatísticos e gráficos, cuja conclusão contêm os seguintes elementos principais: Convém — escreveu o sr. Mejia — que os colombianos analisem de modo realista, as atuais condições de sua indústria cafeeira e de seu desenvolvimento nos últimos anos. Com efeito, embora o preço do café tenha subido há vinte anos, em virtude de motivos diversos, o volume total da produção não aumentou como era de desejar, levando-se em consideração que êsse produto constitui o elemento básico do nosso comércio externo. O sr. Mejia assinala, em seu relatório, que enquanto em 1943 a exportação de cafés colombianos havia atingido 5.290.992 sacas, ela se manteve, nos treze anos que se seguiram, num nível que varia entre quatro e meio e cinco milhões e meio de sacas. O administrador da Federação Nacional dos Cafeicultores fêz, mais adiante, um resumo da campanha sustentada pela Federação, em favor da renovação das plantações, cuja produção, por pé, não era satisfatória, preconizando a substituição das plantas velhas por variedades melhores e o emprêgo de adubos orgânicos ou químicos. "Naturalmente — disse o sr. Mejia — essa campanha se choca, na prática, com as dificuldades nascidas, em primeiro lugar, do pouco entusiasmo dos agricultores, tôdas as vêzes que se trata de substituir por plantas novas seus cafeeiros velhos e pouco produtivos. Essa circunstância contribui, como fator principal, para a redução crescente da superfície das emprêsas cafeeiras, entre as quais dominam pequenas propriedades de dois ou três hectares. Esperamos, todavia, que os cafeicultores colaborem de modo mais eficaz no desenvolvimento de nossa campanha, permitindo, assim a obtenção de melhores resultados, sem o que os mais inquietantes problemas surgirão para nossa indústria de cafés e para a economia geral da Colômbia, em futuro imediato. Todavia as exportações de café se mantiveram numa posição dominante no conjunto da produção colômbiana, fonte única de divisas, passando de 66,77% em 1937 a 77,25% em 1947 e a 83,47% em 1955 e chegando a 76,87% em 1957. Essa situação deve, sem sombra de dúvida, constituir a máteria de cuidadosos estudos e pesquisa de fórmulas que permitam modificá-la de modo favorável, no interêsse do país, cujas necessidades em divisas aumentam sem cessar, e do desenvolvimento de suas indústrias estabelecidas, na maior parte sôbre a base de matérias-primas importadas

Dos dados estatísticos incluidos no relatório do sr. Mejia, convem salientar os seguintes: 1) a produção do café colombiano em sacos de 60 quilos, era de: em 1936-37, 4.388.800; 1941-42 5.487.626; 1955-56, 5.584.702. 1951-52 foi o ano de maior produção, nos últimos vinte anos, com 5.584.702 sacas. 2) Exportações de cafés colombianos: 1937, 4.059.642 sacas; 1941, 2.911.505; 1956, 5.069.777. O ano de 1953 foi o de maiores exportações, com 6.632.336 sacas. Os Estados Unidos se mantiveram, por outro lado, como o principal comprador de cafés colombianos, embora, em 1955, a Europa tenha aumentado suas compras de cafés da Colômbia, elevando-as a 973.314 sacas, cifra essa que, em seguida, se reduziu.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", 483 — 17-8-57)

★

CONSELHOS ÚTEIS AO LAVRADOR

Senhor lavrador, deixe de lado as práticas agrícolas velhas e empíricas e adote as novas e modernas. Para o bom desenvolvimento de sua propriedade:

1 — Só cultive o que pode;
2 — Prepare bem o terreno;
3 — Combata e erosão;
4 — Adube o solo;
5 — Plante sementes selecionadas;
6 — Pratique a rotação de cultura;
7 — Destrua ùnicamente os restos de cultura, que são inevitáveis;
8 — Pratique a policultura;
9 — Plante na época certa;
10 — Renove a semente cultivada;
11 — Combata as hervas daninhas;
12 — Construa armazéns para os produtos;
13 — Instale o pomar e a horta;
14 — Entre em contacto com o agrônomo regional.

SOL E CAFÉ

Pedro CORREIA NETO

O artigo publicado pela FÔLHA DA MANHÃ sob o título "O Café no Vale do Paraíba", acêrca da lavoura sombreada da Fazenda Sta. Rita, em Pindamonhangaba, é ótima contribuição ao estudo da cafeicultura, porque soluciona o problema máximo da atualidade — a produção de cafés finos.

A fazenda do ilustre engenheiro que subscreve o artigo é um campo de experiência onde a prática vêm confirmar muitos conhecimentos teóricos.

O cafeeiro é uma planta de sub-bosque; vive bem à sombra. Havia na Fazenda Sta. Rita 23 mil pés de café sombreados. O agrônomo regional, segundo assevera o administrador Sebastião Vieira (caipira de inteligência invulgar), mandou derrubar os ingàzeiros por ser o sombreamento, dizia êle, método nocivo à lavoura. Já 3 mil pés se achavam desprotegidos, quando inesperadamente aparece no local o proprietário, engenheiro H. Correia Gonçalves, que ordenou suspendesse a derrubada. Os cafeeiros que ficaram a céu aberto sofreram muito com a mudança de ambiente: tornaram-se, com o correr do tempo, enfezados, desnudos e de produção quase nula. Os 20 mil pés que continuaram sombreados produzem 70 arrôbas por mil cafeeiros, permitindo um despolpamento de 80%.

Concorrência e sol — Tanto a produção como despolpamento poderiam ser maiores, não fôsse um defeito no sombreamento que está sendo corrigido. Há algumas árvores de sombra por entre os ingàzeiros, as quais, de raízes superficiais, fazem concorrência à rubiácea. Ficando despidas no inverno, não impedem que os raios solares prejudiquem a maturação, tal qual se observa na lavoura insolada. Em outros dez mil pés a pleno sol, porque os ingàzeiros ainda são novos, a produção é de 70 arrôbas por mil pés, podendo-se despolpar de 25 a 30%. O preço do despolpado no mercado é de Cr$ 3.500,00 a Cr$ 3.600,00. Do não despolpado, do qual não se consegue tirar o gôsto Rio por maior esmero que se tenha na colheita, na sêca e no benefício, é de Cr$ 1.800,00 a saca, isto é, a metade. Donde se conclui que, em face das exigências dos consumidores, é uma temeridade manter a lavoura ao relento, ainda que seja bastante produtiva. Ainda há a agravante de ser esta lavoura de pouca duração e trato caro.

Nos debates feitos na Festa do Café, em Ourinhos, o sr. Manteli afirmou a certa altura que os lavradores deveriam esforçar-se para elevar a produção de cafés finos a 100%. É possível, quando os lavradores se certificarem das vantagens do sombreamento. O sr. Osvaldo Araujo, em Campos Altos, nas proximidades de Araxá, Minas, em 400 mil pés sombreados, despolpou tôda a

safra, que foi de 80 arrôbas por mil cafeeiros, tendo alcançado o preço de Cr$ 3.600,00 a saca. O deputado Silvestre Ferraz Egreja, em aparte ao orador, quanto ao despolpamento, declarou: "Não é possível, entretanto, produzir cafés despolpados nesta zona. No máximo poderemos alcançar 20% de cafés despolpados sôbre o total de tôda a Média Sorocabana".

Na Colômbia, da lavoura sombreada, dividida em chácaras, despolpa-se 90%. No nosso meio, nos grandes cafèzais sombreados, a porcentagem de despolpamento é maior. O sr. Bale, proprietário de uma grande lavoura sombreada em Londrina, está sombreando outra de um milhão de cafeeiros, à margem esquerda do Ivaí, com ingàzeiros. As possibilidades, pois, da cafeicultura nacional são imensas.

HÚMUS E ADUBAÇÃO QUÍMICA — Na fazenda do sr. Luís Favaro, havia num terreno inclinado, verdadeira perambeira, uma velha lavoura de 70 anos, decrépita e improdutiva. Foi sombreada e mantém, com a recuperação do húmus pelo ingàzeiro, sem adubação nenhuma, a média de 120 arrôbas por mil pés. A safra dêste ano foi calculada pelo proprietário, pelo prefeito de Pirajú, também cafeicultor, e pelo agrônomo Rogério de Camargo, em 120 arrôbas por mil pés. A fazenda do sr. Urbano Bonfim, em Cravinhos, estava nas mesmas condições. Salvou-se exclusivamente pelo sombreamento. Bastam êsses dois casos para que seja destruida a seguinte tese apresentada pelo agrônomo Valter Lazzarini, na Festa do Café, em Xavantes: "Não confiem os agricultores exclusivamente na adubação orgânica, mas usem também a química que dará melhores resultados". Penso o contrário, não só pelos exemplos citados, como porque no húmus, o elemento básico da cafeicultura, existem muitos sais nutritivos. A vida do cafeeiro que o sol, depois de destruir o húmus é perene; a do insolado é efemera, pornatural, destrói sistemàticamente tudo o que se leva para a lavoura. Demais, sòmente o húmus pode reter a água necessária à dissolução do sais para que possam ser assimilados pelas plantas" "Corpora non agunt nisi soluta". Mesmo aceita por alguns cientistas, a doutrina do sr. Lazzarini não ficará de pé, segundo a opinião de Claude Bernard, sumidade em qualquer setor da biologia, acatado pelo mundo científico. Diz o célebre professor francês: "Quando um fato está em oposição a uma teoria reinante, é preciso aceitar o fato e abandonar a teoria, ainda que esta, sustentada por renomes, seja geralmente adotada".

O operoso deputado Rogê Ferreira pediu oficialmente ao Instituto Brasileiro do Café, por intermédio do Ministério da Agricultura, informações sôbre as fazendas sombreadas Olho d'Água, em São Manuel Paulista, do sr. Sampaio, e Califórnia, em Campos Altos, Minas, do sr. Osvaldo Araujo. O Instituto, para dar uma satisfação ao govêrno, declarou que a fazenda de São Manuel é um caso típico de exceção. A fazenda Olho d'Água, em certa época, pouco produzia, como muitas ou-

tras fazendas sombreadas. Os agrônomos, não podendo solucionar o problema, aconselhavam os fazendeiros a derrubar os ingàzeiros. Após meticulosa observação e estudo o sr. Sampaio mandou cortar as raízes superficiais dos ingàzeiros, por achar que estavam fazendo concorrência à rubiácea, com um dêsses sulcadores usados nos canaviais. Diminuiu também a sombra. Dessa data em diante a referida fazenda têm produzido a média de 70 arrôbas por mil pés. Exceção típica é o fato do sr. Sampaio não ter concorrido com os agrônomos e ter dado a estes técnicos uma lição sôbre cafeicultura. A fazenda do sr. Sampaio não é diferente das outras; êle sim, é um fazendeiro excepcional. A lição aos agrônomos foi extensiva a muitos fazendeiros cultos, inclusive o prof. Benedito Montenegro, a julgar pela entrevista dada à Sociedade Rural Brasileira pelo ilustre professor. Se o Instituto Brasileiro de Café mandasse fazer uma sindicância na Fazenda São Manuel e em outras sombreadas nas mesmas condições, não teria cometido o erro absurdo de tomar a nuvem por Juno. Sôbre a propriedade do sr. Osvaldo Araujo, a fazenda que exporta a maior quantidade de cafés despolpados no sul do país, o I.B.C., que recebe do erário público vultosa soma para a propaganda dos cafés finos, não disse uma palavra.

A lavoura sombreada acha-se desamparada, sem assistência. Para que ela se desenvolva e possa apresentar ao mercado café despolpado em massa, e possa, pelos ingàzeiros, recuperar as terras cansadas, será necessário que seja orientada por uma equipe de agrônomos especializados em sombreamento.

(Da "Fôlha da Manhã", 27-7-57)

★

NUTRIÇÃO DO CAFEEIRO

Para um bom desenvolvimento e produção, o cafeeiro necessita de elementos nutritivos principais, nitrogênio, fósforo e potássio, assim como dos elementos secundários, cálcio, magnésio e enxofre, como também dos elementos menores (muitas vêzes esquecidos), manganês, cobre, zinco, ferro e boro.

Adubação com os elementos nutritivos menores em solos deficientes dêsses elementos, pode aumentar consideràvelmente a produção. Em Costa Rica, adubação em cafeeiros, com sais de zinco e boro em areias onde ocorria carência dêsses elementos, aumentou de 100 a 200% a produção.

REFORÇA-SE A POSIÇÃO DOS CAFÉS AFRICANOS NOS E. U. A.

No primeiro quadrimestre dêste ano, as importações norte-americanas de café perfizeram o volume de 7.783.891 sacas, tendo acusado a ligeira diminuição de 0,6% sôbre o movimento de igual período do ano precedente. Ressalta, no quadro abaixo que enfeixa a participação dos principais fornecedores dos Estados Unidos, a crescente penetração dos cafés africanos no maior mercado consumidor da rubiácea no mundo. Efetivamente, os produtores da África estão consolidando sua posição naquele país, o que lhes assegura à colocação de maiores quantidades de café. Registram êles ganhos sensíveis, em maior ou menor proporção, que variam entre 9% para Angola, e 192%, no caso de Madagascar. Êsse fenômeno não resultaria apenas de preços mais atrativos oferecidos pelos produtores do Continente Negro, cujos fornecimentos em parte apreciável se destinam à formação de ligas ou às indústrias de cafés solúveis, como refletiria também o gradativo aprimoramento da qualidade, que se vêm notando em algumas regiões africanas, sobretudo nas colônias britânicas. De qualquer maneira, a expansão do mercado para a África deve representar uma advertência para os cafeicultores da América Latina.

Também se verifica que de janeiro a abril de 1957 melhorou a cota do Brasil nos fornecimentos para os Estados Unidos, os quais registraram aumento de 5,2% sôbre o movimento do primeiro quadrimestre de 1956.

Por último, deve-se notar que, por equívoco, figuraram, em nossa divulgação de 2 de junho último, dados referentes às compras norte-americanas no primeiro quadrimestre dêste ano, quando, na realidade, tratava-se do primeiro trimestre.

IMPORTAÇÕES NORTE-AMERICANAS DE CAFÉ

(Janeiro a abril de 1957, em confronto com igual período do ano anterior)

	Sacas de 60 quilos		*% + ou − em 1957*	*% s/ o total*	
	1956	*1957*		*1956*	*1957*
Brasil	3.384.531	3.559.018	+ 5,2	43,2	45,7
Colômbia	1.639.186	1.301.852	− 20,6	20,9	16,7
México	541.009	536.426	− 0,9	6,9	6,9
Salvador	371.371	335.828	− 9,5	4,7	4,3
Guatemala	381.436	325.957	− 14,5	4,9	4,2
Angola	274.354	299.941	+ 9,3	3,5	3,9
Etiópia	98.237	198.173	+ 101,7	1,3	2,6
África Ocidental Francêsa	146.405	188.012	+ 28,4	1,9	2,4
África Oriental Francêsa	148.457	175.021	+ 17,9	1,9	2,2
Venezuela	96.637	160.695	+ 66,3	1,2	2,1
Nicarágua	127.901	142.132	+ 11,0	1,6	1,8
Madagascar	46.725	136.487	+ 192,3	0,6	1,8
Costa Rica	13.033	78.889	+ 506,9	0,2	1,0
República Dominicana	210.102	72.833	− 65,4	2,7	0,9
Honduras	56.234	64.022	+ 13,9	0,7	0,8
Outros	295.310	208.605	− 29,4	3,8	2,7
TOTAL	7.830.928	7.783.891	− 0,6	100,0	100,0

(Quadro elaborado pela FÔLHA DA MANHÃ, com números absolutos de George Gordon Paton & Co.).

(Da "Fôlha da Manhã" — 6-7-57)

Observou-se queda de 12% na exportação brasileira de café da safra recém-finda

Durante o ano comercial de 1956-57, recém-findo, o Brasil exportou 14.906.533 sacas de café, o que significa redução de mais de 12% em confronto com o ano anterior, de 1955-56. Essa queda de exportação deve ser atribuida aos seguintes fatôres: a) — menos oferta, em virtude das pequenas colheitas de 1956; b) — receio de venda do estoque oficial; c) — café de má qualidade inclusive o do estoque oficial; d) — falta de uma política nacional mais agressiva de vendas; e) — receio de mudanças câmbiais da parte do comércio importador (embora mais atenuados que nos anos anteriores); f) — pressão interna a favor da reforma câmbial.

REMANESCENTES DE 7 MILHÕES DE SACAS

O suprimento potencial de café brasileiro no ano de 1956-57, foi de cêrca de ... 22,5 milhões de sacas, das quais menos de 12 milhões da colheita, 6,5 milhões de estoques particulares e 3,7 milhões de estoques oficial. Tendo exportado cêrca de 15 milhões, estamos com um estoque aproximado de 7 milhões, deduzido o café para consumo nos portos e a bordo e comércio de cabotagem). Se tivessemos repetido a exportação do ano anterior (cujo suprimento potencial era de cêrca de 28 milhões de sacas), estariamos reduzidos a um estoque remanescente, em começo de julho corrente, de apenas 5 milhões de sacas.

PREVISÃO: OFERTA DE 25 MILHÕES AGORA E DE 35 MILHÕES EM 58

Com os 7 milhões de sacas remanescentes (de mau café) e prevendo-se uma colheita nacional de 18 milhões (salvo quebras decorrentes dos estragos produzidos pelas últimas chuvas nas colheitas), entramos no ano de 1957-58 com uma oferta de 25 milhões de sacas, bem mais elevada, portanto que a do ano passado. Torna-se aconselhável o incremento das vendas brasileiras no presente ano (o que não está acontecendo em julho, primeiro mês da safra comercial), pois em 1958 deveremos ter uma colheita mínima de 25 milhões de sacas (salvo estragos de vulto nêste inverno), e se exportarmos apenas 15 milhões como em 1956-57, iniciaremos 1958-59 com um suprimento potencial de 35 milhões de sacas, fato sem precedentes na história próxima de nosso café.

Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio

Comissão de Abastecimentos e Preços

PORTARIA N.º 232

O Presidente da Comissão de Abastecimento e Preços do Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe confere a Lei n.º 1.522 de 26 de dezembro de 1951, revigorada, com alterações, pela Lei n.º 3.084, de 29 de dezembro de 1956, e tendo em vista a decisão da mesma Comissão em sessão ordinária desta data, resolve:

Artigo 1.º — Estabelecer em Cr$ 640,00 por saca de café crú, ou de 60 quilos, industrializados, com a respectiva produção de 48 quilos de café torrado e moido, o limite das despesas a que se refere o itêm "b", do artigo 2.º da Portaria n.º 224, de 9 de julho de 1954, da Comissão Federal de Abastecimentos e preços.

Artigo 2.º — Esta Portaria entrará em vigor no dia 1.º de agôsto de 1957, revogadas as disposições em contrário.

São Paulo, 4 de julho de 1957

General R/1 José de Souza Carvalho — Presidente.

Exportação de café brasileiro no mês de junho

Foram exportadas no mês de junho último, segundo dados do Instituto Brasileiro do Café, 859.975 sacas de café, sendo 819.186 para o exterior (das quais 459.263 para os Estados Unidos), 40.500 para portos nacionais e 289 consumidas a bordo. Do pôrto de Santos sairam 483.147 sacas. A disponibilidade nos portos de exportação em 30 de junho era de 3.592.630, sendo 2.933.314 em Santos.

Foram ainda embarcadas: por estrada de ferro, em Recife, 481 sacas; por estradas de rodagem: 8.100 sacas em Vitória, e 170 em Recife, quantidades essas não computadas no total.

(Da "Fôlha da Manhã", 19-7-57)

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ

MAIS DE 12 MILHÕES DE SACAS ATÉ JUNHO ÚLTIMO

Segundo dados estatísticos divulgados pelo I.B.C. foram registradas até 30 de junho último 12.519.305 sacas de café, da safra 1956/57 dos diversos Estados, sendo 6.010.225 de São Paulo; 1.929.720 de Minas Gerais 2.177.909 do Paraná; 1.555.615 do Espírito Santo e quantidades menores dos demais Estados.

Até a mesma data foram liberadas 12.461.974 sacas, ficando a liberar 57.531 sacas. Nos totais acima estão computados os "cafés preferenciais e despolpados".

(Do "Diário do Comércio", 27-7-57

A adubação do cafeeiro

Foi Daffert, o antigo e incansável diretor do Instituto Agronômico de Campinas, quem primeiro estudou o cafeeiro sob o ponto de vista agronômico, verificando o valor inestimável da adubação orgânica nos cafèzais. Depois, outros técnicos continuaram êsses estudos e observações quanto às exigências do cafeeiro em relação aos elementos nutritivos, tanto em forma orgânica como química. Para êsse fim, há cêrca de 30 anos desenvolveu-se no Instituto talvez a maior experiência de adubação do mundo para elucidar devidamente certos pormenores do processo. Já nessa ocasião os cafeeiros paulistas mostraram evidentes sintomas de decadência e era imprescindível que novas luzes indicassem o melhor caminho, no que se refere à adubação, as melhores fórmulas ou combinações de adubos orgânicos e químicos, aos quais se acrescentavam frequentemente as adubações verdes.

Por mais de 15 anos, nos canteiros dessa experiência os nossos especialistas procuravam interpretar os seus resultados em relação à quantidade do café produzido e também à influência dos diversos tratamentos e elementos na qualidade de bebida. O Instituto foi enriquecido em 1935 com duas novas estações experimentais em duas das principais zonas cafeeiras de São Paulo, que ampliaram os estudos e novos dados confirmaram a importância das adubações química e orgânica.

Embora resultados das experiências não tenham sido amplamente divulgados, sabe-se que a adubação orgânica tem relevante importância na cultura do cafeeiro. Além disso, os novos cafèzais que se estão formando em terras velhas, com adubação orgânica mostram perfeitamente a importância dêsse processo na formação de novas lavouras. E os cafèzais velhos ou decadentes estão sendo, em muitos casos, restaurados com o emprêgo de doses avantajadas de adubos orgânicos, principalmente de cocheira e de galinhas.

Mas ao lado dêsses conhecimentos e dêsses resultados parece estar havendo entre os especialistas de café da Secretaria da Agricultura certas divergencias quanto ao valor da adubação orgânica que estaria sendo exagerado, dando-se certa preferência aos adubos químicos que seriam os de real valor para a cultura do café, seja o caso considerado, de restauração ou de formação. O que é mais provável é que ambos os processos têm importância decisiva em ambos os casos. Mas evidentemente é necessário esclarecer a matéria que tanto interessa a maior fonte de riqueza de São Paulo e do Brasil. Precisamos de que os especialistas em café, comuniquem ao público os resutados das experiências realizadas, tendo em vista a maior soma de observações que estamos certos, possuem sôbre o assunto. Para isso, terão de reunir-se e firmar a opinião da

Secretaria da Agricultura, a fim de que os lavradores sejam convenientemente esclarecidos. Da conclusão a que chegarem êsses especialistas dependerá a orientação da lavoura cafeeira.

Não nos parece provável, porém, que a Secretaria da Agricultura promova essa reunião, que só será proveitosa se houver plena liberdade para que os agronômos exponham suas conclusões. Por isso, apelamos para que sua associação de classe, que tantas reuniões já promoveu para elucidar questões de interêsse da agricultura, a promova. A lavoura precisa de ser esclarecida a respeito.

(De "O Estado de São Paulo", 12-7-57)

ADUBOS E ACIDEZ DO SOLO

Os adubos, além de serem portadores dos elementos nutritivos necessários ao desenvolvimento das plantas, ainda podem, devido ao resíduo que deixam no solo, modificar sua acidez.

É interessante saber qual a reação química dos diferentes adubos encontrados no comércio. *Adubos de reação ácida,* 1 — nitrogenados: sulfato de amônio, nitrato de amônio, úréia, amoniaco anidro ou em solução; 2 — fosfatados: superfosfato amoniacal; 3 — potássicos: sulfato de potássio.

Adubos de reação levemente ácida, 1 — nitrogenados: torta de mamona e de algodão.

Adubos de reação neutra, 1 — nitrogenados: cal-nitro; 2 — fosfatados: superfosfato; 3 — potássicos: cloreto de potássio.

Adubos de reação levemente alcalina, 1 — nitrogenados: nitrato de cálcio

Adubos de reação alcalina, 1 — nitrogenados cálciocianamida, salitre do Chile, salitre duplo potássio; 2 — fosfatados: farinha de ossos, rochas fosfatadas; 3 — potássios: carbonato de potássio, cinzas.

Proteger as florestas e a fauna é um dever de todos nós. O Brasil, país novo, é muito mais desflorestado que as velhas nações da Europa. Nossos rios são tão poluidos e tão devastados por uma pesca irracional, que não há mais peixes. Nossos animais silvestres estão se extinguindo. Nossas madeiras de lei só existem a centenas de quilômetros dos grandes centros. Matar animais ou abater árvores, por esporte ou por defeituosa orientação agrícola, é mais que um êrro: é um crime, que nos custará caro, no futuro, se não nos corrigirmos em tempo.

O QUE DIZEM, DE NOSSAS PUBLICAÇÕES, OS SEUS LEITORES

(continuação)

... "Estamos pela presente confirmando o nosso interêsse em continuar a receber o Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, tão brilhantemente dirigido por vossa senhoria."

Agr. José Delphim Canettieri Chefe da 4.ª Zona Conservação do Solo, SÃO JOÃO DA BOA VISTA (E. S. Paulo)

... "Acusando o recebimento da sua carta sôbre a transcrição do meu trabalho "O TRATAMENTO DO CAFÉ POR MACERAÇÃO", cumpro o dever de informar V. S. que o pedido só me desvanece e, consequentemente, com prazer verei aquêle trabalho no seu BOLETIM."

Carlos Teixeira Mendes Escola Superior de Agricultura "Luis de Queiroz" PIRACICABA — (E. S. Paulo)

... "Interessado vivamente nos problemas da nossa cafeicultura, tenho sentido falta de uma coleção, devidamente fichada, do BOLETIM que V. S. tem sabido transformar na fonte melhor informada sôbre assuntos cafeeiros."

JOSÉ GOMES DA SILVA Rua Jorge Krug — 300, CAMPINAS

... "Êste Consulado felicita cordialmente essa Secretaria pela seleção e importância dos artigos publicados no Boletim da Superintendência dos Serviços do Café."

Consulado General de Venezuela BARCELONA, España.

... "Tive o prazer de ver transcritos nos Boletins de agôsto, julho e setembro de 1954, os capítulos do meu folheto "UMA FAZENDA DE CAFÉ". Só mesmo uma inteligência como a sua, servida por uma grande cultura, teria o gesto de colaborar pela divulgação de um trabalho realmente valioso para os cefeicultores, por intermédio dessa revista que V. S. eficientemente dirige."

Agr. JOSÉ MOTTA SOBRINHO, PINHAL (E. S. Paulo)

... " Quero expressar a V. S. o meu melhor reconhecimento pela gentileza da remessa regular do seu esplêndido Boletim. A minha atividade técnico-científica agora se transferiu para a África Oriental Portuguesa, onde, espero continuar a ter a honra e prazer da leitura e colecionamento da sua revista."

Agr. P. O. Pereira e Santos, Caixa Postal, 34, BEIRA (África Oriental Portuguesa)

... "Apreciaria, sobremaneira, que V. S. houvesse por bem atender à solicitação supra, pois assim obteria um enorme cabedal de informações úteis divulgadas por essa tão bem orientada publicação, da qual V. S. é redator-chefe."

Lido A. Mazzini, Caixa Postal — 239, PARANAVAÍ (E. do Paraná)

... "Aproveito a oportunidade para louvar o grande serviço que essa Secretaria vem prestando aos lavradores, profissionais de agricultura e a todos que se interessam pelo magno problema nacional que é o CAFÉ."

Ney Assis de Almeida, Caixa Postal — 60, JAÚ (E. S. Paulo)

... "Sòmente há alguns dias é que eu vim conhecer o seu Boletim, que é de valor inestimável e que me prestará grandes serviços pelas informações e instruções nêle contidos."

ERVINO MARQUAT, Rua Júlio de Castilhos, 1432, TAQUARA (R. G. do Sul)

..."Visitando a biblioteca da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio, lí um exemplar do Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, pelo qual fiquei interesado. Desejaria recebê-lo a fim de continuar a ler os seus bons artigos."

Agr. REGIS FILHO, Chefe do Pôsto Agrícola de Macaé (E. do Rio de Janeiro)

..." Venho informar V. S. que continuo recebendo o Boletim, revista que me tem proporcionado conhecimentos magníficos e ensinamentos valiosos, que muito me têm ajudado na orientação da minha lavoura de café."

Miguel Orrico Filho, UBAIRA — BAHIA (Brasil)

... "Aguardo com o máximo interêsse os números seguintes do seu magnífico Boletim."

Ministério da Economia, Delegação do Govêrno — LISBOA

... "Ao acusar o recebimento dos exemplares do BOLETIM DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFE, do qual V. S. é o redator-chefe e operoso orientador, e a quem devemos, ùnicamente, a inclusão dêsse Boletim em nossa pequena biblioteca, sôbre assuntos de café, quero testemunhar por meio desta, em nome do diretório municipal da U.D.N., de Curitiba, os nossos mais penhorados agradecimentos".

"Ao ensejo, quero, também, em nome dos udenistas da Capital do Paraná, augurar-lhe os melhores votos no sentido de que prossiga no árduo mister de propagar valiosos ensinamentos em prol da cafeicultura brasileira."

José Joaquim, Secretário Geral da U.D.N., rua M. Floriano Peixoto, 114 CURITIBA

... "Com a presente vimos agradecer os números do Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, e confirmar o nosso grande interêsse em continuar a recebê-lo."

Agro Madeireira Peres Ltda. Praça José Peres, 50 São Pedro dos Ferros — MINAS GERAIS

... "Venho pela presente solicitar de V. S. informações sôbre a publicação dessa utilissíma revista."

Gustavo José Becker Rua Visconde de Itaboraí (331 PETRÓPOLIS — Estado do Rio de Janeiro

... "Muito grato pela remessa do Boletim que vem esclarecer-me sôbre assuntos da lavoura cafeeira. Tenho prazer em continuar a recebê-lo, dada a sua orientação segura referente a um dos principais produtos do nosso País."

Adelino Carneiro Pinto, Rua Antônio Moreira, 312, SANTA RITA DO SAPUCAÍ — MINAS GERAIS

... "Deixo aqui consignados os meus melhores agradecimentos pela gentileza da remessa, esperando que o meu nome seja inscrito no fichário dos recebedores dessa revista, a fim de continuar recebendo não só as separatas como também os boletins e demais publicações especializadas sôbre o cultivo de café, sob a competente direção de V. S."

ALDAHIR VILLAS-BOAS RAMOS, Av. Rio Branco, 288 VARGINHA — Sul de Minas

... "Quero ainda agradecer o elevado espírito de cooperação de vossa senhoria, enviando-nos folhetos e publicações tão úteis a nós técnicos da Extenção Agrícola."

ANTONIO CARLOS PEDREIRA, Supervisor Regional da ACAR, PONTE NOVA, MINAS GERAIS

... "Fiquei muito satisfeito com a leitura dos Boletins, que são de grande importância para a minha formação agrícola."

TOMÁS DUBOC, Av. Rui Barbosa, 60 (Flamengo) RIO DE JANEIRO (D.F)

... "De conformidade com a referida circular, confirmo meu interêsse em continuar a receber aquêles Boletins, os quais constituem verdadeira enciclopédia sôbre o assunto."

AYRTON FURIATTI, Agrônomo Chefe de Setor Agrícola MALLET, PARANÁ

... "Aproveito a oportunidade para enviar-lhe os meus agradecimentos e ainda expressar o meu grande interêsse em continuar recebendo o Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, que tão grandes serviços têm prestado aos estudiosos dessa nossa rica planta."

AMADOR LEONEL, Universidade Rural (Ministério da Agricultura) Km. 47 — Rodovia Rio-São Paulo

... "Desejando, pois, seja o meu nome incluido entre os recebedores das já conceituadas publicações da Superintendência, agradeço, a atenção que fôr dispensada a esta."

ARIOSVALDO FIGUEIREDO SANTOS, 5.ª Circunscrição Serviço Rural Defesa Fomento, UBÁ — MINAS GERAIS

... "As publicações feitas por essa Secretaria têm despertado grande interêsse aos estudantes desta Casa, e, por isso, eu venho, em nome dos meus colegas pleitear junto a V. S. a remessa dêsse Boletim para mais 33 colegas."

JOSÉ TEIXEIRA DA SILVA, Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, VIÇOSA — MINAS

... "Estando verdadeiramente interessado em receber o magnífico Boletim dessa Superintendência, do qual tenho em meu poder o exemplar de janeiro, venho pedir a fineza de providenciar a remessa dos Boletins a serem publicados, pelo que agradeço antecipadamente."

ROBERTO CORRIERI JÚNIOR, Rua Virgílio Melo Franco, 180, BARBACENA (MINAS GERAIS)

... "Faz dois anos que tenho a satisfação de receber, regularmente, o excelente Boletim publicado por essa Superintendência, o qual me era endereçado à Legação de meu país em Manágua, onde exercia as funções de Ministro Plenipotenciário da Itália."

(Ministro Luigi Silvestrelli Pastorelli, Cônsul Geral da Itália em Munique)

... "Pela presente, comunico a Vossa Senhoria que tenho grande interêsse em continuar recebendo essa conceituada publicação, única fonte de orientação segura que tenho encontrado para a formação de minha lavoura cafeeira."

Benedito de Oliveira Morais — Londrina, Est. Paraná

... "Tenho tomado conhecimento dessa tão boa publicação, porém, sempre por solicitação a terceiros e, por isso, me permito solicitar-lhe o Boletim. Eis que nem sempre consigo obtê-lo, visto ser mesmo muito procurado."

(Casimiro Almeida Machado — Londrina, PARANÁ, Brasil)

... "Seria do nosso agrado se recebêssemos o seu completo Boletim. Já o conhecemos e achamos que é indispensável a sua leitura para quem se interesse em assuntos que se relacionem com o café."

(Comércio e Indústria "Amável" Ltda. — Bandeirantes, Paraná.)

... " Desejando receber o Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, magnífica revista especializada, vimos solicitar-lhe a fineza de anotar o nosso endereço."

(Euclides de Souza Dias, Fazenda "Mato Dentro", Machado, Minas Gerais)

... "Sendo engenheiro-agrônomo e interessando pelo Boletim de que Vossa Senhoria é redator, desejaria, se possível, recebê-lo mensalmente no endereço acima."

(Osvaldo de Morais Corrêa, Maringá, Paraná)

... "Exerço a função de chefe do Núcleo de Agricultura e professor desta matéria na Escola Agrotécnica. Gostaria, por isso, de continuar recebendo o Boletim, que é de grande valia para nós que labutamos diàriamente nos setores da produção cafeeira."

(Francisco Ribeiro de Campos, São João de Petrópolis — Esp. Santo)

(continuará)

COBERTURA DO SOLO

O solo desprovido de cobertura vegetal apresenta condições muito favoráveis à erosão, tanto mais intensa quanto menor fôr seu teor em matéria orgânica e mais baixa sua fertilidade. De maneira geral, podemos admitir que tôdas as terras com alguma declividade e que não estejam protegidas por cobertura vegetal, estão sujeitas à erosão. Isto é muito sério, uma vez que, pràticamente, tôdas as terras cultivadas do Estado se apresentam sem proteção superficial de espécie alguma.

O Estado de São Paulo perde anualmente, por falta de adequada proteção do solo cultivado, cêrca de 86 milhões de toneladas de solo de suas melhores terras de cultura, que são transportadas para os rios, representando verdadeira sangria na economia do agricultor. Nessa terra transportada, perdida para a agricultura, estão contidos elementos minerais necessários às plantas — aos preços atuais dos adubos — de mais de 2 milhões de cruzeiros de valor.

A posição estatística do café a 30-6-57 no Brasil

Existência: 3.673.000 sacas da safra 1956/1957 — Exportação para o exterior: 14.907.000 sacas, safra 1956/1957

De acôrdo com dados estatísticos do Instituto Brasileiro do Café, era a seguinte a posição estatística do café, em 30 de junho 6.730.000 sacas, sendo 3.856.000 estoque disponível nos portos e 2.874.000 a liberar.

Total de café registrado de julho a maio de 19.417.000 sacas, sendo 31.000 de safras anteriores, 12.519.000 estoque disponível nos portos e 137.000 de cafés revertidos ao mercado.

O consumo de julho a junho último foi de 15.744.000 sacas, sendo 14.907.000 exportação para o exterior, 289.000 comércio cabotagem, 93.000 consumo no interior e industrializado, 428.000 de consumo nos portos e 27.000 cafés retirados dos mercados.

A existência, em 30 de Junho último, era, portanto, de 3.673.000 sacas, inclusive o café existente nos portos, em trânsito e nos armazéns reguladores.

POSIÇÃO ESTATÍSTICA DO CAFÉ NO BRASIL EM 30 DE JUNHO
Safras 1952/53 a 1956/57

Unidades: mil sacas de 60 quilos

ESPECIFICAÇÃO	*SAFRAS*				
	1952/53	1953/54	1954/55	1955/56	1956/57
— Saldo verificado em 30/6:					
1) a liberar	496	70	15	66	2.874
2) estoques disponível nos portos	2.457	3.235	3.304	3.239	3.856
Total	2.953	3.305	3.319	3.305	6.730
II — Café registrado (julho à julho)					
1) cafés de safras anteriores	59	71	35	17	31
2) cafés da safra em curso	16.030	15.114	14.496	22.033	12.519
3) cafés revertidos aos mercados	———	———	(1) 315	———	(2) 137
Total	16.039	15.185	14.846	22.050	12.687
TOTAL I + II	19.042	18.490	18.165	25.355	19.417
III — Consumo (julho a junho):					
1) exportação para o exterior	14.968	14.325	10.796	16.970	14.907
2) comércio de cabotagem	306	382	342	396	289
3) consumo no interior e industrializado	———	———	———	———	93
4) consumo nos portos	463	464	511	376	428
5) cafés retirados dos mercados	———	———	(3) 3.211	(3) 905	(4) 27
TOTAL	15.737	15.171	14.860	18.647	15.744
IV — Existência (5)	3.305	3.319	3.305	6.708	3.673

NOTAS: (1) Cafés revertidos por recontagem do estoque. (2) Inclui 28.669 sacas que a Comissão de Financiamento da Produção entregou a firmas de Santos, para cobrir prejuízos causado por enchente e cafés revertidos por recontagem de estoque nos portos. (3) Cafés adquiridos pela Comissão de Financiamento e retirados dos estoques dos portos e cafés retirados por recontagem do estoque. (4) Cafés retirados dos mercados, e resultante de recontagem do estoque nos portos. (5) Inclui o café existente nos portos armazéns reguladores e em trânsito.

(Da "Gazeta Mercantil", 2-8-57)

O Café visto nos Estados Unidos

N.º 1047 CARTA SEMANAL 2 de Agôsto de 1957

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Acredita-se geralmente agora que a produção passou o seu ponto mais baixo no ano corrente. Isso se deve ao fato, na opinião dos analistas, de que a redução dos estoques, que vinham sendo considerada com a causa principal do nivelamento da produção, já chegou ao ponto mais baixo que poderia chegar. De fato, mesmo o total do volume da produção de mercadorias não declinou muito. A produção industrial baixou apenas 3%, desde o máximo registrado no inverno do ano passado. No momento, continua mostrando firmeza a procura de todos os tipos de artigos e serviços. As receitas individuais se mantêm aproximadamente 5% acima do nível do ano de 1956 e não há sinais de que desçam dêsse nível. As vendas no varejo também se mantêm 5% acima do nível de de 1956, ao passo que os re-investimentos de capital e as despesas governamentais se encontram, respectivamente a 8% e a 10% acima do ano passado. Calcula-se que a alta dos preços representa a metade dêsses ganhos, e êsse fato e a dificuldade que há na obtenção de fundos para investimentos são os dois aspectos da economia que mais causam preocupações no momento. O Índice dos Preços do Consumo, tabulado pelo "Bureau of Statistics" do Govêrno Federal, subiu novamente em Junho, de modo que há dez meses que êsse Índice registra sucessivos máximos. O aumento de Junho foi maior observado desde há 16 meses,, quando a tendência de alta se iniciou. Durante êsses 16 meses, o Índice teve uma subida de 4,5%, depois de quatro anos de estabilidade. Os aumentos dos preços de muitas mercadorias básicas foram ainda maiores, de 15 a 20% num período de dois anos.

O "Survey Research Center" da Universidade de Michigan leva a efeito estudos periódicos sôbre a confiança dos consumidores no estado da economia em geral e no seu próprio estado financeiro, com relação ao futuro próximo. Segundo o último estudo dêsse gênero, realizado em Junho, os consumidores se mostram agora um pouco mais pessimistas do que até então, sôbre o futuro imediato, e os seus planos para a compra de todos os tipos de produtos, especialmente os utensílios domésticos e os automóveis, são cautelosos e moderados, em comparação com os que se notaram nos estudos anteriores. É interessante observar que, embora em boa porcentagem os consumidores entrevistados nesse estudo sejam de opinião que as atividades econômicas dos próximas seis meses vão se manter em baixo nível, êles não acham que o seu bem-estar financeiro não será afetado. Não se apresentam razões, no estudo, para explicar a confiança que os consumidores, em grande maioria, têm no seu próprio futuro. Deve-se recordar, entretanto, que, com a contínua prosperidade da economia, muitos consumidores puderam melhorar o seu padrão de vida e que, em geral, os consumidores não associam a diminuição de atividade de um certo setor da produção com a sua própria situação, a não ser que êles sejam diretamente afetados por essa diminuição de atividade.

No Mercado de Valores, houve no princípio desta semana uma das suas reações irregulares. Na segunda-feira, o Índice geral das ações declinou mais de 4 pontos, sendo que as ações das emprêsas industriais tiveram em média baixas de quase 7 pontos. Aparentemente, não houve notícias especiais que causassem tal declínio, nem se observou nenhuma pressão intensa nas vendas. Segundo a opinião da maioria dos observadores, o fator pricipal do declínio dos preços das ações foi o das vendas generalizadas para realização de lucros, em virtude do fato de que os relatórios econômicos das corporações continuam a apresentar resultados diversos e tem havido apreensões em certos setores. O volume das transações, na têrça-feira, foi, entretanto, relativamente pequeno, e o mercado recobrou parte da sua firmeza anterior, depois de uma debilidade inicial.

MERCADO DO CAFÉ

Esta semana também foi de limitadas atividades nos mercados de café de Nova York. Os preços dos cafés suaves mostraram mais firmeza do que os dos outros tipos, e os embarques procedentes da Colômbia têm sido em bom volume. Segundo parece, o volume das importações norte-americanas em Julho foi ligeiramente maior do que o da torração de café verde, de modo que os estoques dêste deverão ser também um pouco maiores no fim de julho, em comparação com os estoques existentes no fim de Junho. Assim sendo, os torradores não estarão dispostos a comprar agora café em grande quantidade. As notícias procedentes do Brasil a respeito das geadas e das fortes chuvas ocorridas recentemente indicam que os danos causados foram de pouco monta. As exportações da Colômbia aumentaram em Julho, ao passo que as do Brasil foram menores, em relação às de Julho de 1956.

Foram dadas à publicidade esta semana os dados correspondentes às importações dos Estados Unidos durante o mês de Maio. Houve diminuição total de 8% em comparação com o total de Maio de 1956. As importações procedentes da África foram, entretanto, 72,2% maiores do que as do ano passado, ao passo que as do Brasil diminuiram 32%, as da Colômbia diminuiram 28% e as da América Latina, em conjunto, diminuiram 17%. Durante os primeiros cinco meses do ano, as importações de café procedentes da África registraram um aumento de 43%, ao passo que as importações procedentes da América Latina diminuiram 7%. Quanto às importações norte-americanas procedentes da Ásia e da Oceania, essas continuaram pequenas nos primeiros cinco meses do ano (cêrca de 57.000 sacas), mas no mês de Maio registraram um aumento de 79% em comparação com o mês de Maio de 1955.

Uma quota de 3.000.000 de libras esterlinas foi fixada na Inglaterra para a importação de cafés em grão procedentes de fontes da área do dólar, ou delas consignadas, durante o período de um ano, até 31 de Agôsto de 1958. Essa cifra representa um aumento de 20% em relação à quota de 2.500.000 libras esterlinas, do ano anterior.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, que foi o último dia de transações para a posição de Julho, o Contrato B fechou com 55,7 cents nessa posição e com altas de 3 a 5 pontos, ao passo que o Contrato M fechou com 64,5 cents

na posição de Julho e com altas de 19 pontos na posição de Setembro, permanecendo as demais posições inalteradas. Foram vendidos 20 lotes no Contrato B e 54 lotes no Contrato M.

Na segunda-feira, o mercado teve um dos seus dias de menor atividade neste ano. Foram vendidos apenas 8 lotes no Contrato B e 25 no Contrato M. Os preços variaram. O Contrato B fechou com 18 pontos abaixo e 5 pontos acima; e o Contrato M fechou com 20 pontos abaixo e 15 pontos acima.

Na têrça-feira, os preços se mostraram mais firmes, mas o movimento continuou reduzido. O Contrato M fechou com preços inalterados e altas de 30 pontos, ao passo que o Contrato M fechou em 20 pontos abaixo e 15 pontos acima. Foram vendidos 14 lotes no Contrato M e 35 no Contrato M.

Na quarta-feira, o mercado mostrou maior firmeza. O Contrato M fechou com altas de 25 a 39 pontos, ao passo que o Contrato B teve menores ganhos, com preços inalterados e 15 pontos acima. Foram vendidos 69 lotes no Contrato B e 29 lotes no Contrato M.

Ontem, quinta-feira, o Contrato B fechou com baixas de 61 a 90 pontos, em 55 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 49 a 55 pontos, em 20 lotes vendidos.

Na semana que estamos passando em revista, o Contrato B registrou baixas de 31 a 65 pontos, num total de 126 lotes vendidos, ao passo que o Contrato M registrou altas de 49 pontos e baixas de 35 pontos, num total de 203 lotes vendidos.

Mercado de físicos: Os torradores mostraram-se pouco interessados esta semana pelos cafés em estoques, mas houve certo interêsse quanto aos embarques procedentes da Colômbia. Os preços dos cafés suaves se mantiveram firmes durante tôda a semana, ao passo que os dos outros cafés permaneceram inalterados. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 55 cents e os colombianos a .. 63,75 cents.

Última Hora: Esta manhã, o Contrato B abriu com altas de 4 a 22 pontos, e o Contrato M abriu com altas de 5 pontos e baixas de 40 pontos. A posição aberta era de 1119 lotes no Contrato B e de 917 lotes no Contrato M.

* Isso foi devido ao fato de que, de acôrdo com as notícias do Brasil, estavam sendo consideradas novas reformas no câmbio, através da lei tarifária.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos Principais:*			
		U.S.	*Europa*	*Outros*	*Total*
BRASIL (*)	27-7-57	128,000	71,000	12,000	211,000
	20-7-57	73,000	93,000	23,000	189,000
	28-7-56	207,000	74,000	21,000	302,000
COLÔMBIA (")	27-7-57	116,649	12,269	1,169	130.087
	20-7-57	132.567	26.129	4,401	163,097
	28-7-56	52,471	10,573	2,042	65,086

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de origem*			
	Brasil	*Colômbia*	*Outros*	*Total*
27-7-57				
20-7-57	176,653	300,278	151,149	628,080
28-7-56	99,831	265,299	154,496	519,626

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos:	*Semanas terminadas em:* 27-7-57	20-7-57	28-7-56
BRASIL (*)	Santos	2,483,000	2,609,000	2,634,000
	Rio	369,000	330,000	408,000
	Vitória	112,000	62,000	183,000
	Paranaguá	223,000 (+)	250,000 (%)	1,579,000 (°)
	Pernambuco	14,000	17,000	6,000
	Bahia	30,000	29,000	20,000
	Angra dos Reis	24,000	24,000	41,000
	Total	3,255,000	3,321,000	4,871,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	64,708	49,739	25,070
	Cartagena	29,390	36,204	60,058
	Buenaventura	130,951	131,691	85,838
	Cúcuta	31,495	25,273	34,869
	Total	256,544	242,907	205,835

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(+) 223,000 livre e nenhum retido.
(%) 250,000 livre e nenhum retido.
(°) 973,000 livre e 606,000 retidos.

NOTÍCIAS DIVERSAS

COMENTÁRIOS DE LONDRES

Em seu número de 29 de Julho, o Boletim Diário do Café editado por George Gordon Paton & Co., em Nova York, publica interessantes comentários do Sr. A. S. Newman, conhecida figura nos círculos do café da Inglaterra e ex-presidente da Coffee Publicity Association, de Londres. Em seus comentários na dita publicação, o Sr. Newman declara o seguinte:

"Todos os produtores de café, sejam êles grandes ou pequenos, devem ter um só objetivo, que é simplesmente o de se aumentar o consumo do café — não o dos seus próprios cafés ùnicamente, mas o consumo do café em geral, tanto do café regular como do café solúvel, nos lares e fora dos lares, e não sòmente no mercado dos Estados Unidos e do Canadá, mas em todos os mercados que puderem ser estabelecidos, em qualquer parte.

Estou certo de que êsses pontos de vista são também os pontos de vista de todos os comerciantes de café de Londres e dos demais importantes centros de negócios da Europa. Deve-se notar o interêsse com que comerciantes de café lêem tudo o que se publica sôbre o seu ramo de atividade, tanto dos grandes países produtores como dos grandes países consumidores, especialmente do Hemisfério Ocidental. Por exemplo, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, a produção de café exportável de 1957/58 será de 42.000.000 de sacas, ao passo que o consumo correspondente é estimado em 36.000.000 de sacas. Sabemos que o Brasil está com um "carryover" de 8 a 10 milhões de sacas e estamos bem informados da produção africana, a qual revela, potencialmente, um considerável aumento. Mesmo no caso de que o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos esteja errado, com um êrro de até 2 milhões de sacas, não há dúvida de que se pode esperar em futuro não muito distante um considerável excesso nos abastecimentos de café. É fácil prever êsse excesso, como é fácil imaginar as suas consequências, caso não tenhamos nos esquecido as lições do passado. Naturalmente, perguntamos a nós mesmos:" Que é que se poderá fazer? Tomar medidas de apôio aos preços? Adotar recursos de restrição aos suprimentos, artificalmente? Conseguir um aumento de 30% no consumo? Ou um pouco de cada coisa? Ou aceitar o colapso dos preços, que não constitui uma solução mas uma tragédia para o produtor?!"

Os observadores procuram entrever nas notícias procedentes das Américas sinais de que estão sendo estudadas medidas prontas e decididas para se evitar a possibilidade do colapso dos preços, medidas tomadas com grande antecipação, para que possam poupar a desgraça dos produtores, cuja economia inteira se baseia no café. Até agora, as reuniões dos produtores têm apenas produzido "resoluções" relacionadas com a política do café, e o Bureau Pan-Americano do Café tenciona empregar o aumento das contribuições, de 10 para 25 cents a saca, ùnicamente no fomento do consumo nos Estados Unidos e no Canadá. Entretanto, a Europa representa um têrço do consumo mundial, sendo um mercado potencial ainda maior, ao passo que a grande maioria dos habitantes dos Estados Unidos e do Canadá já se acha "convertida" pela propaganda do Bureau, e talvez seja mais difícil conseguir nesses mercados o aumento do consumo que se deseja.

Sòmente do Brasil surgiu uma sugestão que se refere à Europa — a de que se aumente a campanha do uso do café brasileiro no Reino Unido, o único país que, com exceção dos Estados Unidos, dispõe de uma organização de propaganda do café — mantida por oito países produtores.

Não se compreende ainda devidamente que o que há é um só problema da produção do café e não uma dezena de problemas da produção de vários países. O que acontece no Brasil e na Colômbia tem repercussões na África e na Indonésia, e um vasto incremento no consumo do café Robusta, em qualquer parte do mundo, na Rússia, na China ou em Timbuctoo, também beneficia o café do Brasil, justamente porque os preços dêste melhoram com o maior consumo nos mercados mundiais. Será que o Brasil espera mesmo solucionar o seu problema, que é o problema de todos os produtores, agindo unilateralmente?

Finalmente, devemos ressaltar o fato de que não se trata de um problema apenas dos produtores. Os produtores são, afinal, também consumidores dos países aos quais fornecem café — consumidores tanto dos produtos da América como da Europa, e é preciso fazer algo pelos preguêses ameaçados de bancarrota. O Bureau Pan-Americano do Café está fazendo o que pode, com um orçamento limitado, e os comerciantes do Reino Unido, com os produtores amigos, estão fazendo o que podem com um orçamento ainda mais limitado — mas muito poderá ser feito e deverá ser feito, coletiva e cooperativamente, não em competição."

N.º 1048 CARTA SEMANAL 9 de Agôsto de 1957

SITUAÇÃO ECONÔMICA

O problema da inflação continua a ser amplamente discutido, tanto nos Estados Unidos como no resto do mundo. O Índice do Custo de Vida, calculado pelo "Bureau of Labor Statistics" do govêrno norte-americano, subiu 5% nos últimos 18 meses, e não há indícios de que diminuirá. Naturalmente, estão sendo estudadas com grande interêsse as causas da inflação, dando-se especial atenção aos investimentos oficiais e particulares, ao aumento dos custos — em particular o aumento dos salários — e aos preços estabelecidos por certas emprêsas, independentemente da oferta e da procura. Tem-se observado que, mediante os contrôles impostos aos empréstimos e aos créditos, a expansão dos suprimentos monetários não passou de 2% nos dois últimos anos, mas, com o movimento aumentou 12,5%, incluindo-se nessa cifra o aumento dos preços. São consideradas da maneira mais variada, do optimismo ao pessimismo, as medidas de contrôle aos empréstimos, aos créditos e aos orçamentos governamentais, para se dar combate efetivo à inflação. Como conseqüência do aumento dos preços nos Estados Unidos, aumentaram também os preços das mercadorias e dos serviços fornecidos pelo Estados Unidos aos outros países.

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos acaba de publicar o seu relatório anual sôbre as perspectivas agrícolas neste país. Segundo o relatório, os gastos com alimentos deverão aumentar ainda mais êste ano, à medida que as receitas individuais também continuam a aumentar. Atualmente, o dinheiro que os consumidores dispõem, depois de pagos os impostos sôbre a renda, para outras despesas, é 5% maior do que o do ano passado, e as despesas com alimentos são também mais ou menos 5% mais altas. Cêrca de 1,3% da receita do consumidor médio serão gastos, segundo se calcula, na compra de café. O relatório do Departamento de Agricultura observa que nos últimos anos a parte das despesas dos consumidores que cabe aos lavradores tem sido menor, apesar das altas receitas e dos preços mais altos dos produtos agrícolas. Essa diminuição se deve ao alto custo do beneficiamento dos produtos agrícolas e da sua colocação no mercado, fatores êsses que em 1956 eliminaram a ligeira melhoria nos preços dêsses produtos. Não se espera que a situação melhore para os lavradores, a êsse respeito, durante o ano de 1957. O consumo de alimentos, per capita, segundo o relatório, aumentou com a renda per capita do consumidor, mas devagar. Êste ano, os consumidores, em média, estão comprando 4% mais alimentos do que no período de 1947/49, ao passo que o seu poder aquisi-

tivo o total aumentou 18%. Em comparação, as compras de café per capita de 1956 foram realmente 10% abaixo do nível médio de 1947/49, o que indica que as vendas de café não têm acompanhado o nível geral do consumo de alimentos nos Estados Unidos.

No mercado de Valores, depois do mês de Julho, que registrou desapontamentos nos círculos financeiros do país, o mês de Agôsto continua com preços baixos e com dias de movimento muito reduzido. Nos começos de Julho, os preços alcançaram, em dias sucessivos, novos máximos para 1957, mas depois seguiram uma tendência irregular. Nesta semana, cada dia os preços baixaram mais. As perdas, entretanto, têm sido relativamente pequenas, e no momento parece haver indicações de que estão surgindo fatores capazes de dar mais movimento e vida ao mercado.

MERCADO DO CAFÉ

Em nome da Junta Executiva do Bureau Pan-Americano do Café, o Sr. Andrés Uribe C., Presidente em Exercício do Bureau, entregou ao Sr. Manuel Mejia, Gerente da Federación Nacional de Cafeteros de Colombia, uma placa comemorativa, em reconhecimento dos seus 20 anos de inestimável e fecundo trabalho em prol da indústria do café. A placa foi entregue ao Sr. Mejia durante um banquete que lhe foi oferecido em Bogotá. O Sr. Mejia tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento do Bureau Pan-Americano do Café, de que a Colômbia é um dos países membros fundadores. O Sr. Mejia acaba também de ser nomeado Embaixador Extraordinário no Brasil, representando o seu país nas discussões que terão lugar no Rio de Janeiro sôbre o estabelecimento de uma Organização Internacional do Café, e participará posteriormente da Conferência Econômica Inter-Americana que será realizada em Buenos Aires, em futuro próximo.

Embora o movimento nos mercados de café de Nova York tenha sido geralmente pequeno, esta semana, os preços baixaram com as notícias de que o Senado brasileiro havia aprovado um projeto de lei segundo o qual seria estabelecido eventualmente o mercado livre para o Cruzeiro. Constou também esta semana que o preço do registro dos cafés de safras passadas seria diminuido, mas o Ministério da Fazenda negou essa possibilidade.

A exportação mundial de café da Colômbia durante Julho foi de 648.000 sacas, a maior registrada em qualquer mês desde Outubro de 1955. O Sr. Manuel Mejia declarou que o total de Agôsto será também de mais de 600.000 sacas. As exportações mundiais da Calômbia, no período de 10 meses de Outubro de 1955 a Julho de 1957, foram de 3.700.000 sacas, ao passo que no mesmo período anterior, de 1955/56, foram de 5.100.000 sacas.

A exportação mundial de café do Brasil durante Julho foi de menos de 1.000.000 de sacas, como nos quatro meses anteriores. Nos primeiros sete meses de 1957, o Brasil exportou 7.500.000 sacas, ao passo que no mesmo período de 1956 exportou 9.700.000 sacas.

Mercado a têrmo: Os preços variaram na sexta-feira, havendo pouca atividade no mercado. O Contrato B fechou com 2 pontos abaixo e 46 pontos acima, em 30 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 40 pontos e altas de 15 pontos, com exceção da posição de Julho de 1958, a qual registrou uma baixa de 135 pontos, em 3 lotes vendidos. Ao todo, foram vendidos 31 lotes no Contrato M.

Segunda-feira, os preços baixaram em tôdas as posições, com as notícias do Brasil acima mencionadas, e as atividades foram pequenas. O Contrato B fechou com baixas de 20 pontos, em 25 lotes vendidos, ao passo que o Contrato M fechou com baixas gerais de 10 pontos, em 5 lotes vendidos.

Na têrça-feira, o Contrato B fechou com baixas de 15 a 40 pontos, em 67 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 20 a 58 pontos, em 33 lotes vendidos.

Na quarta-feira, o mercado se firmou um pouco, mas os preços variaram. O Contrato B fechou com baixas de 35 pontos e altas de 5 pontos, em 54 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixos de 50 pontos e altas de 15 pontos, em 41 lotes vendidos.

Ontem, quinta-feira, o Contrato B fechou com 15 pontos abaixo e 20 pontos acima, em 63 lotes vendidos. O Contrato M fechou com altas de 1 a 15 pontos, em 58 lotes vendidos.

Na semana que estamos passando em revista, o Contrato B registrou baixas de 34 a 96 pontos, num total de 239 lotes vendidos. O Contrato M registrou baixas de 5 a 155 pontos, num total de 168 lotes vendidos.

Mercados de Físicos: Na semana que termina hoje, êste mercado esteve pouco movimentado e os preços permaneceram pràticamente inalterados tôda a semana. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 53,50 cents e os colombianos a 63,50 cents.

Última hora: Esta manhã, o Contrato B abriu com baixas de 5 pontos e preços inalterados, e o Contrato M abriu com baixas de 15 a 14 pontos. A posição aberta era de 1.102 lotes no Contrato B e de 927 lotes no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos Principais:* *U.S.*	*Europa*	*Outros*	*Total*
BRASIL (*)	3-8-57	172,000	88,000	50,000	310,000
	27-7-57	128,000	71,000	12,000	211,000
	4-8-56	145,000	86,000	29,000	260,000
COLÔMBIA (")	3-8-57	64,475	31,105	29	95,609
	27-7-57	116,649	12,269	1,169	130,087
	4-8-56	61,057	6,147	5,279	72,483

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de origem*			
	Brasil	*Colômbia*	*Outros*	*Total*
3-8-57				
27-7-57	165,053	313,615	147,045	625,713
4-8-56	115,857	268,409	169,876	554,142

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	3-8-57	27-7-57	4-8-56
BRASIL (*)	Santos	2,352,000	2,483,000	2,695,000
	Rio	329,000	369,000	402,000
	Vitória	85,000	112,000	205,000
	Paranaguá	246,000 (+)	223,000 (%)	1,530,000 (°)
	Pernambuco	31,000	30,000	18,000
	Bahia	12,000	14,000	11,000
	Angra dos Reis	29,000	24,000	45,000
	Total	3,084,000	3,255,000	4,906,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	71,818	64,708	23,528
	Cartagena	30,736	29,390	50,485
	Buenaventura	137,424	130,951	111,445
	Cúcuta	35,104	31,495	34,869
	Total	275,082	256,544	220,327

(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(+) 237,000 livre e 9,000 retidos.
(%) 223,000 livre e nenhum retido.
(°) 1,053,000 livre e 477,000 retidos.

NOTÍCIAS DIVERSAS

PROPAGANDA DO CAFÉ

"Café com rôsca" (Coffee and donut), nos Estados Unidos, é uma combinação quase tão popular como "cafe com pão", entre os consumidores de café, tanto nos lares como nos restaurantes. Dessa maneira são consumidos bilhões de xícaras de café no país, especialmente na refeição da manhã, nas "Pausas para o Café" e nas reuniões informais de todos os gêneros.

Com o fim de estimular ainda mais êsse costume, o Bureau Pan-Americano do Café vai cooperar com a emprêsa "Donut Corporation of America, que é a maior produtora de equipamento para a fabricação dêsse tipo de rôsca nos Estados Unidos, unindo os seus esforços aos da dita emprêsa na promoção de uma campanha de publicidade intitulada "Mês da Rôsca Nacional", a realizar-se em Outubro. Com essa campanha, não só será feita a propaganda do café como se chamará a atenção dos consumidores jovens para a bebida do produto.

Os anúncios e o material de propaganda dessa campanha apresentarão jovens de ambos os sexos tomando "cafe com rôsca", ao mesmo tempo ressaltando o fato de que essa combinação é muito popular entre os consumidores de dez a vinte anos.

A "Donut Corporation" fornecerá 100.000 jogos de propaganda, com cinco peças, para a distribuição, em forma de mostruário, nos Estados Unidos e no Canadá. Essa distribuição será feita entre mais de 2.000 fabricantes de rôscas, que fornecem todos os mercados de alimentos e todos os restaurantes em ambos países bem como entre os membros do comércio dos mesmos.

O Bureau Pan-Americano do Café fará por sua parte um vigoroso esfôrço de publicidade, tanto nas revistas populares dos consumidores como nas revistas comerciais especializadas, no mês de Outubro, o "Mês da Rôsca Nacional", incluindo-se entre os anúncios um de receitas de café, em côres, na "Ladies Homes Journal", que é uma das revistas mais populares dos Estados Unidos. Em Agôsto serão publicados também anúncios dirigidos aos comerciantes, em oito revistas especializadas. O total da circulação dessas publicações em que vão aparecer os referidos anúncios é de mais de 5.000.000 de exemplares.

As campanhas de propaganda, como essa, servem para manter cada vez mais intenso o interêsse dos consumidores em relação ao café, contribuindo para aumentar o consumo do produto.

PREÇOS DO CAFÉ, DE OUTUBRO DE 1956 A MAIO DE 1957

Em sua edição sôbre o café, de 9 de Julho passado, "Circular sôbre a Agricultura Estrangeira", o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos publica os seguintes dados sôbre os preços no período acima citado:

"Os preços do café verde baixaram desde Novembro de 1956, especialmente quanto aos cafés suaves, representados pelos Colombianos, que declinaram de 80 cents para 66 1/2 cents, no nível atual. Os Santos 4 também baixaram nesse período, mas numa base limitada, tendo se mantido em 60 e 61 cents desde Novembro até Fevereiro, quando então baixaram para 57 cents. Diminuiu-se, assim o diferencial entre os dois tipos de café, aproximando-se agora o diferencial para a margem de 3 a 5 cents a libra, como prevalecia anteriormente. Em 1956, o diferencial chegou a ser de 20 cents, durante algum tempo.

Êsses declinios nos preços podem ser atribuidos a dois fatores — a acumulação dos estoques, que chegou nos Estados Unidos a mais de 3.500.000 sacas no primeiro trimestre de 1957, e a probabilidade de super-produção, especialmente no Brasil e na Colômbia. Como conseqüência dêsses declínios, os preços para os consumidores também baixaram, e a média nacional de $1,09 por libra de café enlatado (segundo dados do "Bureau of Labor Statistics"), que prevaleceu em Outubro de 1956, diminuiu para $1.044 em Abril de 1957.

As importações de café nos Estados Unidos têm aumentado constantemente nos últimos 75 anos, em proporção muito maior do que o crescimento da população. De 1880 a 1956, a população dos EE.UU. aumentou de 235%, ao passo que o consumo do café aumentou de 525%. Apesar do constante aumento da

população e do consumo do café, nesse período, houve declínios ocasionais no consumo do café, por causa das altas dos preços, bem como aumentos ocasionais, por causa das baixas bruscas dos preços. De 1930 a 1950, os preços baixaram ao máximo, ao passo que de 1950 a 1954 os preços subiram ao máximo, e o consumo registrou alta no primeiro período e baixa no segundo. Em 1955/56, o consumo voltou ao seu máximo, mas não acompanhou a proporção do aumento da população.

A estabilização do consumo do café tem sido atribuida aos preços altos e aos métodos de preparação da bebida por parte dos consumidores. Os inquéritos recentes revelam que atualmente se preparam 60 xícaras de café com uma libra do produto, ao passo que em 1930/40 se preparavam de 40 a 45 xícaras apenas. Outro fator que talvez bastante contribui para alterar a proporção do consumo café verde é o café solúvel, com o qual há menos disperdício na cozinha e possìpossivelmente maior aproveitamento do produto no processo de sua manufatura."

N.º 1049 CARTA SEMANAL 16 de Agôsto de 1957

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Um dos mais conhecidos peritos em assuntos econômicos dos Estados Unidos, o Professor Summer H. Slichter, da Universidade de Harvard, observou, na semana passada, que atualmente o ponto fraco da economia dêste país é o do consumo, especialmente o consumo de artigos duráveis, como automóveis, geladeiras, etc., apesar do aumento registrado nas receitas individuais, que alcançaram a média anual de $4.200.000.000 nos dois primeiros trimestres de 1957. Nesse mesmo período, os gastos dos consumidores individuais alcançaram apenas a média anual de $1.100.000.000, ao passo que as compras de artigos duráveis diminuiram, alcançando sòmente a média anual de $900.000.000. Ao mesmo tempo, os inventários de mercadorias aumentaram. O Professor Slichter observa também que o total da produção industrial tem se mantido no mesmo nível durante o ano corrente, apesar do grande volume de investimentos das emprêsas em máquinas e equipamentos para fábricas e minas. Assim sendo, o professor Slichter conclui que o problema fundamental da economia norte-americana não é a inflação, mas sim o de "restaurar a expansão da economia, persuadindo-se os consumidores individuais a gastarem mais, dêsse modo criando mercados para um volume maior de produção". A melhor maneira para se induzir o público a comprar mais, diz o professor de Harvard, está na oferta, por parte do comércio, de produtos melhores por preços mais atraentes. Os comentários do Professor Slichter têm sido sempre notados pela sua penetração e pela sua franqueza, e na sua opinião, nas discusões correntes sôbre a inflação nos Estados Unidos, o fenômeno inflacionário é gradual e, apesar de se tratar de um movimento contínuo, não impedirá progresso econômico do país.

Na semana passada, os juros se tornaram mais altos, reduzindo-se a capacidade dos bancos de emprestar dinheiro. Seguindo o exemplo de um banco de Nova York, que elevou a razão dos juros para os empréstimos de negociantes de 4% a 4,5% — sendo êste o máximo observado no transcurso de 26 anos — vários outros bancos em todo o país elevaram também os seus juros. Certos bancos dos vários distritos da Reserva Federal aumentaram as suas taxas de

redesconto para com os bancos comerciais a que emprestaram dinheiro. Essas mudanças causaram aumentos em tipos de juros aplicáveis a outras operações, tais como aberturas de créditos para transações comerciais e outras semelhantes. Ao mesmo tempo, foram diminuidas as reservas dos bancos que fazem parte do sistema da Reserva Federal, restringindo-se assim a sua capacidade de fazer empréstimos.

O número de pessoas ocupadas em Julho subiu a 67.200.000, o que constitui um recorde de todos os tempos, bem como um aumento de 700.000 acima do total do mês de Junho. Êsse aumento de Julho foi devido ao maior número de jovens que conseguiram empregos, especialmente estudantes, na temporada do verão. O número de desempregados em Julho foi de 3.000.000, isto é, uma diferença de 300.000 para menos em relação ao número de Junho.

A Conferência Extraordinária de Ministros das Finanças dos Estados da Organização de Estados Americanos iniciou-se ontem, dia 15 de Agôsto, em Buenos Aires. Serão discutidos nesse certame importantes problemas econômicos e financeiros da América Latina.

Na semana passada, os preços da Bôlsa de Valores chegaram ao seu nível mais baixo desde o mês de Abril. Algumas das razões dadas para êsse declínio nos preços das ações das emprêsas foram a diminuição das atividades observada nos setores das construções de casas residenciais, da fabricação de autos, as baixas nos preços dos metais não ferrosos e a redução nos contratos das emprêsas com o Govêrno para produção de materiais de defesa, ademais do aumento dos juros para os créditos de prazo curto. Esta semana, a baixa dos preços continuou no Mercado de Valores.

MERCADO DO CAFÉ

Em meados desta semana, em contraste com a tendência da baixa que vinha se registrando nas últimas semanas, os preços do café se firmaram, e as atividades aumentaram, tanto no mercado a têrmo como no mercado de físicos sendo que nêste último houve um interêsse especial pelos cafés colombianos, tanto disponíveis como sôbre a água. No mercado a têrmo as atividades foram maiores em ambos Contratos. Na têrça-feira, o Sr. José Maria Alkmin, segundo constou em Nova York, deu à publicidade uma declaração sôbre os rumores que circularam no mundo do café quanto a novas mudanças do câmbio do Cruzeiro e da política de exportação do café. O Sr. Ministro da Fazenda afirmou que tais rumores careciam completamente de fundamento e que o Govêrno do Brasil não tinha nenhuma intenção de levar a efeito tais mudanças em sua política cambial. Disse também que não haveria mudanças no sistema de exportação de café, anunciado no dia 1.º de Julho dêste ano.

No Congresso Nacional do Café, realizado em Bogotá, o Sr. Manuel Mejia, Gerente Geral da Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia, e Embaixador do seu país no Brasil, declarou aos Delegados que a Federação, no transcurso dos últimos vinte anos comprou, ao todo, 16.543.176 sacas de café pergaminho (sacas de 62,5 quilos). No primeiro semestre de 1957, segundo informou o Sr. Mejia, a Federação comprou 621.163 sacas.

Segundo informa o Bureau de Estatísticas dos Estados Unidos, os estoques de café verde, em mãos dos importadores, torradores e negociantes, no fim do 1.º semestre de 1957, eram de 2.881.000 sacas, e o total da torrefação de café foi de 10.244.000 sacas, no primeiro semestre dêste ano. Esta última cifra representa uma diminuição de 2,2% em relação ao total do mesmo período do ano passado. Outras cifras referentes ao primeiro semestre de 1957 são as seguintes: café verde torrado para a fabricação de café solúvel, 16,9% do total da torrefação, ao passo que a cifra correspondente a 1956 foi de 15,2%; total das importações, 10.448.000 sacas.

Mercado a Têrmo: O movimento do mercado foi pequeno na sexta-feira, com perdas em tôdas as posições. O Contrato B fechou com baixas de 10 a 20 pontos, em 37 lotes vendidos, e o Mercado M fechou com baixas de 25 a 35 pontos, em 46 lotes vendidos.

Na segunda-feira, em consequência dos rumores sôbre o câmbio do Cruzeiro, o Contrato B fechou com baixas de 75 a 93 pontos, em 97 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 55 a 80 pontos, em 64 lotes vendidos.

Na têrça-feira, as atividades aumentaram, mas os preços continuaram baixando. O Contrato B fechou com baixas de 35 a 55 pontos, em 127 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 5 a 15 pontos, em tôdas as posições, exceto Setembro, que registrou uma alta de 5 pontos. Foram vendidos 60 lotes no Contrato M.

Na quarta-feira, o Contrato B fechou com altas de 35 pontos e baixas de 15, em 100 lotes vendidos. O Contrato M fechou com altas de 10 a 30 pontos, em 45 lotes vendidos.

Ontem, quinta-feira, o Contrato B fechou com altas de 53 pontos e baixas de 10 pontos, em 62 lotes vendidos. O Contrato M fechou com altas de 25 e 58 pontos, em 56 lotes vendidos.

Na semana que estamos passando em revista, o Contrato B registrou baixas de 53 a 157 pontos, num total de 423 lotes vendidos, e o Contrato M registrou baixas de 20 a 55 pontos, num total de 385 lotes vendidos.

Mercado de Físicos: Depois de um período de pouco movimento, houve um marcado interêsse pelos cafés colombianos, disponíveis e sôbre a água, e os preços dêsses cafés subiram. Os cafés das outras safras ainda podem ser comprados com descontos de 2,5 e 3 cents por libra. Na quinta-feira, ontem, à tarde, os Santos4 estavam cotados a 52,50 cents e os colombianos a 63,88 cents.

Outras notícias: No fim da semana,a França desvalorizou o Franco, diminuindo a taxa do câmbio para certas transações, de 250 para 420 o dólar, e dando uma bonificação de 20% aos exportadores que venderem 50 milhões e mais de mercadorias, por ano. Não se sabe ainda o efeito que a nova regulamentação terá sôbre os cafés coloniais da França.

Última Hora: Esta manhã, o Contrato B abriu com baixas de 5 a 25 pontos, e o Contrato M abriu com altas de 10 pontos e baixas de 45 pontos. A posição aberta era de 1.153 lotes no Contrato B e de 874 lotes no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Destinos Principais: U.S.	Europa	Outros	Total
BRASIL (*)	10-8-57	103,000	101,000	22,000	226,000
	3-8-57	172,000	88,000	50,000	310,000
	11-8-56	120,000	77,000	16,000	213,000
COLÔMBIA (")	10-8-57	177,190	12,569	2,042	191,801
	3-8-57	64,475	31,105	29	95,609
	11-8-56	100,928	10,331	6,903	118,162

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	Países de origem: Brasil	Colômbia	Outros	Total
10-8-57				
3-8-57	154,817	343,121	137,361	635,299
11-8-56	135,473	266,459	190,397	592,329

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 10-8-57	3-8-57	11-8-56
BRASIL (*)	Santos	2,370,000	2,352,000	2,756,000
	Rio	371,000	329,000	399,000
	Vitória	153,000	85,000	242,000
	Paranaguá	268,000 (%)	246,000 (+)	1,502,000 (°)
	Pernambuco	11,000	12,000	10,000
	Bahia	29,000	31,000	17,000
	Angra dos Reis	32,000	29,000	52,000
	Total	3,234,000	3,084,000	4,978,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	68,206	71,818	26,141
	Cartagena	30,473	30,736	31,773
	Buenaventura	108,761	137,424	68,122
	Cúcuta	41,885	35,104	34,869
	Total	249,325	275,082	160,905

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(%) 257,000 livre e 11,000 retidos.
(+) 237,000 livre e 9,000 retidos.
(°) 1,044,000 livre e 458,000 retidos.

	Data Mensal:	U.S.	Europa	Outros	Total
BRASIL (*)	Julho 1957	606,000	323,000	96,000	1,025,000
	Junho 1957	413,000	292,000	89,000	794,000
	Julho 1956	804,000	490,000	85,000	1,379,000
COLÔMBIA (")	Junho 1957	567,170	68,399	12,540	648,109
	Junho 1957	240,823	35,251	3,956	280,030
	Julho 1956	314,725	38,887	10,943	364,555

NOTÍCIAS DIVERSAS

A propósito do acôrdo assinado entre os Estados Unidos e a Guatemala sôbre o café, o New York Times pubicou no comêço desta semana o seguinte artigo, enviado pelo correspondente do jornal naquela República da América Central.

"Cidade de Guatemala — 11 de Agôsto de 1957. Os Estados Unidos, país consumidor de café, estão ajudando a Guatemala, país produtor de café, a melhorar a sua produção, em quantidade e em qualidade.

Acaba de ser assinado um acôrdo entre os governos dos dois países, estabelecendo-se um programa de expansão da produção do café e de melhoramento dêsse produto da Guatemala. A importância do programa se deve ao fato de que o café constitui a base da economia guatemalteca, dando trabalho a milhares de pessoas nas áreas rurais e representando de 75 a 80% do valor da exportação anual do país, o qual depende dêsse produto de maneira essencial para a obtenção de divisas estrangeiras.

Serão dispendidos $275.000 com o referido programa durante o primeiro ano do mesmo. A Administração de Cooperação Internacional dos Estados Unidos entrará em $75.000 e o Govêrno da Guatemala com o restante. Nos anos seguintes, o total será de $225.000 por ano.

A produção de café é um dos maiores paradoxos econômicos de Guatemala, uma vez que os guatemaltecos vivem do café mas muito pouco têm feito nos últimos vinte anos para manter a sua produção a par das necessidades do mercado.

Admite-se oficialmente que, apesar da importância econômica do café na Guatemala, a produção do mesmo tem se mantido bastante estática nesses últimos vinte anos e que o rendimento das safras, por unidade de área cultivada, é pequeno.

Em muitas partes do país, as plantações são vítimas de enfermidades intensas, e em algumas regiões as safras se acham ameaçadas de extinção, se as pestes que as atacam não forem combatidas como devem.

Nos últimos 20 anos, a produção de café da Guatemala tem se mantido na estreita margem de 1.200.000 a 1.300.000 sacas por ano, mas no ano passado começou a se aproximar de 1.400.000 sacas.

As estatísticas oficiais mostram que o grosso da produção do café de Guatemala se concentra nas grandes plantações. Em 1950, por exemplo, cêrca de 90% da produção procedem de 1.012 fazendas de 1.000 a 15.000 acres de tamanho, aproximadamente.

O relatório oficial em que se recomendou o estabelecimento do acôrdo declara que haverá uma redução de 25 a 40% nos custos do cultivo do café, com programa em vista, dentro de cinco anos, bem como um aumento de 25 a 50% na produção, no mesmo período.

O programa, a ser realizado em conjunto pelos Estados Unidos e pela Guatemala, será dividido em quatro partes, sob a direção de um Comitê misto dos dois países, mas a maior parte do trabalho técnico ficará aos cuidados de peritos norte-americanos e será executado através do "Serviço Cooperativo Inte-

ramericano de Agricultura", entidade organizada por ambos governos há alguns anos, com a finalidade de levar adiante pesquisas agrícolas e serviços correlatos na Guatemala.

As quatro partes do programa decorrente do acôrdo em questão são as seguintes:

1. Treinamento de técnicos e de fiscais de produção com os quais possam ser levadas a efeito melhores métodos de cultivo.
2. Pesquisa com o objetivo de se descobrir as variedades de cafeeiro que possuem melhores características para o crescimento ao sol sem a tradicional sombra de árvores.
3. Serviços correlatos para os cafeicultores, com o fim de ensinar-lhes nas plantações os melhores métodos de cultivo.
4. Expansão da produção, com novas áreas apropriadas para o cultivo, e promoção da produção aumentada, mediante vários meios, inclusive uma nova legislação.

"A maior porção da verba do programa ($115.100 no primeiro ano) será gasta no aspecto de treinamento de pessoal."

N.º 1050 CARTA SEMANAL 23 de Agôsto de 1957

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Houve muito pouca mudança na situação econômica norte-americana em geral, no transcurso desta semana, e os homens de negócio estão aguardando um novo surto nas suas atividades com a chegada do outono próximo. Nos círculos financeiros, entretanto, tem havido uma considerável ansiedade, em conseqüência de uma série de acontecimentos de caráter desfavorável — a situação política da Síria, o enfraquecimento do franco e da libra e a contínua estagnação de certas indústrias, como as dos metais não-ferrosos, as dos tecidos e a das construções de casas. Os preços das ações baixaram bruscamente, ao passo que as novas emissões de títulos estão sendo feitas com juros mais altos, num mercado de créditos restritos. Os observadores estão discutindo no momento, mais do que qualquer outra coisa, os altos juros adotados na semana passada pelos bancos em geral, e o fato de que o Sr. William McC. Martim, Diretor-Presidente da Junta da Reserva Federal, durante três dias consecutivos apareceu perante um Comitê do Congresso para prestar depoimentos, em defesa das medidas monetárias federais, serviu para despertar grande interêsse sôbre o assunto em todo o país. O Sr. Martin declarou que certos setores da economia nacional mostram debilidade ao passo que outros mostram firmeza, mas acentuou o fato de que a inflação é o problema dominante dos Estados Unidos no momento. Êsse é o ponto de vista também do conhecido professor de economia, Dr. Slichter, e de outros especialistas, como mencionamos na Carta Semanal anterior. De acôrdo com o Sr. Martin, os consumidores têm gasto de mais e deixado de eco-

nomizar, causando, assim, a escassez de fundos disponíveis. Se as economias individuais aumentassem, os juros baixariam, uma vêz que os fundos disponíveis se tornariam maiores para os investimentos.

O aumento na razão dos juros foi adotado na expectativa de uma grande procura de capitais nos meses seguintes, esperando-se também que êsse aumento dos juros serviria para impedir temporàriamente a realização de certos tipos de projetos que poderiam ser adiados. Estão sendo emitidas muitas obrigações estaduais e municipais, para financiamento de escolas, obras públicas, estradas e utilidades, cuja realização vinha sendo adiada mas que agora se torna de imediata necessidade, e já se espera que no outono próximo sejam levados a efeito muitos financiamentos particulares, a altos juros. Êsses financiamentos tornaram maior a procura normal de créditos que nesta época do ano se observa para os financiamentos regulares das safras do outono e da acumulação de inventários de mercadorias comerciais para se atender ao volume maior das vendas nas festividades tradicionais do outono e do inverno. Admite-se nos círculos financeiros que as previsões feitas sôbre as atividades econômicas do segundo semestre de 1957 poderão ser demasiado optimistas, o que tornará duvidoso o aumento na razão dos juros. Um fator que está causando grande apreensão atualmente é o fato de que certas indústrias estão com excesso de capacidade, em consequência da rapidez com que elas expandiram os seus recursos de produção, no transcurso dos dois últimos anos.

No Mercado de Valores, os preços das ações têm diminuido desde os meados de Julho e estão agora se aproximando dos níveis baixos registrados no mês de Fevereiro. Houve uma marcada baixa nos preços das ações quando a Junta da Reserva Federal aprovou o aumento dos redescontos, e as notícias do Meio Oriente durante o fim-de-semana anterior precipitaram a queda dos preços, numa proporção que não se havia observado desde o inverno passado. A debilidade do franco e da libra também causou incerteza nos círculos financeiros, e os preços das ações das companhias de petróleo com interêsses no estrangeiro baixaram consideràvelmente. Os preços das ações das emprêsas de extração mineral e de produção de aço estiveram fracos. O dólar canadense alcançou um novo máximo, com $1,06 em relação ao dólar americano, devido à procura maior daquela moeda por parte de indivíduos e de interêsses comerciais fora do Canadá.

MERCADO DO CAFÉ

O mercado do café verde tem continuado pouco movimentado, não tendo ocorrido até agora a esperada procura desta temporada por parte dos torradores. No fim da semana passada, houve considerável atividade com respeito aos cafés africanos, cujos preços estiveram firmes. Na têrça-feira, as cotações dos colombianos estiveram baixas, com os rumores de que a Federação Nacional de Cafeicultores havia abandonado seu programa de apôio dos preços, mas na quarta-feira, com a declaração do Sr. Andrés Uribe, Representante da Federação em Nova York, de que tais rumores careciam de qualquer fundamento e de que as compras da Federação estavam sendo feitas na base de 67 cents a libra, os preços dos colombianos tornaram a subir, imediatamente.

No mercado a têrmo, tem havido uma tendência geral de baixa, e os preços de quase tôdas as posições se acham agora um tanto abaixo dos níveis de há uma semana. Ao aproximar-se a data do aviso de entrega para o mês de Setembro no Contrato M — o dia 29 de Agôsto, — consta que está havendo uma apreciável liquidação nas posições do referido Contrato. A posição aberta de Setembro tem sido anormalmente alta, com mais de 600 lotes registrados no comêço do mês corrente. A contínua baixa observada na posição aberta tem sido causada pela liquidação levada a efeito pelos negociantes, e na semana passada o seu total foi de 420 — o que ainda é uma cifra alta para uma única posição. A aparente relutância dos comerciantes em aceitar entregas na Bôlsa reflete a falta de atividade no mercado de físicos. A contínua falta de interêsse dos torradores pelo café verde, quando no outono vindouro começa a temporada do consumo mais intenso, tem sido causa de considerável conjecturas entre os observadores locais.

Com inventários de café verde de cêrca de três milhões de sacas, os comerciantes parece que se acham satisfeitos com a situação, aptos a satisfazer as necessidades do momento, e muitos observadores são de opinião que, a não ser que ocorra um aumento brusco nas vendas aos consumidores, os torradores continuarão a agir como nos dois últimos meses, esperando o desenrolar dos acontecimentos.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, o Contrato B fechou com baixas de 5 a 20 pontos, e o Contrato M com baixas de 21 a 66 pontos. Foram vendidos 66 lotes no Contrato B e 19 lotes no Contrato M.

Na segunda-feira, o Contrato B fechou com baixas de 10 a 55 pontos, em 73 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com baixas de 45 a 70 pontos, em 54 lotes vendidos.

Na têrça-feira, com a liquidação ocasionada pelas notícias da Colômbia, acima mecionadas, o Contrato B fechou com baixas de 45 a 75 pontos, em 89 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com baixas de 70 a 105 pontos, em 80 lotes vendidos.

Na quarta-feira, depois das declarações do Sr. Andrés Uribe, a confiança voltou ao mercado, havendo melhoria em tôdas as posições. O Contrato M fechou com altas de 25 a 60 pontos, em 91 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com altas de 15 a 65 pontos, em 71 lotes vendidos.

Na quinta-feira, ontem, o Contrato B fechou com altas de 10 a 65 pontos, em 110 lotes vendidos. O Contrato M fechou com altas de 5 pontos e baixas de 10 pontos, em 54 lotes vendidos.

Na semana que estamos passando em revista, o Contrato B registrou altas de 25 pontos e baixas de 65 pontos, num total de 429 lotes vendidos, e o Contrato M registrou baixas de 108 a 230 pontos, num total de 278 lotes vendidos.

Mercado de físicos: Os comerciantes de café continuam, como nas últimas semanas, comprando apenas para as suas necessidades imediatas. A procura dos cafés africanos aumentou, num dia ou dois, mas a procura voltou ao nível anterior, mantendo-se os preços firmes. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 53,68 cents e os colombianos a 62,88 cents.

Outros assuntos: As autoridades francêsas, encarregadas dos fundos de estabilização do café, impuseram uma taxa de 10% no valor CIF das exporta-

ções do café. Antes da desvalorização do franco, a taxa era de 12%, mas se achava abolida por ocasião da desvalorização, a qual dá aos exportadores uma bonificação de 20% em relação ao câmbio anterior.

Última hora: Esta manhã, o Contrato B fechou com altas de 20 pontos e baixas de 11 pontos, e o Contrato M abriu com baixas de 5 pontos e preços inalterados. A posição aberta era de 1167 lotes no Contrato B e de 783 no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Destinos Principais: U.S.	Europa	Outros	Total
BRASIL (*)	17-8-57	143,000	29,000	5,000	177,000
	10-8-57	103,000	101,000	22,000	226,000
	18-8-56	126,000	74,000	9,000	209,000
COLÔMBIA (")	10-8-57	68,283	9,077	875	78,235
	10-8-57	177,190	12,569	2,042	191,801
	18-8-56	54,747	3,377	1,861	59,985

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	Países de origem: Brasil	Colômbia	Outros	Total
17-8-57				
10-8-57	151,366	266,350	184,419	602,135
18-8-56	145,541	374,350	130,811	650,702

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em: 17-8-57	10-8-57	18-8-56
BRASIL (*)	Santos	2,306,000	2,370,000	2,781,000
	Rio	428,000	371,000	398,000
	Vitória	153,000	153,000	259,000
	Paranaguá	338,000 (+)	268,000 (")	1,486,000 (°)
	Pernambuco	8,000	11,000	7,000
	Bahia	28,000	29,000	25,000
	Angra dos Reis	33,000	32,000	52,000
	Total	3,289,000	3,234,000	5,008,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	61,556	68,206	25,800
	Cartagena	30,622	30,473	34,346
	Buenaventura	104,014	108,761	93,706
	Cúcuta	46,629	41,885	34,869
	Total	242,821	249,325	188,721

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(+) 313,000 livre e 20,000 retidos.
(%) 257,000 livre e 11,000 retidos.
(°) 1,096,000 livre e 390,000 retidos.

NOTÍCIAS DIVERSAS

PROPAGANDA DO CAFÉ

De acôrdo com os estudos levados a efeito pelo Bureau Pan-Americano do Café, o consumo do café per capita das populações rurais nos Estados Unidos se mantém invariavelmente abaixo da média nacional do consumo per capita.

Com o objetivo de desfazer essa situação, o Bureau realiza um programa especial de promoção do consumo do café no interior do país, entre as populações rurais. Um exemplo dessa tarefa foi o que se fêz por motivo da Semana Nacional de Segurança das Fazendas, começando no dia 21 de Julho, de acôrdo com proclamação do Presidente Eisenhower.

O Bureau preparou uma nota para a imprensa, sugerindo, como medida de segurança no trabalho agrícola, a adoção da "Pausa para o Café", e distribuiu essa nota entre os diários que são lidos nas áreas rurais do país.

A nota de publicidade, que foi utilizada pela grande maioria dos jornais do interior dos Estados Unidos, dizia, em parte, o seguinte:

A "Pausa para o Café", que nos tempos em que se arava o terreno com tração animal, era o hábito de tomar café quando o cavalo fazia a sua "pausa" para descanso, atualmente é de muito maior necessidade, como auxílio à segurança dos lavradores, cujo trabalho é altamente mecanizado.

"De acôrdo com as pesquisas médicas, os intervalos de descanso durante a manhã e durante a tarde, para tomar café e comer algo ligeiro, não só servem para eliminar a fadiga física como também para restaurar os reflexos nervosos, tornando as pessoas mais alertas e mais capazes de realizar com mais competência o seu trabalho, qualquer que seja êste."

"Durante certas estações do ano, os lavradores também se tornam suscetíveis de um mal estar chamado pelos técnicos de segurança "highway hypnosis", causado pela monotonia das longas horas de trabalho na direção de aparelhos mecanizados da lavoura. As autoridades de segurança aconselham, para se evitar êsse mal estar, que os lavradores parem seu trabalho com intervalos de umas duas horas, para tomar café, como já fazem os motoristas nas longas viagens."

Essa é mais uma prova de que a "Pausa para o Café", que já está instituida nos setores do comércio e da indústria dos Estados Unidos, continua cada vez mais popular como hábito adquirido entre as populações do país, tanto nas cidades como nos campos.

NOTÍCIAS DE PARÍS

De Acôrdo com informações procedentes da capital francêsa, relacionadas com a desvalorização do franco, as autoridades esperam que as exportações da França aumentarão, mediante restrições feitas às importações, tornando-as mais dispendiosas, aos mesmo tempo que as exportações se tornarão mais baratas. Segundo essas informações, a aplicação da bonificação de 20% às exportações dos territórios francêses de ultramar, que antes poucos benefícios recebiam, servirá grandemente para estimular os exportadores da União da França no sentido de venderem aos países estrangeiros mais do que à França. Os comer-

ciantes de café declaram que poderá haver um aumento especulativo dos preços, mas baseado mais nas estimativas pessimistas das safras da Costa de Marfim e de Madagascar do que nas novas medidas cambiais. Os preços do café na França estão já acima dos níveis mundiais e não se espera nenhuma mudança a êsse respeito.

N.º 1051 CARTA SEMANAL 30 de Agôsto de 1957

SITUAÇÃO ECONÔMICA

No transcurso da última semana, tem sido observadas indicações preliminares de certas indústrias, no sentido de um aumento das suas atividades nesta temporada, mas nos círculos financeiros parece prevalecer um considerável sentimento de incerteza. As perspectivas da indústria do aço aparentemente são boas, e as usinas siderúrgicas estão incrementando gradualmente as suas operações, especialmente devido às encomendas das companhias fabricantes de automóveis, que estão agora começando a produção dos modelos de 1958. As fabricas de máquinas-ferramentas, que vinham recebendo um volume cada vêz menor de encomendas, nos últimos nove meses, tiveram no mês de Julho um considerável aumento de pedidos.

Como observamos em Cartas anteriores as atividades da indústria de produção de máquinas-ferramentas constituem um dos mais importantes indicadores da situação econômica do país, porque os planos de expansão de trabalho das mais importantes emprêsas industriais se refletem primeiramente nas suas encomendas de novos equipamentos. Alguns conservadores duvidam que êsse recente incremento nas encomendas de máquinas-ferramentas seja apenas o começo de um aumento continuado dêsses pedidos, atribuindo o dito incremento a uma medida de precaução dos compradores, que preferem comprar êsses equipamentos agora, antes que os seus preços possam se elevar. As encomendas acumuladas agora representam a produção de um pouco mais de quatro meses, ao passo que há um ano às encomendas representavam a produção de quase oito meses.

Com excecução dos aspectos acima mencionados, as atividades econômicas não têm sido grandes. Com o longo fim-de-semana que inclui o "Labor Day" na próxima segunda-feira nos Estados Unidos termina, não-oficialmente, a temporada do verão e das férias, esperando-se logo depois um período de renovadas atividades em muitos setores da economia do país.

Contrastando com os indícios animadores observados em algumas das indústrias mais importantes, a tendência de baixa nos preços das ações no Mercado de Valores continua, sendo esta a sétima semana consecutiva em que tal tendência se manifesta, o que tem causado grande preocupação nos círculos financeiros. Naturalmente, com os aumentos de juros pagos pelas novas obrigações recentemente emitidas, e por outros tipos de investimentos, os investidores adquirem essas obrigações, deixando de empregar seus fundos nas ações da Bôlsa, assim tornando menor a procura das ações mas alguns comentaristas mais pessimistas mencionam outros fatores desfavoráveis que perturbam as perspectivas imediatas dos negócios. Os mais importantes dêsses fatores, que vêm sendo mencionados nas últimas semanas, são os seguintes: o excesso de capacidade de

certas indústrias, isto é, o fato de que certas indústrias, como conseqüência do melhoramento do seu equipamento estão produzindo demais, em relação à procura dos artigos que produzem, e a diminuição da produção de maquinismos essenciais, em conseqüência dos juros mais altos, que tornam os empréstimos mais difíceis, para tal fim. Além disso, os inventários têm aumentado recentemente, o que constitui uma nova indicação de que a procura de certos produtos, por parte dos consumidores, particularmente os produtos duráveis, se está se tornando menor. É geralmente aceito agora o fato de que as altas dos preços têm sido causadas, em grande parte, pela contínua expansão da produção racional total, e que essas altas tendem a contrabalançar os aumentos das receitas individuais, de acôrdo com o Departamento de Comércio. Assim sendo, os relatórios publicados pelos referido Departamento não têm sido tomados em consideração pelos homens de negócios, quando examinam os indicadores das tendências da economia.

No mercado de Valores começou esta semana com fortes baixas nos preços, mas o volume das transações não foi grande. Os comentaristas explicam a continuada debilidade dos preços das ações pelos acontecimentos favoráveis à Russia no Meio Oriente, pelas medidas de desvalorização de moedas na Europa, pelos dividendos reduzidos e pelos lucros menores das companhias.

MERCADO DO CAFÉ

O mercado a têrmo esteve ativo esta semana e os preços de certo modo mais baixos, ao passo que no mercado de físicos as cotações foram irregulares — os colombianos com preços mais baixos e os brasileiros e os africanos com preços mais firmes. Os torradores continuaram a comprar apenas para suas necessidades imediatas. A falta de interêsse pelos cafés disponíveis foi atribuida ao fato de que os importadores dispõem de amplos suprimentos, acreditando-se também que os comerciantes em geral se mantêm numa atitude de expectativa. Achando-se os preços mais baixos no mercado a têrmo, aguarda-se também com mais incerteza a perspectiva imediata da situação. Apesar dos preços baixos, não houve nenhuma pressão de venda, e, de fato, os cafés brasileiros estão mantendo em níveis equivalentes ao níveis de apôio do Instituto Brasileiro do Café, e as compras de apôio na Colômbia estão sendo feitas a preços ligeiramente mais altos do que os que vinham prevalecendo até então. As ofertas de outros cafés foram escassas, mas a posição aparentemente favorável do Brasil e da Colômbia no mercado foi ignorada pelos comerciantes, ante as notícias de que foram excelentes as colheitas do México e da África Oriental Britânica. De acôrdo com informações do México, a safra nova começará a ser movimentada em fins de Novembro ou em começos de Dezembro, e que a produção de algumas áreas poderá ser exportada em fins de Setembro. As informações de Uganda são de que a safra atual alcançará a um milhão de sacas, o que é quase um recorde.

Diminuindo o volume das chegadas de café, reduziram-se também os estoques de café verde, os quais são no momento aproximadamente de 2.500.000 sacas, ao passo que há um ano eram de 3.200.000 sacas e em 1955 eram de 1.400.000 sacas. Nas semanas próximas, a situação do mercado dependerá grandemente das tendências da procura dos consumidores. No caso de se registrar uma apreciável expansão das vendas no varejo, os torradores serão obri-

gados a comprar maiores quantidades de café, o que poderá, se certos cafés suaves entrarem cedo no mercado.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, os preços declinaram, devido a uma pequena liquidação do fim-de-semana. O Contrato B fechou com baixas de 35 a 50 pontos, em 61 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com baixas de 5 a 35 pontos, em 21 lotes vendidos.

Na segunda-feira, o Contrato B, que se refez ligeiramente, fechou com altas de 13 a 20 pontos, em 56 lotes vendidos, e o Contrato M fechou irregular, com 2 pontos acima e 25 pontos abaixo, em 29 lotes vendidos.

Na têrça-feira, com as notícias de Uganda e do México, acima mencionadas, intensificou-se a pressão das vendas, e o Contrato B fechou com baixas de 55 a 90 pontos, em 127 lotes vendidos, ao passo que o Contrato M fechou com baixas de 67 a 165 pontos, em 100 lotes vendidos.

Na quarta-feira, houve baixas em tôdas as posições, exceto as de julho. O Contrato B fechou com 5 pontos acima e 55 pontos abaixo, em 91 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com 10 pontos acima e 40 pontos abaixo, em 84 lotes vendidos.

Na quinta-feira, o Contrato B fechou com preços inalterados e baixas de 15 pontos, em 106 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com altas de 1 a 55 pontos, em 43 lotes vendidos.

Na semana que estamos passando em revista, isto é de quinta-feira passada até ontem, o Contrato B registrou baixas de 140 a 110 pontos, num total de 441 lotes vendidos, ao passo que o Contrato M registrou baixas de 205 a 70 pontos, num toal de 277 lotes vendidos.

Mercado de físicos: As atividades neste mercado foram pequenas, concentrando-se os interêsses, nos abastecimentos de cafés colombianos, brasileiros e africanos de Uganda. As cotações dêsses dois últimos se mantiveram bastante firmes. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 53,75 cents e os colombianos a 62,00 cents.

Última Hora: Esta manhã, o Contrato B abriu com altas de 15 pontos e preços inalterados ,e o Contrato M abriu com altas de 24 pontos e preços inalterados. A posição aberta era de 1.151 lotes no Contrato B e de 692 no Contrato M.

EXPORTAÇAO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos Principais:* *U.S.*	*Europa*	*Outros*	*Total*
BRASIL (*)	24-8-57	145,000	144,000	30,000	319,000
	17-8-57	143,000	29,000	5,000	177,000
	25-8-56	208,000	68,000	30,000	306,000
COLÔMBIA (")	24-8-57	74,049	9,639	2,663	86,351
	17-8-57	68,283	9,077	875	78,235
	25-8-56	98,269	11,149	3,354	112,772

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de origem* *Brasil*	*Colômbia*	*Outros*	*Total*
24-8-57				
17-8-57	135,749	394,560	119,159	649,468
25-8-56	146,504	265,312	181,187	593,003

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	24-8-57	17-8-57	25-8-56
BRASIL (*)	Santos	2,269,000	2,306,000	2,772,000
	Rio	425,000	428,000	458,000
	Vitória	155,000	153,000	316,000
	Paranaguá	410,000 (%)	333,000 (+)	1,439,000 (°)
	Pernambuco	6,000	8,000	6,000
	Bahia	30,000	28,000	26,000
	Angra dos Reis	40,000	33,000	56,000
	Total	3,335,000	3,289,000	5,073,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	55,177	61,556	28,157
	Cartagena	36,756	30,622	17,682
	Buenaventura	106,983	104,014	57,447
	Cúcuta	51,095	46,629	34,869
	Total	250,011	242,821	138,155

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DO INTERIOR DE S. PAULO:

Ano agrícola	*Junho* 1957	*Maio* 1957	*Junho* 1956
1955-56	—	—	2,003,000
1956-57	57,000	640.000	—
	57,000	640,000	2,003,000

DESPACHOS DE CAFÉ POR ESTRADA DE FERRO:

(Revisado) Julho 1, a Maio 31, 1957
destinado para:

Santos	5,755,000
Rio	238,000
Angra dos Reis	30,000
Outros (")	967,000
Total	6,990,000

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(%) 372,000 livre e 38,000 retidos.
(+) 313.000 livre e 20.000 retidos.
(°) 1,025,000 livre e 414,000 retidos.
(") Incluido sacas do Paraná, Minas, Mato Grosso e Goiás.
(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.

NOTÍCIAS DIVERSAS

O CAFÉ EM MADAGASCAR:

A produção de café de Madagascar foi de *603.888 sacas em 1953, de .... 691.433 sacas em 1954*, de *795.617 em 1955*, e de *874.617 em 1956*, de acôrdo com o relatório anual do Banco de Madagascar.

Nos princípios de 1956, informa o relatório do Banco, as ricas regiões costeiras da ilha foram vitimadas pelo mau tempo, acreditando-se que as safras de café dos distritos de Vihemar e de Farafangana sofreram perdas de 40%. O Banco observa que o cultivo do café em Madagascar, muito estimulado há quatro anos pela Administração, está atualmente em sua fase mais intensa. Há razão para se acreditar que as exportações de café da ilha em breve serão de 833.333 sacas no mínimo em cada temporada, não havendo calamidades naturais, e que o total *poderá mesmo alcançar de um milhão de sacas,* nos anos de melhor produção. Êsse contínuo aumento da produção não prejudicará, entretanto, os *esforços que se fazem para melhorar a qualidade do café de Madagascar,* segundo declara o relatório em questão, que ainda dá mais as seguintes informações:

A porcentagem do café Robusta "superior" exportado aumentou de 44% em 1954 para 61% em 1955 e 68% em 1956. O melhoramento da qualidade do café foi devida aos cuidados dados pelos plantadores à colheita, à secagem e ao abastecimento, em harmonia com os regulamentos estabelecidos pelas autoridades regionais. Graças a êsses cuidados especiais, o Robusta de Madagascar está firmemente ganhando os favores da populadidade nos mercados estrangeiros, especialmente em Nova York. Uma vêz que os preços dêsses cafés *são os mais baratos do mundo,* há motivos para se acreditar dentro de pouco tempo êsses cafés terão um mercado assegurado. Entretanto, por motivos econômicos, os exportadores muitas vêzes vendem o seu produto com muita pressa. Diante da abundância das ofertas desorganizadas, os preços caem ràpidamente, e, em lugar de cooperar, os exportadores contribuem para que a deterioração dos preços continue, em conseqüência da sua competição, como se pôde observar na queda dos preços dos cafés de Madagascar em Nova York, em Outubro e Novembro de 1956, de 32 cents para 27 cents. Para evitar essa situação, estabeleceu-se o Fundo de Estabilização para a temporada de 1957, tendo os dirigentes do Fundo se reunido pela primeira vêz em 10 de Novembro de 1956. *Estabeleceu o preço mínimo de 112 francos o quilo, e o Fundo comprará todo o café oferecido por preços abaixo dêsse mínimo.* As vendas do café serão, então, feitas durante um período de vários meses, evitando-se as chegadas de cafés em Nova York que, de outro modo, fariam os preços baixarem.

O CÂMBIO NA FRANÇA:

A recente decisão tomada recentemente pelas autoridades do Fundo de Estabilização na África Francêsa, inpondo uma taxa de exportação do café que corresponde a 10% do valor C.I.F., fêz também com que o Govêrno da França convocasse uma reunião inter-ministerial para tratar do assunto. Segundo essas notícias de Paris, será considerado nessa reunião inter-ministerial o efeito das medidas mencionadas sôbre os preços de café francês. Antes da reforma câmbial francêsa, ocorrida êste mês, os exportadores da França colonial recebiam uma bonificação de 12% no câmbio para as exportações de café destinadas ao estrangeiro. De acôrdo com o novo programa, essa bonificação de 12% será abolida, e substituida por uma bonifocação de 20% para os exportadores. Chama-se a atenção para o fato de que, no momento, essa modificação do câmbio para os exportadores não terá no momento, pràticamente, nenhum efeito, por causa da falta de café para exportação.

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XXII | São Paulo, 3 de Outubro de 1957 | N.º 381

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1957/1958

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estrada de Ferro	Julho	1.ª dezena Agôsto	2.ª dezena Agôsto	3.ª dezena Agôsto	TOTAIS
Santos a Jundiaí	62 270	4 929	7 240	9 006	83 445
Sorocabana	59 490	31 931	34 299	69 179	194 899
Paulista	525 015	177 930	185 975	254 477	1 143 397
Mogiana	113 914	42 139	36 015	63 957	256 025
Araraquara	265 119	81 469	72 084	78 491	497 163
Bragantina	1 807	343	872	1 157	4 179
Noroeste do Brasil	252 818	74 080	84 064	107 207	518 169
São Paulo e Minas	9 469	3 177	2 889	3 740	19 275
Central do Brasil	811	—	—	520	1 331
Estrada de Rodagem	59 721	57 190	57 065	112 527	286 503
Total	1 350 434	473 188	480 503	700 261	3 004 386

X Incompleto

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO AO RIO DE JANEIRO E ANGRA DOS REIS

DEZENAS	RIO DE JANEIRO			ANGRA DOS REIS		TOTAL
	Ferroviário	Rodoviário		Rodoviário		
	Comum	Pref.	Comun	Comun	Pref.	
Julho	4 598	500	38 289	6 677	—	50 064
1.ª Agôsto	483	170	24 559	11 754	—	26 966
2.ª »	770	170	29 217	6 552	—	36 709
3.ª »	110	—	43 736	7 133	250	51 229
Total	5 961	840	135 801	22 116	250	164 968

TOTAL DOS DESPACHOS DE CAFÉ PAULISTA POR SÉRIE

DEZENAS	Comum	Preferencial	Despolpado	TOTAL
Julho	1 083 660	307 185	9 653	1 400 498
1.ª Agôsto	309 493	185 449	5 212	500 154
2.ª »	307 399	205 848	3 965	517 212
3.ª »	408 174	338 954	4 362	751 490
Total	2 108 726	1 037 436	23 192	3 169 354

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

"PARANÁ"

DEZENAS	FERROVIÁRIO			RODOVIÁRIO		TOTAL
	Comum	Pref.	Desp.	Pref.	Desp.	
Julho	7 660	130	2 529	823	1 749	12 891
1.ª Agôsto	2 135	—	—	897	695	3 727
2.ª "	5 825	—	—	1 193	214	7 232
3.ª "	12 848	626	—	5 942	1 394	20 810
Total	28 468	756	2 529	8 855	4 052	44 660

"MINAS GERAIS"

DEZENAS	FERROVIÁRIO			RODOVIÁRIO		TOTAL
	Comum	Pref.	Desp.	Pref.	Desp.	
Julho	1 641	5 406	—	7 902	1 558	16 507
1.ª Agôsto	645	5 380	71	7 767	1 210	15 073
2.ª "	241	4 547	—	11 817	912	17 517
3.ª "	1 683	9 081	—	x 18 726	x 2 336	31 826
Total	4 210	24 414	71	46 212	6 016	80 923

x) Incompleto.

"GOIÁS"

DEZENAS	FERROVIÁRIO		RODOVIÁRIO	TOTAL
	Comum	Preferencial	Preferencial	
Julho	90 769	5 350	783	96 902
1.ª Agôsto	x 1 185	305	740	2 230
2.ª "	x 971	224	420	1 615
3.ª "	x 2 306	—	2 276	4 582
Total	95 231	5 879	4 219	105 329

x) Incompleto.

"MATO GROSSO"

DEZENAS	FERROVIÁRIO
	Comum
Julho	950
1.ª Agôsto	400
2.ª "	400
3.ª "	800
Total	2 550

Rio de Janeiro (3.ª dezena agôsto 57) 95 sacas "Despolpado" — Rodoviário

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1957/1958

(Até 31 de Agôsto de 1957)

"COMUM"

DEZENAS	Despachado	Liberado	A Liberar
1.ª Julho-57	581 416	297 976	283 440
2.ª »	210 439	—	210 439
3.ª »	242 241	—	242 241
1.ª Agôsto	282 697	—	282 697
2.ª »	270 860	—	270 860
3.ª »	357 195	—	357 195
Total	**1 944 848**	**297 976**	**1 646 872**

"PREFERENCIAL"

DEZENAS	Despachado	Liberado	A Liberar
Rodoviário	276 724	117 918	158 806
1.ª Julho-57	80 672	80 266	406
2.ª »	69 096	66 546	2 550
3.ª »	100 967	85 748	15 219
1.ª Agôsto	130 199	47 895	82 304
2.ª »	150 088	6 005	144 083
3.ª »	228 600	—	228 600
Total	**1 036 346**	**404 378**	**631 968**

"DESPOLPADO"

DEZENAS	Despachado	Liberado	A Liberar
Rodoviário	8 779	4 822	3 957
1.ª Julho-57	1 550	1 550	—
2.ª »	1 108	1 108	—
3.ª »	4 224	4 224	—
1.ª Agôsto	3 102	1 741	1 361
2.ª »	2 490	—	2 490
3.ª »	1 939	—	1 939
Total	**23 192**	**13 445**	**9 747**

"OUTROS ESTADOS"

PRODUTORES	Despachado	Liberado	A Liberar
Paraná			
Comum	28 468	1 058	27 410
Preferencial	756	130	626
Preferencial Rodoviário	8 855	2 663	6 192
Despolpado	2 529	2 529	—
Despolpado Rodoviário	4 052	1 518	2 534
Minas Gerais			
Comum	4 210	647	3 563
Preferencial	24 414	5 081	19 333
Preferencial Rodoviário	46 212	18 882	27 330
Despolpado	71	—	71
Despolpado Rodoviário	6 016	2 853	3 163
Goiás			
Comum	95 231	16 661	78 570
Preferencial	5 879	305	5 574
Preferencial Rodoviário	4 219	1 143	3 076
Mato Grosso			
Comum	2 550	350	2 200
Rio de Janeiro			
Despolpado Rodoviário	95	—	95
Total	**233 557**	**53 820**	**179 737**

★

Substitua progressivamente o seu cafèzal velho e deficitário por um replantio cuidadoso, feito com boas semente e boas adubações. Defenda o solo da erosão por meio de curvas de nível, cordões, terraços, faixas de vegetação, carpas alternadas.

Colha sòmente os cafés maduros.

Seque e beneficie com cuidado.

Exportação brasileira de café maio de 1957

Sacas de 60 quilos

Porto de Exportação	QUANTIDADE EXPORTADA					Total Geral
	EXTERIOR			Consumo de bordo	Cabotagem	
	Estados Unidos	Outros Países	Total			
Santos	425 315	239 730	665 045	231	84	665 360
Rio de Janeiro	35 416	77 804	113 220	1	—	113 221
Paranaguá	62 182	21 604	83 786	15	1 250	85 051
Vitória	7 450	30 342	37 792	8	33 256	71 056
Angra dos Reis	5 710	2 425	8 135	—	—	8 135
Salvador	600	2 413	3 013	—	1 977	4 990
Recife	—	7 587	7 587	6	3 530	11 123
Total	**536 673**	**381 905**	**918 578**	**261**	**40 097**	**953 936**
Janeiro	1 203 937	462 814	1 666 751	312	30 003	1 697 066
Fevereiro	850 213	446 522	1 296 735	272	16 237	1 313 244
Março	629 609	361 008	990 617	298	17 617	1 008 532
Abril	495 136	379 824	874 960	346	27 588	902 894
Total de jan. a abril	**3 715 568**	**2 032 073**	**5 754 641**	**1 489**	**131 542**	**5 880 672**

Obs.: Embarcadas via Rodoviária em Salvador 701 sacas e 50 sacas em Recife.

A boa colheita e a boa secagem do café são as operações que, principalmente, influem na qualidade e no tipo. A variedade do café tem menor importância nêsse ponto, bem como o trato. O que principalmente importa para um bom tipo e uma boa qualidade são a colheita e a secagem.

Colheita no ponto, e feita no pano ou em cestas, é a mais recomendável. Secagem cuidadosa, impedindo umidade, fermentações, insolação demasiada. Catação rigorosa de todos os detritos. Boa separação na máquina de beneficiamento.

Eis alguns dos cuidados que lhe devem ser dispensados a fim de que possamos vencer *pela qualidade.*

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFE'

JUNHO DE 1957

Sacas de 60 quilos

PORTOS DE EMBARQUES	QUANTIDADE EXPORTADA					TOTAL
	EXTERIOR			Consumo de bordo	Cabotagem	
	Estados Unidos	Outros países	TOTAL			
Santos	336 609	146 538	483 147	249	74	483 470
Rio de Janeiro	28 859	139 171	168 030	9	793	168 832
Paranaguá	58 607	16 786	75 393	11	4 315	79 719
Vitória	32 567	41 457	74 024	9	31 243	105 276
Angra dos Reis	2 621	4 243	6 864	—	—	6 864
Salvador	—	1 838	1 838	—	3 905	5 743
Recife	—	9 890	9 890	11	170	10 071
Total	459 263	359 923	819 186	289	40 500	859 975
Janeiro	1 203 937	462 814	1 666 751	312	30 003	1 697 066
Fevereiro	850 213	446 522	1 296 735	272	16 237	1 313 244
Março	629 609	361 008	990 617	298	17 617	1 008 532
Abril	495 136	379 824	874 960	346	27 588	902 894
Maio	536 673	381 905	918 578	261	40 097	958 936
Total de Janeiro a junho	4 174 831	2 391 996	6 566 827	1 778	172 042	6 740 647

Obs.: — Embarcadas via Rodoviária: 170 sacas em Salvador, 481 scs. em Recife e via Ferroviária 8.100 sacas em Vitória, tôdas não computadas no total.

Procure ler boas publicações sôbre assuntos agrícolas. E consulte os técnicos. Não trabalhe rotineiramente.

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

SACAS DE 60 QUILOS

1957	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	BAHIA	PARANAGUÁ	A. DOS REIS	RECIFE	TOTAL
JANEIRO	2 739 462	702 717	172 452	8 069	698 877	21 798	6 736	4 350 111
FEVEREIRO	2 777 517	688 263	164 055	7 607	538 827	19 069	8 181	4 203 519
MARÇO	2 930 009	614 331	121 968	8 547	507 662	17 308	5 527	4 205 352
ABRIL	2 934 228	513 140	112 341	10 444	417 199	11 884	10 419	4 009 655
MAIO	2 775 505	444 702	71 664	11 969	344 058	10 369	7 159	3 665 426
MAIO — 1956 —	2 739 113	586 998	132 637	21 892	786 658	2 024	16 974	4 286 296
„ — 1955 —	2 224 920	639 125	205 482	22 539	129 522	10 161	11 797	3 243 576
„ — 1954 —	2 233 149	220 366	45 344	18 092	445 485	—	12 828	2 975 264
„ — 1953 —	2 962 411	56 041	12 454	6 045	790 122	—	5 488	2 832 561

Há fatôres naturais que influem na produção dos *cafés de bebida*. Em certas regiões êles são produzidos com maior facilidade: são um produto expontâneo, por assim dizer.

Mas, isso não significa que bons cafés não possam ser produzidos também em zonas menos adequadas. Tudo depende de cuidado e de técnica, principalmente durante a colheita, a secagem e o beneficiamento.

Câmbio em Nova Yo

Agôst

(Valor das divers

DIAS	Londres £	Montreal $	Rio de Janeiro Cr $	Buenos Aires Peso	Monte-video Peso	Pari Fran
1	2 78 7/16	1 05 13/32	0 01 38	0 02 35	0 24 50	000 28
2	2 78 3/8	1 05 3/8	0 01 37	0 02 35	0 24 50	000 28
5	2 78 3/8	1 05 15/32	0 01 37	0 02 35	0 24 50	000 28
6	2 78 5/16	1 05 17/32	0 01 36	0 02 35	0 24 50	000 28
7	2 78 5/16	1 05 7/16	0 01 33	0 02 35	0 24 50	000 28
8	2 78 5/16	1 05 1/2	0 01 33	0 02 31	0 24 50	000 28
9	2 78 5/16	1 05 15/32	0 01 33	0 02 31	0 24 50	000 28
12	2 78 5/16	1 05 15/32	0 01 33	0 02 29	0 24 50	000 24
13	2 78 5/16	1 05 1/2	0 01 33	0 02 33	0 24 50	000 23
14	2 78 5/16	1 05 9/16	0 01 36	0 02 33	0 24 50	000 23
15	2 78 1/4	1 05 23/32	0 01 36	0 02 33	0 24 50	000 23
16	2 78 5/16	1 05 13/16	0 01 35	0 02 33	0 24 50	000 23
19	2 78 7/16	1 06 7/8	0 01 34	0 02 31	0 24 50	000 23
20	2 78 5/8	1 06 1/16	0 01 34	0 02 34	0 24 50	000 23
21	2 78 7/16	1 05 1/32	0 01 34	0 02 29	0 24 62	000 23
22	2 78 3/8	1 05 13/16	0 01 35	0 02 36	0 24 62	000 23
23	2 78 5/16	1 05 21/32	0 01 35	0 02 36	0 24 62	000 23
26	2 78 1/2	1 05 13/32	0 01 33	0 02 36	0 24 62	000 23
27	2 78 3/8	1 05 3/32	0 01 33	0 02 38	0 24 50	000 23
28	2 78 5/16	1 05 1/32	0 01 33	0 02 32	0 24 62	000 23
29	2 78 5/16	1 05 7/32	0 01 31	0 02 29	0 24 62	000 23
30	2 78 5/16	1 05 5/32	0 01 29	0 02 32	0 24 62	000 23
Mínima	**2 78 1/4**	**1 05 1/32**	**0 01 29**	**0 02 29**	**0 24 50**	**000 23**
Média	**2 78 3/8**	**1 05 17/32**	**0 01 35**	**0 02 33**	**0 24 54**	**000 25**
Máxima	**2 78 5/8**	**1 06 1/16**	**0 01 38**	**0 02 38**	**0 24 62**	**000 28**

rk sôbre diversas praças

› de 1957

as moedas em dólar)

is co	Berna Franco	Stockol- mo Coroa	Madrid Peseta	Lisboa Escudo	Bélgica Franco	Amster- dan Guilder	Brasil Cr$ oficial
9/16	0 23 33 75	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0199 1/8	0 26 13	0 05 50
9/16	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0199 1/8	0 26 13	0 05 50
9/16	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0199 3/16	0 26 12	0 05 50
9/16	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0199 1/16	0 26 12	0 05 50
9/16	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0199 1/8	0 26 12	0 05 50
9/16	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0199 1/8	0 26 12	0 05 50
9/16	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 7/8	0 26 12	0 05 50
00/00	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 5/8	0 26 12	0 05 50
15/16	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 5/8	0 26 12	0 05 50
15/16	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 7/8	0 26 12	0 05 50
27/32	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 7/8	0 26 12	0 05 50
27/32	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 1/2	0 26 12	0 05 50
27/32	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 9/16	0 26 11	0 05 50
27/32	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 5/8	0 26 11	0 05 50
27/32	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 9/16	0 26 11	0 05 50
27/32	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 9/16	0 26 11	0 05 50
27/32	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 9/16	0 26 11	0 05 50
27/32	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 9/16	0 26 11	0 05 50
27/32	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 9/16	0 26 12	0 05 50
27/32	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 9/16	0 26 12	0 05 50
27/32	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 9/16	0 26 12	0 05 50
27/32	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 9/16	0 26 12	0 05 50
27/32	0 23 33 75	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 1/2	0 26 11	0 05 50
3/8	0 23 33 99	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0198 3/4	0 26 12	0 05 50
9/16	0 23 34 00	0 19 34	0 02 36	0 03 50	0 0199 3/16	0 26 13	0 05 50

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

AGOSTO DE 1957 (Em Cr$ por 10 quilos)

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Sem descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
1	441,50	390,00	361,50	305,00	255,00
2	443,50	390,00	361,50	305,00	255,00
5	—	—	—	305,00	255,00
6	438,50	386,50	353,50	302,50	255,00
7	438,50	386,50	353,50	300,00	255,00
8	438,50	386,50	353,50	297,00	248,00
9	438,50	386,50	353,50	297,00	245,00
12	435,00	383,50	350,00	297,00	245,00
13	431,50	383,50	351,50	297,00	245,00
14	431,50	383,50	351,50	297,00	242,00
16	433,50	381,50	353,50	297,00	240,00
19	431,50	381,50	351,50	293,00	238,00
20	430,00	381,50	351,50	290,00	235,00
21	430,00	381,50	351,50	288,00	233,00
22	430,00	381,50	351,50	288,00	233,00
23	—	—	—	287,00	233,00
26	431,50	381,50	353,00	287,00	323,00
27	431,50	381,50	351,50	287,00	233,00
28	431,50	381,50	353,50	285,00	233,00
29	431,50	381,50	353,50	282,50	230,00
30	433,50	381,50	353,50	282,50	228,00
Mínima	**430,00**	**381,50**	**351,50**	**282,50**	**228,00**
Média	**434,90**	**383,76**	**353,39**	**293,79**	**241,38**
Máxima	**443,50**	**390,00**	**361,50**	**305,00**	**255,00**

Produzir cafés bem cuidados, limpos e de bom aspecto, dá pouco mais trabalho que produzir cafés maus. Muito pouco aparelhamento se exige, a mais, para a produção de cafés finos. O que é necessário é, principalmente cuidado, atenção, capricho.

E o ágio sôbre os bons cafés compensa, de sobra, êsses cuidados, além do fato de que, nos tempos de superprodução, os cafés que *sobram* não são, por certo, os de boa qualidade e bom aspecto.

Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York

AGÔSTO DE 1957 (Em cents. por libra (peso) 453,60

DIAS	SANTOS							RIO
	Tipo 2 FOB	Tipo 3 FOB	Tipo 4 FOB	Tipo 2 ext. mole	Tipo 4 ext. mole	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 7
1	N/Cot.	55.00	53.25	N/Cot..	57.00	N/Cot.	N/Cot.	45.50
2	"	55.00	53.25	"	57.00	"	"	45.50
5	"	55.00	53.25	"	57.00	"	"	45.50
6	"	55.00	53.00	"	57.00	"	"	45.50
7	"	55.00	52.75	"	57.00	"	"	45.50
8	"	54.00	52.75	"	57.00	"	"	45.50
9	"	N/Cot.	52.75	"	56.50	"	"	45.25
12	"	"	52.50	"	56.00	"	"	45.25
13	"	"	52.50	"	56.00	"	54.00	45.00
14	"	"	52.00	"	56.00	"	54.00	45.00
15	"	"	52.00	"	56.00	"	54.00	44.75
16	"	"	52.00	"	56.00	"	54.00	44.75
19	"	"	52.00	"	56.00	"	54.00	44.75
20	"	"	52.00	"	56.00	"	54.00	44.25
21	"	"	52.00	"	56.00	"	54.00	43.75
22	"	53.00	52.00	"	56.00	"	N/Cot.	44.00
23	"	53.00	52.00	"	56.00	"	"	44.00
26	"	53.00	52.00	"	56.00	"	"	43.75
27	"	53.00	52.00	"	56.00	"	"	43.50
28	"	52.00	51.00	53.00	53.50	"	"	43.25
29		52.00	51.00	53.00	53.50	"	"	43.25
30	53.00	52.00	51.00	N/Cot.	53.50	"	"	43.25
Mínima	**53.00**	**52.00**	**51.00**	**53.00**	**53.50**		**54.00**	**43.25**
Média	**53.00**	**53.62**	**52.23**	**53.00**	**55.95**		**54.00**	**44.58**
Máxima	**53.00**	**55.00**	**52.25**	**53.00**	**57.00**	—	**54.00**	**45.50**

Cotações de cafés não brasileiros em Nova Yorque

MÊS DE AGÔSTO DE 1957

Em cents por libra (pêso) 453,60

PROCEDÊNCIA	DIAS				Média
	7	14	21	28	
COLÔMBIA					
Medelim Excelso	64 50	63 25	63 00	62 50	63 21
Armenia	64 50	63 25	63 00	62 50	63 21
Manizales	64 50	63 25	63 00	62 50	63 21
COSTA RICA					
Hard	67 00	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	67 00
Atlantic fino	N/Cot.	»	»	»	
EQUADOR					
Lavado	57 50	56 50	55 50	54 50	56 00
Extra não lavado	N/Cot.	N/Cot.	45 00	N/Cot.	45 00
GUATEMALA					
Antigua	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	
Bourbon	»	»	»	»	
Extra primeira	»	»	61 75	»	61 75
Lavado bom	»	»	N/Cot.	»	
HAITI					
Lavado bom mole	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	
Catado à mão	54 00	54 00	54 00	54 50	54 13
HONDURAS					
Lavado bom	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	
Tipo 5 — comum duro	»	»	»	»	
MÊXICO					
Coatepec	60 50	60 50	61 50	N/Cot.	60 83
Tapachula primeira	60 00	60 00	61 00	62 00	60 75
NICARAGUA					
Matagalpa	/NCot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	
Lavado bom	»	»	»	»	
EL SALVADOR					
Lavado primeira	62 25	62 25	N/Cot.	N/Cot.	62 25
S. DOMINGOS					
Lavado bom mole	59 00	59 00	58 75	58 00	58 69
Fino	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	58 50	58 50
VENEZUELA					
Tachras	62 00	62 50	61 50	61 50	61 88
CONGO BELGA					
Lavado robusta	61 00	59 00	59 50	59 00	59 63
Natural robusta	40 00	39 00	39 75	39 00	39 44
MOCA					
Moca Arábia	62 00	62 00	62 00	62 00	62 00
INDONÉSIA					
Genuino lavado	75 00	75 50	76 00	75 50	75 50
UGANDA					
Lavado	34 50	34 75	N/Cot.	N/Cot.	34 63
ETIOPIA					
Harrar	57 00	57 00	56 00	55 50	56 40
Djima	45 00	45 00	45 00	45 00	45 00
COSTA DO MARFIM					
Courant	34 50	34 50	35 00	34 75	34 69

Observação: As cotações acima se referem a "Desembarcado á vista líquido.

POSIÇÃO ESTATÍSTICA DO CAFÉ NO BRASIL EM 31 DE JULHO

Era a seguinte a posição estatística do café no Brasil em 31 de julho — safras 1953/54 a 1957/58, segundo comunicado do Instituto Brasileiro do Café (unidade: mil sacas de 60 quilos):

I — SALDO VERIFICADO EM 30/6:					
1) a liberar	69	15	66	2.874	60
2) estóque disponível nos portos	3.235	3.304	3.239	3.856	3.613
Total	3.304	3.319	3.305	6.730	3.673
II — CAFÉ REGISTRADO (Julho):					
1) cafés de safras anteriores	12	8	8	13	13
2) cafés da safra em curso	1.419	1.854	1.548	1.223	1.213
3) cafés revertidos aos mercados	—	—	—	—	7
Total	1.430	1.862	1.556	1.236	1.233
TOTAL I + II	4.734	5.181	4.861	7.966	4.906
III — CONSUMO (Julho):					
1) exportação para o exterior	876	626	954	1.275	977
2) comércio de cabotagem	36	20	36	31	45
3) Cons. no int. e industrializado	—	—	—	2	8
4) cafés retirados dos mercados	—	—	—	—	2
Total	951	625	1.027	1.351	1.061
IV — EXISTÊNCIA (x)	3.783	4.496	3.834	6.615	3.845

Nota : — (x) Inclui o café existente nos portos, Armazéns Reguladores e em trânsito.

(Do "Boletim da A. Comercial de Santos — n.º 488).

MUDAS BEM CUIDADAS

O cuidado que se deve dispensar às mudas do cafeeiro constitui medida básica para a manutenção em altas condições técnico-agrícolas da lavoura do nosso principal produto exportável. Nos chamados "viveiros", são conservadas e abrigadas das intempéries, dada sua fragilidade, as mudas, que, transplantadas, no tempo oportuno, oferecerão resultados verdadeiramente proveitosos para a cafeicultura.

COTAÇÕES DE CAFÉ A TÊRMO EM NOVA YORK

Em cents. por libra (pêso) 453,60 — Contrato "B"

AGÔSTO DE 1957

DIAS	SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO 1958		MAIO 1958		JULHO 1958	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	54.70	54.14	52.50	52.00	52.50	51.50	51.40	50.35	49.90	49.31
2	54.36	54.60	52.30	52.30	N/Cot.	51.70	N/Cot.	50.35	49.35	49.09
5	54.60	53.90	52.50	52.10	51.60	51.35	50.10	50.05	49.10	48.80
6	54.25	53.55	52.05	51.80	51.50	50.95	N/Cot.	49.90	N/Cot.	48.61
7	53.70	53.60	51.70	51.75	50.85	50.75	49.75	49.55	48.50	48.50
8	53.80	53.80	51.65	51.65	50.70	50.65	49.50	49.45	48.50	48.35
9	54.10	53.60	51.65	51.53	50.60	50.55	49.40	49.30	48.30	48.20
12	53.54	52.85	51.50	50.60	50.70	49.65	49.25	48.45	48.25	47.45
13	52.60	52.40	50.61	50.25	49.85	49.25	48.55	47.90	47.65	46.90
14	52.50	52.75	50.28	50.25	49.27	49.15	47.90	47.90	47.00	46.90
15	52.85	53.27	50.75	50.15	49.60	49.10	48.05	47.88	47.40	46.88
16	53.16	53.10	50.10	50.10	49.10	48.90	47.73	47.79	46.75	46.79
19	52.80	52.55	50.30	50.00	48.75	48.65	47.80	47.55	N/Cot.	46.55
20	52.55	52.00	50.10	49.55	48.80	47.90	47.60	46.80	»	45.80
21	51.98	52.25	49.55	49.90	47.90	48.35	46.75	47.30	45.75	46.40
22	52.50	52.90	50.35	50.40	48.95	48.45	47.60	47.46	46.80	46.55
23	53.00	52.40	50.60	50.00	48.50	48.10	47.35	47.10	46.50	46.10
26	52.75	52.60	50.25	50.08	48.10	48.30	47.05	47.25	46.00	46.25
27	52.40	52.05	50.25	49.50	48.05	47.50	47.05	46.40	46.25	45.35
28	51.50	51.50	49.50	49.25	47.50	47.50	46.00	46.40	45.25	45.40
29	51.60	51.50	49 35	49.15	47.75	47.35	46.40	46.35	45.70	45.35
30	52.00	52 20	49.30	49.70	48.00	47.95	N/Cot.	46.95	45.20	45.92
Mínima	**51.50**	**51.50**	**49.30**	**49.15**	**47.50**	**47.35**	**46.00**	**46.33**	**45.20**	**45.35**
Média	**53.06**	**52 98**	**50.78**	**50.55**	**49.46**	**49.25**	**48.17**	**48.11**	**47.27**	**47.07**
Máxima	**54.70**	**54.60**	**52.50**	**52.30**	**52.50**	**51.70**	**51.40**	**50.35**	**49.90**	**49.31**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I – MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA — AGÔSTO DE 1957

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Coroa	Holanda Florim
1	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	N/Cot.	4 60 43	N/Cot.	3 64 02	4 95 50
2	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 60 15	"	3 64 02	4 95 27
3	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 87	"	3 64 02	4 95 32
5	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 87	"	3 64 03	4 95 20
6	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 58 74	"	3 64 02	4 95 20
7	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 30	"	3 64 02	4 95 20
8	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 58	"	3 64 02	4 95 20
9	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 58	"	3 64 02	4 95 03
10	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 30	"	3 64 02	4 94 34
12	52 69 00	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 30	"	3 64 02	4 94 51
13	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 42	"	3 64 02	4 95 27
14	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 58	"	3 64 03	4 95 15
16	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 30	"	3 64 02	4 95 20
17	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 30	"	3 64 02	4 95 32
19	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 30	"	3 64 02	4 95 27
20	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 60 15	"	3 64 02	4 95 20
21	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 60 71	"	3 64 02	4 95 20
22	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 60 43	"	3 64 02	4 95 20
23	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 59 58	"	3 64 02	4 95 20
24	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 60 43	"	3 64 02	4 95 27
26	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 60 43	"	3 64 02	4 95 32
27	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 60 43	"	3 64 02	4 95 24
28	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 60 71	"	3 64 02	4 95 20
29	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 61 27	"	3 64 02	4 95 27
30	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	"	4 60 15	"	3 64 02	4 95 32
31	52 69 60	18 82 00	4 42 80	0 66 07	"	4 61 27	"	3 64 02	4 95 44
Mínima	**52 69 60**	**18 82 00**	**4 42 69**	**0 66 07**		**4 58 74**		**3 64 02**	**4 94 34**
Média	**52 69 60**	**18 82 00**	**4 42 69**	**0 66 07**		**4 59 95**		**3 64 02**	**4 95 19**
Máxima	**52 69 60**	**18 82 00**	**4 42 69**	**0 66 07**		**4 61 27**		**3 64 02**	**4 95 50**

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

II – MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA — AGÔSTO DE 1957

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Coroa	Holanda Florim
1	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	N/Cot.	4 44 28	N/Cot.	3 55 13	4 83 39
2	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 44 01	»	3 55 13	4 83 16
3	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 75	»	3 55 13	4 83 21
5	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 75	»	3 55 13	4 83 10
6	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 42 68	»	3 55 13	4 83 10
7	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 21	»	3 55 13	4 83 10
8	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 48	»	3 55 13	4 83 10
9	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 48	»	3 55 13	4 82 93
10	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 21	»	3 55 13	4 82 25
12	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 21	»	3 55 13	4 82 42
13	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 32	»	3 55 13	5 83 16
14	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 48	»	3 55 13	4 83 04
16	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 21	»	3 55 13	4 83 10
17	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 21	»	3 55 13	4 83 21
19	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 21	»	3 55 13	4 83 16
20	51 40 80	18 36 00	4 38 34	0 63 28	»	4 44 01	»	3 55 13	4 83 10
21	51 40 90	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 44 55	»	3 55 13	4 83 10
22	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 44 28	»	3 55 13	4 83 10
23	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 48	»	3 55 13	4 83 10
24	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 44 28	»	3 55 13	4 83 16
26	51 49 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 44 28	»	3 55 13	4 83 21
27	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 44 28	»	3 55 13	4 83 13
28	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 44 28	»	3 55 13	4 83 10
29	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 45 09	»	3 55 13	4 83 16
30	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 44 01	»	3 55 13	4 83 21
31	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 45 09	»	3 55 13	4 83 33
Mínima	**51 40 80**	**18 36 00**	**4 28 34**	**0 63 28**		**4 42 68**		**3 55 13**	**4 82 25**
Média	**51 40 80**	**18 36 00**	**4 28 34**	**0 63 28**		**4 43 81**		**3 55 13**	**4 83 08**
Máxima	**51 40 80**	**18 36 00**	**4 28 34**	**0 63 28**		**4 45 09**		**3 55 13**	**4 83 39**

Câmbio em São Paulo

CÂMBIO

- 1957 -

MERCADO SOB TAXAS OFICIAIS

RESUMO DAS OPERAÇÕES, EFETUADAS PELOS BANCOS DESTA PRAÇA DURANTE O MÊS DE JULHO

PAÍSES	*MOÉDAS*	*COMPRAS*	*VENDAS*
Alemanha	Marcos	17.348.735	18.824.143
Bélgica	Francos	45.924.456	49.942 870
Dinamarca	Corôas	9.644.881	8.859.850
Est. Unidos	Dolares	15.744.800	18.200.458
França	Francos	600.280.604	447.633.790
Holanda	Florins	1.542.262	2.079.150
Inglaterra	Libras	1.644.173	1.295.242
Itália	Liras	623.162.409	664.251.518
Portugal	Escudos	7.222	47.888
Suécia	Corôas	13.326.136	14.223.958
Suiça	Francos	163.889	471.716

CONVÊNIOS

US$	Alemanha	52.297	31.037
US$	Argentina	819.023	814.230
US$	Bolivia	.—	1.748
US$	Chile	14.675	437.995
US$	Espanha	1.856.697	1.294.147
US$	Finlândia	760.984	639.358
US$	Grécia	3	3
US$	Hungria	156.439	232.773
US$	Israel	7.344	6.087
US$	Iugoslávia	47.426	18.158
US$	Japão	6.557.752	4.172.396
US$	Noruéga	726.457	583.530
US$	Polonia	111.444	81.290
US$	Portugal	186.640	218.348
US$	Tchecoslovaquia	1.218.540	1.182.070
US$	Turquia	1.000	1.006
US$	Uruguai	35.155	2 365
US$	Itália	916	155
	Total de US$ Convênios	12.552.792	9.716.746
£ s/	Islândia	1.708	5.605

Câmbio em São Paulo

-CÂMBIO-

-1957-

Resumo das operações efetuadas pela Bolsa Oficial de Valores, durante o mês de JULHO DE 1957

Países	Moedas		Quantidade
Alemanha	Marcos	Cr$	164 265 272,00
Bélgica	Francos	"	23 410 942,00
Canadá	Dolares	"	1 719 297,00
Dinamarca	Corôas	"	35 635 989,00
Estados Unidos	Dolares	"	2 312 654 951,00
França	Francos	"	49 909 772,00
Holanda	Florins	"	16 630 336,00
Inglaterra	Libras	"	200 061 076,00
Itália	Liras	"	48 673 859,00
Portugal	Escudos	"	21 064 921,00
Suécia	Corôas	"	78 723 829,00
Suiça	Franco	"	21 031 895,00
Uruguai	Pesos	"	144 771,00
Total das Moedas		Cr$	2 973 926 910,00

CONVÊNIOS

US$ Alemanha		Cr$	623 066,00
US$ Argentina		"	4 225 022,00
US$ Austria		"	172 153,00
US$ Chile		"	2 165 545,00
US$ Espanha		"	8 226 105,00
US$ Finlândia		"	5 693 830,00
US$ Hungria		"	3 944 471,00
US$ Israel		"	1 412 963,00
US$ Iugoslávia		"	1 268 910,00
US$ Japão		"	83 211 865,00
US$ Noruega		"	3 952 182,00
US$ Polônia		"	2 881 785,00
US$ Portugal		"	174 268,00
US$ Tchecoslováquia		"	2 847 149,00
US$ Turquia		"	207 040,00
US$ Uruguai		"	122 662,00
Total de Convênios		Cr$	**121 129 016,00**

QUADRO COMPARATIVO

Total das operações realizadas em Julho de 1956	**2 086 398 447,0**
Total das operações realizadas em Junho de 1957	**2 369 991 746,0**
Total das operações realizadas em Julho de 1957	**3 095 055 926,0**

Câmbio em São Paulo

CÂMBIO

-1957-

MERCADO SOB TAXAS LIVRES

Resumo das operações , efetuadas pelos Bancos desta praça durante o mês de JULHO DE 1956

Países	Moedas	Compras	Vendas
Alemanha	Marcos	4 576 853	4 726 821
Argentina	Pesos	270 863	220 96
Áustria	Shillings	180	180
Austrália	Libras	55	66
Bélgica	Francos	2 016 391	1 439 042
Canadá	Dolares	30 222	32 587
Chile	Pesos	67 170	50 000
Colômbia	Pesos	22	22
Dinamarca	Coroas	402 266	329 150
Espanha	Pesetas	131 497	106 072
Estados Unidos	Dolares	17 270 386	17 700 938
França	Francos	21 999 397	38 209 911
Holanda	Florins	95 701	120 437
Inglaterra	Libras	512 530	523 144
Itália	Liras	131 009 176	124 299 452
Paraguai	Guaranis	2 600	1 000
Portugal	Escudos	7 927 190	8 945 486
Suécia	Coroas	1 455 250	1 219 410
Suiça	Francos	989 663	912 460
Uruguai	Pesos	15 748	12 671
Venezuela	Bolivar	50	50

CONVÊNIOS

US$ Argentina	11 435	11 170
US$ Chile	10 707	20
US$ Espanha	28 901	17 152
US$ Finlândia	8 783	8 490
US$ Hungria	5 816	2 716
US$ Israel	647	572
US$ Iugoslávia	231	231
US$ Japão	48 266	24 892
US$ Noruega	12 250	360
US$ Polônia	4 700	—
US$ Portugal	41	—
US$ Tchecoslováquia	5 296	969
Total de US$ Convênios	**137 073**	**66 572**
s/ Islândia	23	—

Câmbio em São Paulo

Médias diárias de câmbio oficial, fixadas pela Bôlsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de Julho de 1957

Dias	Inglaterra	Est. Unidos	Holanda	Alemanha	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França	Itália
2	52,6960	18,8200	4,9471	4,5030	4,4277	—	—	—	0,3756	0,0536	0,0302
3	52,6960	18,8200	—	4,9912	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0537	0,0301
4	52,6960	18,8200	4,9480	4,5100	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	0,3761	0,0536	0,0303
5	52,6960	18,8200	—	4,5016	—	3,6402	2,7499	—	0,3741	0,0537	0,0303
6	52,6960	18,8200	4,9468	4,5102	4,4278	—	2,7499	—	0,3761	0,0537	0,0303
8	52,6960	18,8200	—	4,5092	—	—	—	—	—	—	0,0303
10	—	18,8200	4,9489	4,5116	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3762	0,0537	0,0303
11	52,6960	18,8200	4,9515	4,5129	—	3,6402	2,7499	0,6607	0,3749	0,0538	0,0303
12	52,6960	18,8200	4,9506	4,5092	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3760	0,0535	0,0303
13	52,6960	18,8200	—	4,5116	4,4278	—	—	—	—	0,0537	0,0303
15	52,6960	18,8200	4,9538	—	—	—	—	—	—	0,0538	—
16	52,6960	18,8200	4,9573	4,5121	4,4273	3,6402	2,7499	0,6607	0,3763	0,0537	0,0303
17	52,6960	18,8200	—	4,5121	4,4273	3,6402	—	—	0,3763	0,0537	0,0303
18	52,6960	18,8200	4,9573	4,5107	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3747	0,0537	0,0303
19	52,6960	18,8200	4,9465	4,5124	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3754	0,0538	0,0303
20	52,6960	18,8200	4,9465	—	4,4278	3,6402	2,7499	—	—	0,0538	0,0303
22	—	18,8200	—	4,5138	—	3,6402	—	—	—	—	—
23	52,6960	18,8200	—	4,5141	4,4273	3,6402	2,7499	—	0,3747	0,0538	0,0303
24	52,6960	18,8200	4,9518	4,5138	4,4273	3,6402	2,7499	—	0,3764	0,0538	0,0303
25	52,6960	18,8200	4,9515	4,5141	—	3,6402	2,7499	—	0,3754	0,0537	0,0303
26	52,6960	18,8200	4,9573	4,5143	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	0,3765	0,0538	0,0303
27	52,6960	18,8200	4,9506	4,5138	4,4269	3,6402	2,7499	—	0,3764	0,0538	0,0303
29	52,6960	18,8200	—	—	4,4269	3,6402	—	—	—	0,0538	—
30	—	18,8200	—	4,5136	4,4269	3,6402	2,7499	0,6607	0,3769	0,0538	0,0303
31	52,6960	18,8200	4,9506	4,5092	—	—	2,7499	—	0,3761	0,0538	0,0303
MD	52,6960	18,8200	4,9510	4,5102	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	0,3757	0,0537	0,0303

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

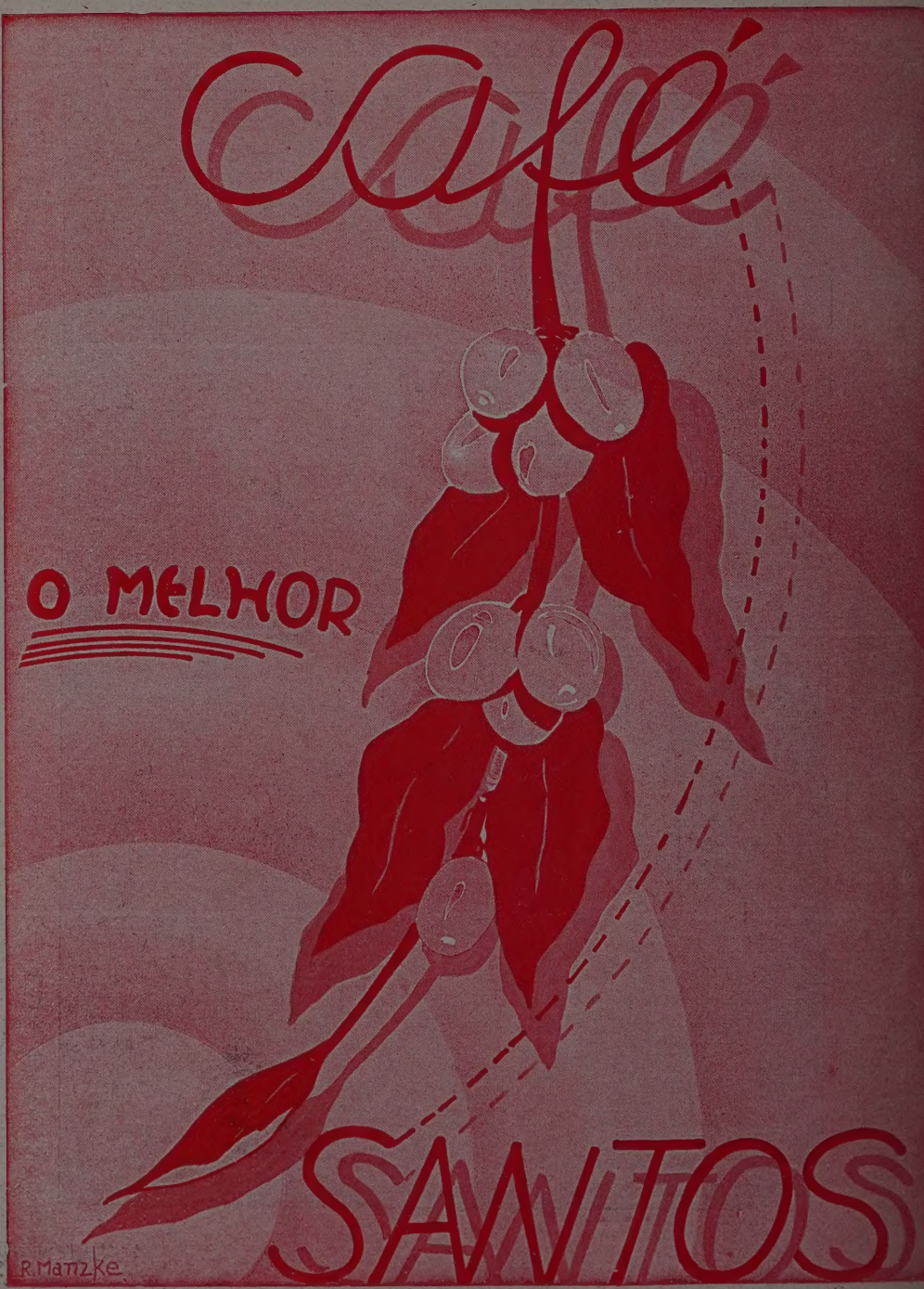
Prós e contras do café solúvel — J. Testa 5
Pragas do cafeeiro — I — Francisco A. M. Mariconi 8
O café "mundo novo" — Eng. Agr. José Gomes da Silva 13
Normas para a formação de mudas de café — Plínio Parreira 20

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

"Cafèzais novos em terras velhas" 26
Normas para o transporte rodoviário da safra cafeeira de 57/58 27
As moléstias do cafeeiro 30
Ainda a nova ordem cafeeira 32
Adubação das covas 33
São Pedro, a fazenda pioneira do sombreamento — José Alcântara 34
Emprêgo do alfange nos cafèzais 37
O café na zona de Araraquara — Primo Pinotti 38
Aumenta a preparação de cafés solúveis no E.U.A. 39
Irrigação dos cafèzais — José L. Papousek 40
Assistência à cafeicultura 43
A poda do cafeeiro — Alcides Carvalho 44
Aspectos econômicos do uso dos herbicidas 46
Carta do sr. Júlio Balza 47
Uma séria doença do cafeeiro — Sebastião Silva 48
Cuidados com o café novo 51
Ecos do XIX congresso nacional dos cafeicultores da Colômbia 53
Conselhos úteis ao lavrador 54
Sol e café — Pedro Correia Neto 55
Nutrição do cafeeiro 57
Reforça-se a posição dos cafés africanos nos E.U.A. 58
Observou-se queda de 12% na exportação brasileira de café da safra recém-finda 59
Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio — Port. 232 60
Exportação de café brasileiro no mês de Junho 60
Exportação de café 60
A adubação do cafeeiro 61
Adubos e acidez do solo 62
O que dizem, de nossas publicações, os seus leitores — Continuação 63
Cobertura do solo 66
A posição estatística do café a 30-6-57 no Brasil 67
O café visto nos Estados Unidos (Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano de Nova York — agôsto — N.os 1047 a 1051) 68

ESTATÍSTICAS:

Suplemento Estatístico n.º 381 — 3 de outubro de 1957 94
Exportação brasileira de café — maio de 1957 98
Exportação Brasileira de café — Junho 99
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — jan.º a maio 100
Movimento de café na praça de Santos — agôsto ..... apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — agôsto ..... apenso
Cotações de cafés disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória — ag. .. 101
Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York — agôsto 102
Cotações de cafés não brasileiros em Nova York — agôsto 103
Posição estatística do café no Brasil em 31 de julho 104
Cotações de café a têrmo em Nova York — Contrato "B" — agôsto 105
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Vendas à Vista — ag. .. 106
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Compras à Vista — agôsto 107
Câmbio em São Paulo — 1957 — Mercado sob taxas oficiais — julho 108
Câmbio em São Paulo — 1957 — Resumos das operações — Julho 109
Câmbio em São Paulo — Livre — julho 110
Câmbio em São Paulo — Oficial — julho 111



INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA S/A